



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - CONCEIÇÃO DO COITÉ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE -
PPED



NOVACK NUELI CUNHA OLIVEIRA

FORMAÇÃO DE LEITORES NA CIBERCULTURA: O PROJETO
ESTRUTURANTE EPA COMO MEDIAÇÃO PARA PRÁTICAS
HIPERTEXTUAIS NO ENSINO MÉDIO

CONCEIÇÃO DO COITÉ (BA)
2021

NOVACK NUELI CUNHA OLIVEIRA

**FORMAÇÃO DE LEITORES NA CIBERCULTURA: O PROJETO
ESTRUTURANTE EPA COMO MEDIAÇÃO PARA PRÁTICAS
HIPERTEXTUAIS NO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia, Campus XIV, linha de pesquisa 01: Educação, Linguagens e Identidade, como exigência institucional para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Dr^a. Úrsula Cunha Anacleto

CONCEIÇÃO DO COITÉ – BA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

Oliveira, Novack Nueli Cunha

Formação de leitores na cibercultura o projeto estruturante EPA como mediação para práticas hipertextuais no ensino médio / Novack Nueli Cunha Oliveira. – Conceição do Coité, 2021.

160f.:il.

Orientadora: Profa. Dra. Úrsula Cunha Anecleto

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação Campus XIV. Mestrado Profissional em Educação e Diversidade.

Contém anexos

1. Formação do Hiperleitor. 2. Cibercultura. 3. Projeto EPA. 4. Museu Virtual de Língua Portuguesa. I. Anecleto, Úrsula Cunha. II. Universidade do Estado da Bahia. III. Título.

CDD: 372.4

FOLHA DE APROVAÇÃO

"FORMAÇÃO DE LEITORES NA CIBERCULTURA: O PROJETO ESTRUTURANTE EPA COMO MEDIAÇÃO PARA PRÁTICAS HIPERTEXTUAIS NO ENSINO MÉDIO"

NOVACK NUELI CUNHA OLIVEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade – MPED, em 14 de julho de 2021, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:

Úrsula Cunha Anecleto

Professor(a) Dr.(a) ÚRSULA CUNHA ANECLETO

UEFS

Doutorado em Educação

Universidade Federal da Paraíba

Cleidiana Patrícia Costa Ramos

Professor(a) Dr.(a) CLEIDIANA PATRÍCIA COSTA RAMOS

UNEB

Doutorado em Antropologia

Universidade Federal da Bahia

Ivana Carla Oliveira Sacramento

Professor(a) Dr.(a) IVANA CARLA OLIVEIRA SACRAMENTO

SEC/BA

Doutorado em LÍNGUA E CULTURA

Universidade Federal da Bahia

AGRADECIMENTOS

Você não sabe o quanto eu caminhei
Pra chegar até aqui
Percorri milhas e milhas antes de dormir
Eu nem cochilei
Os mais belos montes escalei
Nas noites escuras de frio chorei
(A Estrada, Cidade Negra)

Gratidão sempre foi um sentimento muito marcante em minha vida. É chegada a hora da realização de um grande sonho. Finalizar o mestrado é uma dádiva, pois passei por momentos desafiadores, que me levaram a pensar que não conseguiria concluir esse ciclo de aprendizados múltiplos da minha vida.

O mestrado foi um “divisor de águas” em minha vida, pois foi uma etapa muito significativa, a qual me fez perceber que sou capaz de superar as dificuldades mais adversas possíveis. É importante ressaltar que, a conclusão de um mestrado em meio a um momento tão atípico, como o da pandemia da Covid-19, não foi fácil; nos faz refletir sobre sensações que perpassam pelo medo, pela angústia, pela tristeza, mas também um pouco que, paradoxalmente, também nos desperta para vivenciarmos etapas de superação como essa que vivencio nesse tempo/espço.

Penso que as conquistas devem ser partilhadas com as pessoas que nos fazem perceber que nunca estamos sozinhas na caminhada e, dessa maneira, agradeço a Deus por ter concebido saúde para continuar, mesmo quando o cansaço e as angústias apareciam, os votos de agradecimentos vão para minha família, em especial para minha filha, Maria Helena, que me impulsionou a continuar, mesmo nos momentos em que fui ausente, pois precisava cumprir as demandas do mestrado. Quero deixar registrado o quão importante e especial foi a minha excelente orientadora, Prof^a. Dra. Úrsula Cunha Aneleto, pessoa de uma competência e de um carisma inigualáveis. Um exemplo de ser humano a ser seguido, pois consegue realizar seu trabalho com profissionalismo, com empatia e muita doçura.

Os agradecimentos se estendem à banca de qualificação e de defesa compostas pelas queridas e competentes professoras Dr^a. Ivana Sacramento, da Universidade Federal

da Bahia – UFBA Secretaria Estadual de Educação – SEC, e professora Dr^a. Cleidiana Ramos, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB; pelas profícuas contribuições dadas para a qualificação e também para o processo de construção desta dissertação. À minha amiga Poliana Araújo por ter me escutado nos momentos mais delicados da jornada. Aos professores do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade – MPED, por contribuírem com novos saberes através dos componentes ministrados, em especial à professora Dr^a Obdália S. Ferraz Silva, por ter me convidado para participar dos encontros de formação do Grupo de Estudos e Pesquisas em Multiletramentos, Educação e Tecnologias – GEPLET.

Aos meus colegas mestrandos do MPED-UNEB, em particular a Geisa Dias e Cristina Lisboa, pelas trocas de conversas e conhecimentos nos momentos mais tensos do processo. Aos discentes, que participaram como sujeitos da pesquisa, por terem aceitado o convite para integrar este estudo. Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para o processo de construção desta pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa tem como temática a discussão sobre práticas leitoras na cibercultura por alunos do Ensino Médio. Tem como objeto de estudo a prática de leitura de hipertextos no espaço escolar, tendo como escopo para a investigação artefatos culturais que fazem parte da cibercultura, especificamente o acervo de Museu Virtual da Língua Portuguesa, considerando os sentidos multimodais e multissemióticos desses artefatos textuais. Dessa maneira, este trabalho apresenta a seguinte questão norteadora: como o trabalho em sala de aula com hipertextos, a partir do acervo do Museu Virtual de Língua Portuguesa, contribui para a formação do hiperleitor? Como objetivo geral, elegeu-se: compreender como o trabalho com a leitura na esfera digital, a partir de hipertextos presentes no Museu Virtual de Língua Portuguesa, pode ampliar a formação de leitores críticos e reflexivos. A escolha por esse objeto se deu devido à necessidade de trabalhar com estratégias e eventos de leitura que corroborem com uma maneira de perceber os textos em toda sua amplitude de materialização, pois esses se apresentam de forma múltipla e vão além da cultura grafocêntrica. Possuem características que produzem diversão, informação e construção de conhecimento, também de forma lúdica. Teoricamente, este estudo embasa-se nas abordagens que fundamentam os estudos sobre formação do hiperleitor, historização da leitura e leitura em contextos virtuais; concepção de hipertexto, cibercultura e aspectos dos textos digitais. Para o percurso metodológico, optou-se por uma abordagem qualitativa com método netnográfico, por esse caracterizar-se como uma metodologia que estuda fenômenos e relações advindas da cultura digital. Como dispositivos para a construção de informações, utilizou-se o questionário *on-line* minicursos virtuais. Os participantes da pesquisa são doze estudantes da 2ª série do Ensino Médio, do Colégio Estadual Professora Olgarina Pitangueira Pinheiro, na cidade de Conceição do Coité (BA). O produto resultante do processo de intervenção constituiu-se em uma fanpage, organizada pelos alunos, na rede social Facebook, que materializou pesquisas realizadas pelos participantes, por meio de espaços virtuais, a respeito dos patrimônios culturais da cidade de Conceição do Coité (BA). Os achados da investigação possibilitaram afirmar que discentes interpretaram criticamente textos que representam aspectos patrimoniais tanto da cultura local quanto global, a partir do trânsito na cibercultura, e, conseqüentemente, ampliaram a formação de hiperleitores críticos e reflexivos, levando em conta potencialidades socioculturais da cultura tecnológica e do projeto estruturante EPA, já pertencente à cultura escolar.

Palavras-chave: Formação do hiperleitor. Cibercultura. Projeto EPA. Museu Virtual de Língua Portuguesa.

ABSTRACT

This research has as its theme the discussion of reading practices in cyberculture by high school students. Its object of study is the practice of reading hypertexts in the school space, with the scope for investigating cultural artifacts that are part of cyberculture, specifically the Portuguese Language Virtual Museum collection, considering the multimodal and multisemiotic meanings of these textual artifacts. Thus, this work presents the following guiding question: how does working in the classroom with hypertexts, from the collection of the Virtual Museum of Portuguese Language, contribute to the formation of hyperreaders? As a general objective, it was chosen: to understand how the work with reading in the digital sphere, from hypertexts present in the Virtual Museum of Portuguese Language, can broaden the formation of critical and reflective readers. The choice for this object was due to the need to work with reading strategies and events that corroborate a way of perceiving texts in their entirety of materialization, as these are presented in multiple ways and go beyond graphocentric culture. They have characteristics that produce fun, information and knowledge construction, also in a playful way. Theoretically, this study is based on approaches that underlie studies on hyper-reader training, historical reading and reading in virtual contexts; hypertext design, cyberculture and aspects of digital texts. For the methodological path, we opted for a qualitative approach with a netnographic method, as this is characterized as a methodology that studies phenomena and relationships arising from digital culture. As devices for the construction of information, the online questionnaire and virtual mini-courses were used. The research participants are twelve students from the 2nd grade of high school, from Colégio Estadual Professora Olgarina Pitangueira Pinheiro, in the city of Conceição do Coité (BA). The resulting product of the intervention process consisted of a fanpage, organized by the students, on the Facebook social network, which materialized research carried out by the participants, through virtual spaces, about the cultural heritage of the city of Conceição do Coité (BA). The research findings made it possible to state that students critically interpreted texts that represent heritage aspects of both local and global culture, based on the transit in cyberculture, and, consequently, expanded the training of critical and reflective hyper-readers, taking into account the sociocultural potential of technological culture and the EPA structuring project, already part of the school culture.

Keywords: Hyperreader training. Cyberculture. EPA Project. Virtual Museum of Portuguese Language.

LISTA DE SIGLAS

TDIC –	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação
SAEB –	Sistema de Avaliação da Educação Básica
EPA –	Estudo Patrimonial Artístico
CEPOPP –	Colégio Estadual Professora Olgarina Pitangueira Pinheiro
JPF –	João Paulo Fragoso
CEC –	Centro de Educação de Coité
UNEB –	Universidade do Estado da Bahia
NTE –	Núcleo Territorial de Ensino
FACINTER -	Centro Universitário Educacional de Curitiba
MPED –	Mestrado Profissional em Educação e Diversidade
GEPLET –	Grupo de Estudo e pesquisa em Multiletramentos, Educação e Tecnologias
CNPq –	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
SEC/BA –	Secretaria de Educação do Estado da Bahia
PISA –	Programa Internacional de Avaliação de Alunos
SABE –	Sistema de Avaliação Baiano de Ensino
CAPES –	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
UEM –	Universidade do Estado do Maranhão
UFBA –	Universidade Federal do Estado da Bahia
UERJ –	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
TIC –	Tecnologias da Informação e Comunicação
REA –	Recursos Educacionais Abertos Digitais
ENEM –	Exame Nacional do Ensino Médio
CUML –	Centro Universitário Moura Lacerda
MV –	Museu Virtual
PNLD –	Plano Nacional do Livro Didático
MVLP –	Museu Virtual da Língua Portuguesa
RV –	Realidade Virtual
OSA	Orquestra Santo Antônio
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

CEP	Conselho de Ética em Pesquisa
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
TAL	Tempo de Arte Literária
AVE	Artes Visuais Estudantis
FACE	Festival Anual de Canções Estudantil
MLP	Museu de Língua Portuguesa
EJA	Educação de Jovens e Adultos
IIIC	Comissão Internacional de Cooperação Intelectual
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
AI -	Arquitetura de Informação

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 -	Título das Pesquisas da Revisão Sistemática sobre a Categoria Formação de Leitores na Cibercultura	24
QUADRO 2 -	Título das Pesquisas da Revisão Sistemática sobre a Categoria Textos Multiletrados no Espaço Escolar	26
QUADRO 3 -	Título das Pesquisas da Revisão Sistemática sobre a Categoria Hiperleitor	28
QUADRO 4 -	Temáticas discutidas nos minicursos	89
QUADRO 5 -	Planejamento para realização do primeiro minicurso	103
QUADRO 6 -	Planejamento para realização do segundo minicurso	113
QUADRO 7 -	Planejamento para realização do terceiro minicurso	117
QUADRO 8 -	Planejamento para realização do quarto minicurso	1122

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 -	Localidade de moradia dos estudantes da pesquisa	84
GRÁFICO 2 -	Aparatos digitais mais utilizados pelos alunos	84
GRÁFICO 3 -	Avaliação feita pelos estudantes sobre o uso das tecnologias Digitais (TD) no contexto escolar	84
GRÁFICO 4 -	Meio digitais em que os alunos costumam realizar leituras	86
GRÁFICO 5 -	Sobre a participação dos discentes no projeto EPA	86
GRÁFICO 6 -	Resposta sobre a internet utilizada pelos participantes da pesquisa	87

LISTA DE FIGURA

FIGURA 1 -	Princípios do Hipertexto	40
FIGURA 2 -	Metáfora do Hipertexto	44
FIGURA 3 -	Print da Homepage do Museu Virtual de Língua Portuguesa (MVLP)	57
FIGURA 4 -	Print da Seção Faça um Tour Virtual	58
FIGURA 5 -	Print da Seção Explorar/ Destaques	59
FIGURA 6 -	Print do Espaço Fotos da História	60
FIGURA 7 -	Print da seção Por Perto: Visitas/Navegar	60
FIGURA 8 -	Etapa do projeto EPA	69
FIGURA 9 -	Patrimônio Centro Cutural de Conceição do Coité	73
FIGURA 10 -	Desing do questionário disponibilizado no Google Forms	82
FIGURA 11 -	Mapa da cidade de Conceição do Coité	91
FIGURA 12 -	Planta do Sisal	92
FIGURA 13 -	Fachada da Universidade do Estado da Bahia, em Conceição do Coité	93
FIGURA 14 -	Apresentação de quadrilha na Semana de Cultura, em Conceição do Coité	94
FIGURA 15 -	Colégio Estadual Professora Olgarina Pitanguiera Pinheiro	95
FIGURA 16 -	Categorias para construção e análise de informações	99
FIGURA 17 -	Slide do minicurso 1	106
FIGURA 18 -	Diversidade de modalidades textuais disponíveis na página inicial do MVLP	119
FIGURA 19 -	Diversidade de atividades nas rotas de navegação	120
FIGURA 20 -	Arquitetura da Informação – <i>website</i> matricial	123
FIGURA 21 -	Página inicial da fanpage	126
FIGURA 22 -	Igreja da Matriz de Conceição do Coité	127
FIGURA 23 -	Página da <i>fanpage</i> com a Banda Marcial Menino Jesus	128

LISTA DE TABELA

TABELA 1 -	Desempenho do CEPOPP no ENEM, em 2019	96
-------------------	---------------------------------------	----

SUMÁRIO

1	(CIBER)ACERVO INTRODUTÓRIO	15
1.2	IMPLICAÇÃO COM A PESQUISA: AMPLIANDO O (CIBER)ACERVO	17
1.3	REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA: (CIBER) TRAJETÓRIAS INICIAIS	24
2	CONTEXTUALIZAÇÃO DA LEITURA: DOS PICTOGRAMAS AO TEXTO DIGITAL	29
2.1	HISTORIZAÇÃO DA LEITURA	31
2.2	LER EM CONTEXTOS DIGITAIS: O HIPERLEITOR	37
2.2.1	O hipertexto	40
2.2.2	O hiperleitor	46
3	MUSEUS VIRTUAIS COMO ESPAÇO DE HIPERLEITURA	50
3.1	MUSEU VIRTUAL DE LÍNGUA PORTUGUESA E HIPERLEITURA	57
4	PROJETO ESTRUTURANTE EPA E A FORMAÇÃO DO HIPERLEITOR: INTERAÇÃO COM OUTROS ACERVO	63
4.1	PROJETO ESTRUTURANTE EPA	68
4.2	O PROJETO ESTRUTURANTE EPA NO CEPOPP: APRESENTANDO NOVOS ACERVOS	72
5	ACERVOS METODOLÓGICO	75
5.1	MÉTODO DE PESQUISA	75
5.2	DISPOSITIVOS DE PESQUISA	81
5.2.1	Questionário	81
5.2.2	Minicursos	88
5.3	LOCUS DA PESQUISA	90
5.3.1	Conhecendo o município de Conceição do Coité	90
5.3.2	Colégio estadual Professora Olgarina Pitangueira Pinheiro	94
5.4	PARTICIPANTES DA PESQUISA	98
5.5	CATEGORIAS DE PESQUISA	99

6	INTERANGINDO COM (CIBER)ACERVOS: MVLP E EPA	101
	COMO ESPAÇOS DE FORMAÇÃO DO LEITOR	
6.1	(CIBER) ACERVOS DAS ANÁLISES DAS INFORMAÇÕES PARTILHADAS	101
6.2	(CIBER) PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE NOVOS ACERVOS	103
6.2.1	Minicurso 1	103
6.2.2	Minicurso 2	113
6.2.3	Minicurso 3	117
6.2.4	Minicurso 4	121
6.3	(CIBER)ACERVO DO TERRITÓRIO DO SISAL: CONSTRUÇÃO DO FACEBOOK	124
6.3.1	Patrimônio, virutalidde e hiperleitura	125
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
	REFERÊNCIAS	134
	APÊNDICES	141
	ANEXOS	149

1 (CIBER)ACERVO INTRODUTÓRIO

Nas práticas sociais modernas, os sujeitos estão expostos à leitura e à escrita de textos multimodais e multissemióticos a todo momento. Entretanto, apesar da circulação intensiva da escrita e da imagem em diversos espaços, percebe-se que a escola precisa acompanhar essas mudanças de signos advindas das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC). Nesse sentido, é importante ampliar o debate sobre o perfil de leitores desses textos e, conseqüentemente, sobre concepções de leitura na cibercultura¹.

A partir de dados veiculados por diversas avaliações educacionais, a exemplo das avaliações externas realizadas pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB)², e de minha própria experiência docente, constata-se que, no cotidiano das escolas, práticas de leitura ainda são realizadas, muitas vezes, de forma tradicional, centrando-se na maioria das vezes em mídias impressas, pouco oportunizando aos alunos o contato com hipertextos multiletrados que circulam na esfera digital. Devido a isso, os alunos, que já têm contato com uma diversidade de textos digitais em outros espaços formativos, não dão sentido a algumas dessas práticas de leitura, entendendo-as como ações eminentemente escolares. Portanto, a Escola precisa dialogar com novos gêneros discursivos e esferas comunicativas em que esses textos circulam.

Por essa perspectiva, amplia-se a concepção de leitura que, agora, abarca textos dos mais variados contextos/tipos de artefatos sociocomunicativos e das várias formas de linguagem. Isso porque o perfil cognitivo do leitor tem se modificado devido às novas percepções ocorridas na cibercultura e os textos tornaram-se híbridos, fluidos e não lineares. Pautando-se nessa ideia de fusão de gêneros discursivos, misturas linguísticas e culturais de modalidades textuais diversas, surgem os textos que possuem várias linguagens.

Esses textos são híbridos e plurais; exploram e integram diferentes símbolos semióticos. Podem ser lidos e escritos na esfera digital e ressignificam a maneira de como a comunicação pode ser reconfigurada na sociedade atual. Esses textos, multimodais e multissemióticos, potencializam diferentes práticas de leitura, pois apresentam-se com possibilidades de imagem, som, signos verbais e não verbais, foto, vídeos, enfim, semioses que ampliam a capacidade de leitura e de escrita dos discentes.

¹ A cibercultura corresponde ao “[...] conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 2010, p. 17). É a cultura contemporânea, mediada pelas tecnologias digitais da informação e comunicação em rede.

² O Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) é um conjunto de avaliações externas em larga escala que permite ao Inep realizar um diagnóstico da educação básica brasileira e de fatores que podem interferir no desempenho do estudante. Por meio de testes e questionários, aplicados a cada dois anos na rede pública e em uma amostra da rede privada, o Saeb reflete os níveis de aprendizagem demonstrados pelos estudantes avaliados, explicando esses resultados a partir de uma série de informações contextuais. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/educacao-basica/saeb>>. Acessado em: 22 jun. 2020.

O leitor na cibercultura interage com os “nós” desses textos, a partir de links dos hipertextos: “[...] um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos, que podem ser eles mesmos hipertextos.” (LÉVY, 2008, p. 33). Esses textos fazem parte do ciberespaço, infraestrutura material da comunicação digital e universo oceânico de informação que ela abriga.

O contato com essas novas linguagens e manifestações linguísticas presentes no ciberespaço deve ser trabalhado em sala de aula em uma perspectiva reflexiva, de maneira que princípios como a ética e a responsabilidade social sejam colocados como meios primordiais para a construção da identidade de leitura, pois, através dessa atividade, o cidadão pode alcançar uma emancipação crítica e transformadora do seu meio social.

À vista dessas breves considerações teórico-epistemológicas, esta pesquisa apresenta como objeto de estudo a prática de leitura de hipertextos no espaço escolar, tendo como escopo para a investigação artefatos culturais que fazem parte da cibercultura, especificamente o acervo de Museu Virtual da Língua Portuguesa, considerando os sentidos multimodais e multissemióticos desses artefatos textuais. A escolha por esse objeto se deu devido à necessidade de se trabalhar com estratégias e eventos de leitura que corroborem com uma maneira de perceber os textos em toda sua amplitude de materialização, pois esses se apresentam de forma múltipla e vão além da cultura grafocêntrica. Possuem características que podem produzir diversão, informação e produção de conhecimento, também de forma lúdica.

Para a realização da pesquisa, escolheu-se como aporte problematizador o Projeto Estruturante Educação Patrimonial e Artística (EPA), uma das ações do governo do estado da Bahia, como forma de ampliar políticas culturais dos alunos da Educação Básica. O EPA promove o desenvolvimento de ações significativas para o exercício do direito à cultura, com o objetivo de preservar aspectos históricos e artísticos com vistas à formação de um novo desenho de cultura, que fomentem práticas de identificação, reconhecimento e preservação do patrimônio cultural local, baiano e nacional.

Esse projeto estruturante proporciona o debate sobre questões patrimoniais e intensifica práticas culturais no campo da história, da arte, da juventude, ampliando a democratização dos saberes e dos espaços sócio-históricos assim como a apropriação da história e da cultura, mediada por diversas linguagens. A problematização desta pesquisa surge justamente nesse contexto de despertar no aluno a vontade de conhecer e trabalhar novas formas e maneiras de ler outros formatos textuais, dentre eles os que fazem parte da cibercultura, a exemplo dos artefatos do museu virtual, para que se tornem sujeitos autônomos em relação a suas escolhas de leitura.

Dessa forma, apresenta-se a seguinte questão norteadora: como o trabalho em sala de aula com hipertextos, a partir do acervo do Museu Virtual de Língua Portuguesa, contribui para a formação do hiperleitor? Como objetivo geral elegeu-se: compreender como o trabalho com a leitura na esfera digital,

a partir de hipertextos presentes no Museu Virtual de Língua Portuguesa, pode ampliar a formação de leitores críticos e reflexivos.

Os objetivos específicos são: possibilitar aos discentes interpretarem criticamente textos da esfera digital como meio para a formação de leitores críticos e reflexivos para uma vida cidadã; potencializar o diálogo dos alunos com hipertextos, a partir de uma estética tecnológica presente no museu virtual; discutir sobre a importância das diferentes linguagens para o fortalecimento das experiências leitoras cotidianas e, portanto, das práticas culturais e patrimoniais dos alunos; produzir com os sujeitos da pesquisa um acervo *on-line* com recursos patrimoniais da cidade de Conceição do Coité (BA).

Tem como sujeitos de pesquisa alunos da 2ª série do Ensino Médio, do Colégio Estadual Professora Olgarina Pitangueira Pinheiro (CEPOPP). Escolheu-se essa fase de escolarização, pois, além de ser um dos segmentos de ensino atendidos pelo projeto EPA, corresponder ao ciclo final da escolarização básica, quando se espera que os alunos consolidem conhecimentos quanto à diversidade de linguagem e de modalidades textuais, também na esfera digital.

Como professora de Língua Portuguesa e Literaturas há mais de vinte anos e, atualmente, gestora do CEPOPP, *locus* da pesquisa, percebo a necessidade de inserir diversas práticas textuais em sala de aula para fomentar outras competências de leitura, que levem em conta aspectos cognitivos e interativos em suas diversas manifestações sociais. Espera-se, com este estudo, possibilitar aos discentes interpretarem criticamente hipertextos veiculados na cibercultura e, conseqüentemente, ampliar a formação de hiperleitores críticos e reflexivos no espaço escolar, levando-se em conta potencialidades socioculturais da cultura tecnológica.

1.2 IMPLICAÇÃO COM A PESQUISA: AMPLIANDO O (CIBER)ACERVO

Pautando-se nas ideias elencadas no processo desta pesquisa, urge a necessidade de oportunizar aos alunos que se tornem protagonistas educacionais, a partir de propostas de ações motivadoras em que docentes e discentes percebam a importância de desenvolver um trabalho ético e responsável com as competências e as habilidades de leitura. Sou³ professora há mais de duas décadas da área de linguagens e suas Tecnologias⁴. Sinto-me emocionada ao revisitar memórias tão significativas na minha vida. Essas

³ Por se tratar de um memorial, em que apresento minhas itinerâncias e trajetórias pessoais e profissionais, utilizarei, nesta seção, e em outros momentos em que apresento narrativas pessoais, a primeira pessoa do singular.

⁴ A área de Linguagens e suas Tecnologias é composta pelos componentes disciplinares Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa. Tem por objetivo, no Ensino Médio, “[...] propiciar oportunidades para a consolidação e a ampliação das habilidades de uso e de reflexão sobre as linguagens – artísticas, corporais e verbais (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita) –, que são objeto de seus diferentes componentes (Arte, Educação Física, Língua Inglesa e Língua Portuguesa).” (BRASIL/BNCC, 2018, p. 484).

me levam a fases importantes que demonstram o quão valiosas são as práticas de leitura que perpassam/perpassaram por minha implicação como leitora.

Sou a sexta filha de uma família humilde composta por sete irmãos. Minha mãe, Maria José Cunha Oliveira, é uma mulher simples, que dedica sua vida aos afazeres domésticos. Meu pai, Felisberto Silva Oliveira (*In memoriam*), era um homem de pouca escolaridade, mas de uma imensa experiência de vida. Conheceu muitos lugares e trabalhou em algumas funções. Creio que o gosto pelas artes tenha adquirido quando em uma fase da vida trabalhou como porteiro em um cinema, na cidade do Rio de Janeiro. E esse gosto pelas artes, especificamente os filmes cinematográficos, foi apresentado a todos nós que, mesmo sem nunca termos frequentado uma sala de cinema, conhecíamos o universo desses textos multissemióticos.

A influência de meu pai quanto à leitura de posters de filmes que eram exibidos em salas de cinema representou uma importante marca de contato com diversas linguagens e modos de ler. Sobre a leitura, há relatos feitos por minha mãe de que, quando criança, eu já demonstrava desejo em aprender a ler antes de ir para a escola. Aos sete anos de idade, matricularam-me na Escola Municipal Santa Terezinha, situada na cidade de Conceição do Coité. Nessa primeira instituição, estudei 1º e 2º anos do antigo Ensino Primário. Tive contato com as primeiras noções de leitura e de escrita e logo me encantei pelo ato de ler.

Estudava no turno matutino e à tarde aprendia outros conteúdos na “banca” que a professora Perpétua Maria Boaventura Sampaio dava, sem fins lucrativos, em sua residência. Vale ressaltar que essa docente foi e continua sendo uma referência muito marcante em minha formação como leitora. Por meio dessa professora, tive acesso a livros de poesias, contos e histórias infantis que impactaram, de maneira positiva, a minha visão de leitura.

Outra instituição de Ensino que fez parte da minha trajetória foi a Escola Estadual Nossa Senhora da Conceição. Lá conheci educadoras que, com carinho, profissionalismo e sensibilidade trabalhavam a leitura impressa com zelo e dinamismo. Refiro-me à diretora Lindalva Mascarenhas Carneiro (*In memoriam*). Essa querida professora era minha vizinha; levava-me para a escola todos os dias, chovesse ou fizesse sol.

O meu gosto pelo estudo da Língua Portuguesa deu-se quando, na 4ª série, conheci a professora Doranei Mendes (*In memoriam*). Naquela época, ela já realizava leitura a partir de imagens! Recordo-me de, uma certa feita, ter lido nas “entrelinhas” um desenho que eu fiz. Aquele texto imagético falava tanto de mim, mas a ingenuidade e falta de maturidade peculiar à minha idade, naquele momento, não permitiam que eu compreendesse a grandiosidade que tal texto refletia sobre minha essência. Ela, docilmente, me ensinou o quanto a leitura poderia estar imbricada ao nosso contexto social e histórico. Nessa fase, fui percebendo que algumas narrativas me levaram através do imaginário a lugares e a pessoas que o meu estado físico e financeiro não me permitia ir.

Já no Ginásio, atual anos finais do Ensino Fundamental, estudei no Colégio Estadual Polivalente de Conceição do Coité. Lembro-me de que o contato com os livros, nessa fase, deu-se por compra de livros reutilizados e por empréstimo de alguns poucos colegas de turma. Na antiga 8ª série, comecei a dar aulas particulares a alguns alunos da rede particular de ensino; essa dinâmica aguçou a necessidade de fazer outras leituras para poder orientar os estudantes nas suas atividades escolares cotidianas, o que me levou a conhecer, agora como “professora”, textos mais técnicos sobre a Língua Portuguesa.

Esse início de docência, mesmo que ainda não legitimada, me despertou o interesse em seguir a carreira docente. Assim, ingressei no curso de Magistério aos quinze anos de idade no Colégio Cenecista Wercelêncio Calixto da Mota, escola que também tive a oportunidade de algum tempo depois lecionar as disciplinas Língua Portuguesa e Literatura. Nesse tempo e espaço, surgiram algumas outras oportunidades de trabalho na área da docência. Ainda, no 1º ano do curso de Magistério, comecei a lecionar como professora na Escola Municipal Auto Barbosa de Souza, localizada em um pequeno povoado de Conceição do Coité, chamado Correia. Saliento que lecionar no espaço rural e em turmas multisseriadas foi um grande desafio. A classe era formada por alunos e alunas de diferentes idades, que variavam de 7 a 15 anos. As séries também eram distintas: da 1ª à 4ª séries do Ensino Primário.

No curso de Magistério, conheci professoras que se tornaram grandes amigas; essas apresentaram-me a leituras mais densas sobre a profissão docente e da literatura de forma geral e, conseqüentemente, bem mais reflexivas das que eu tinha tido contato até então. É com muita sensibilidade e gratidão que relato o quanto a professora e madrinha Margarida Ferreira Gomes marcou a minha vida. Foi através dela que conheci algumas leituras como: *A Cor Púrpura*, da escritora negra Alice Walquer; *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Autonomia*, do imortal Paulo Freire, e várias outras obras que me mostraram o quanto eu e meus alunos e minhas alunas podíamos transformar realidades a partir de uma educação crítica e emancipatória. Nesse momento, já lecionava também na esfera particular de ensino.

Percebi o quanto a leitura freiriana era pertinente para a construção do ideal de uma educação mais justa, solidária e engajada, tendo como foco a leitura do mundo e a valorização dos contextos textuais dos alunos. Essas leituras fizeram a diferença em minha atuação nas escolas onde já lecionava nesse momento: uma escola periférica da sede do município, a Escola Municipal João Paulo Fragoso (JPF), e em uma instituição particular, o Centro de Educação de Coité (CEC).

Ao lecionar nessas duas realidades distintas, foi possível notar discrepâncias em relação ao acesso à leitura (dentre outras práticas escolares). Tentar ser uma docente que fazia diferença não apenas na esfera particular, em que muitos alunos possuem a facilidade de acesso a artefatos da cultura letrada, a exemplo de livros, recursos tecnológicos etc., mas, principalmente, na esfera pública que, infelizmente, apresenta escassez desses artefatos, se tornou um grande desafio em minha formação e, ao mesmo tempo, uma meta a ser alcançada para a minha profissão.

Na Escola pública citada anteriormente, percebi a face mais visível da desigualdade social. Foi nesse espaço que coloquei minhas leituras de Paulo Freire em ação. Ficava (e ainda fico) extremamente sensibilizada e, ao mesmo tempo, angustiada, em saber que muitos discentes com os quais tive contato foram vitimados pela violência latente no município, sem serem assistidos por políticas públicas, inclusive educacionais, que pudessem mudar suas histórias. Entretanto, levo a certeza de que deixei a minha mensagem de esperança e de dignidade para cada sujeito que encontrei ali.

Na fase citada na narrativa descrita acima, eu já tinha certeza do poder transformador que a Educação pode/poderia exercer na vida dos sujeitos. Sempre que possível, frequentava o Centro Cultural da cidade para ler livros. Tais leituras eram muito diversas. Lia jornal, romance, enciclopédia, almanaques e ainda fazia palavras cruzadas. Com o passar do tempo, prestei vestibular e fui aprovada no Curso de Letras Vernáculas em Língua Portuguesa e Literaturas, no Departamento de Educação, campus XIV, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Nesse ambiente, tive acesso a leituras mais densas e rebuscadas sobre o ensino de Língua, práticas de leitura, entre outras áreas de conhecimento, principalmente, através das indicações feitas pelas professoras Cristina de Carvalho no componente de Língua Portuguesa e Fátima Berenice, em Literatura Brasileira.

Foram muitos os saberes que permearam minha vida nessa etapa acadêmica: fui aprovada para o concurso de professores do estado da Bahia. Lecionei por dois anos na cidade de Euclides da Cunha, na Escola Estadual Antonieta Xavier da Silva, e, algum tempo depois, fui transferida para trabalhar no Colégio Estadual Professora Olgarina Pitangueira Pinheiro (CEPOPP), *locus* desta pesquisa. Minha remoção para esse ambiente escolar deu-se no ano de 2004. Sou docente dessa instituição de ensino há mais de quinze anos. Firmei laços de pertencimento com esse lugar. Construí sólidas relações de convívio social e profissional.

No CEPOPP, encontro terreno fértil para colocar em prática ações com novos eventos de leitura. Percebo que os discentes são consumidores de textos veiculados na esfera digital, mas que precisam despertar para as possibilidades de potencialização de novos saberes advindos desses textos. Nessa perspectiva, foi proposto o trabalho com o uso de artefatos da esfera digital, a partir do projeto estruturante EPA, ação que promove a valorização do patrimônio cultural e histórico da Bahia e do contexto nacional.

Enquanto docente que atua na instituição, tenho a percepção de que esse projeto traz uma gama de conhecimentos significativos que são produzidos pelos estudantes em relação à valorização das manifestações artísticas pertencentes ao Território do Sisal, como também de outros espaços geográficos da Bahia, que ratificam a pluralidade cultural existente em nosso país. Os estudantes têm a oportunidade de dialogarem com pesquisas que resgatam o valor da cultura local e produzirem textos verbais e não verbais, impressos e digitais, para situarem-se nesses contextos. Dessa forma, o Colégio Estadual Professora Olgarina Pitangueira Pinheiro tem participado anualmente, através das produções realizadas

no projeto EPA, das seleções regionais que acontecem no Núcleo Territorial de Educação (NTE), sempre com premiação pelo resultado da construção de pesquisa e da materialização textual.

Ao terminar a graduação, senti a necessidade de conhecer novas possibilidades de melhorias para a minha prática docente. Ingressei em uma especialização em estudos na área de Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Internacional de Curitiba (FACINTER). Após essa etapa, parei os estudos acadêmicos, pois a dinâmica da vida não me permitiu continuar. Fiquei cerca de catorze anos sem contato direto com cursos de especialização, de forma direta e sistematizada. Alguns sonhos pareciam impossíveis de se realizar; ingressar em um mestrado em uma Universidade Pública era um desses sonhos.

A implementação do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED) no Território do Sisal foi um divisor de águas na vida de trabalhadores e trabalhadoras da área de educação na região. Após quase duas décadas, recomecei os estudos a partir de matrícula especial no componente Literatura, Cinema e Mídias Digitais, ministrado pelo professor doutor Adriano Eysen. Participei, a convite da professora doutora Obdália Ferraz, de algumas reuniões do Grupo de Estudos e Pesquisas em Multiletramentos, Educação e Tecnologias (GEPLET/CNPq). Essas foram inserções muito importantes para que eu percebesse me preparar para a construção de um projeto de pesquisa e concorrer a uma vaga no mestrado.

Cursar o Mestrado em Educação tendo a professora doutora Úrsula Cunha Anecleto como orientadora, para mim, um referencial de educadora e de leitora, pois além de ser uma profissional de excelência, transmite segurança, empatia e doçura para seus discentes, é um ser humano que traz consigo uma visão holística ao discutir Educação, está sendo uma experiência ímpar. Considero a professora uma educadora que prima por ética e pela responsabilidade em sua prática docente; enfim, uma profissional que vivencia a teoria na prática. Diante de tantos aprendizados adquiridos no mestrado, acredito que essa experiência é de suma importância para que minha prática docente se pautem em ações em que os discentes sejam protagonistas e atores sociais críticos e reflexivos.

Atualmente, estou como gestora do ambiente que é *locus* desta pesquisa, o Colégio Estadual Professora Olgarina Pitangueira Pinheiro, localizado na região sisaleira, na cidade de Conceição do Coité, Bahia. Ao longo da minha trajetória como docente, trabalhei com todas as modalidades de ensino da Educação Básica, do Ensino Infantil ao Ensino Médio, nas esferas pública e particular de ensino. Entretanto, sinto que o trabalho com as práticas de leitura ainda necessita de maior implementação na sala de aula e de ações metodológicas mais críticas e reflexivas para que contemple os novos formatos de textos que fazem parte da esfera digital.

Só tive acesso a computador depois de muitos anos de docência e afirmo que a partir desse aparato tecnológico as minhas aulas tornaram-se mais atrativas e dinâmicas. Portanto, é imprescindível que se reflita acerca da maneira como se trabalha o ato de ler e a produção de texto nas disciplinas de

Língua Portuguesa e Literaturas. Essa temática sempre me inquietou, pois percebo, apesar de muitos debates, um ensino que ainda é muito tradicional, que privilegia quase que constantemente a cultura do impresso e resiste em abordar questões que permeiam o caráter híbrido e hipertextual dos textos da cibercultura.

Além disso, os projetos de leitura, habilidade foco desta investigação, que são articulados e desenvolvidos no CEPOPP, muitas vezes, não representam os discentes, pois esses dialogam com uma diversidade de modalidades textuais que não se encontram no modelo de eventos de leitura que são solicitados como propostas de ações metodológicas na sala de aula. Os textos que são contemplados nesses projetos, muitas vezes, não perpassam pela vivência dos alunos; são dissociados do contexto dos jovens e dos adolescentes. Assim, esses alunos não se sentem atraídos pela visão de leitura que é abordada na Escola.

Entre as diversas lacunas/limitações em relação à prática leitora que existe no espaço escolar, destacamos como objeto de estudo a leitura de textos multiletrados, pertencentes à esfera digital. Para dar sentido à leitura do hipertexto na prática pedagógica, elegemos o Projeto Estruturante Educação Patrimonial e Artística (EPA), evento de letramento que já faz parte da cultura escolar pública do estado da Bahia, em toda a Educação Básica.

Nesse sentido, a Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC/BA), através do planejamento anual dos Projetos Estruturantes, tem oportunizado uma iniciativa pertinente ao trabalho com múltiplas linguagens. Esses projetos constituem categorias de ações que buscam a reestruturação dos processos de gestão pedagógica, a diversificação e inovação das práticas curriculares e, conseqüentemente, a melhoria da aprendizagem. Entretanto, mesmo que no ano de 2020 o EPA não tenha sido realizado em nenhuma escola do estado da Bahia, devido à pandemia da covid-19 e, dessa forma, a realização do ensino remoto emergencial, totamos como base ações e alunos participantes da versão anterior, em 2019.

Nesta pesquisa, partimos do estudo de práticas multiletradas do EPA, tendo como espaço-tempo o acervo do *site* do Museu Virtual de Língua Portuguesa. O EPA, projeto desenvolvido pela SEC desde 2012, oportuniza aos alunos entenderem as distintas linguagens artísticas (visual, fílmica, literária, musical, entre outras) como parte do patrimônio cultural de um povo. Essa ação oportuniza ao professor refletir, em sala de aula, que a educação não é dissociada da história, da memória, da cultura e do patrimônio, pois esses fatores estão intrinsecamente ligados à experiência da vida cultural e educativa dos estudantes.

Interligar projetos educativos já existentes na cultura escolar com propostas que ampliem habilidades de leitura dos alunos torna-se muito relevante para a ampliação das práticas de leitura dos alunos. Órgãos institucionais, como Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), Sistema de Avaliação da Educação Básica de Ensino (SAEB) e Sistema de Avaliação Baiano de Ensino (SABE)

apresentam números referentes aos índices de proficiência em leitura dos estudantes da Educação Básica.

O Colégio onde trabalho e atuo como gestora, no ano de 2019, realizou a prova do Sistema de Avaliação Baiano de Educação (SABE), tal avaliação é realizada a cada dois anos com alunos do Ensino Médio. Esse instrumento de avaliação externa, embora, muitas vezes, realizado de forma generalizante e com questões dissociadas do universo textual dos alunos, permite a escola ter uma amostragem sobre o nível de proficiência na disciplina de Língua Portuguesa, prioritariamente, em relação à leitura. Nesse sentido, os alunos da escola *locus* deste projeto foi avaliado com uma taxa de mais de 60% aquém nas competências referentes à leitura para a etapa de escolarização que estavam cursando.

Diante dessa constatação, é pertinente adotar práticas de leitura que se fundamentam em uma perspectiva de texto que seja multimodal e multissemiótica, no sentido de ampliar o conceito de texto na ação pedagógica, pois esse é vasto e dinâmico. Assim, a Escola, como agência formal da cultura letrada, precisa incentivar ações pedagógicas que contemplem o ensino com a diversidade de textos presentes na sociedade, dentre eles os veiculados na esfera digital.

A partir dessas considerações iniciais, esta pesquisa é circunscrita na linha de pesquisa 01: *Educação, Linguagens e Identidades*, do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED), que tem como finalidade o estudo e a formação de docentes para atuarem com as linguagens nas práticas educativas da Educação Básica. Esse estudo, também, tem como embasamento as discussões tecidas no Grupo de Estudos e Pesquisas em Multiletramentos, Educação e Tecnologias (GEPLET/CNPq), o qual aborda sobre novas potencialidades textuais que fazem parte das práticas cotidianas dos sujeitos, com ênfase às práticas linguísticas e comunicativas que partem do universo multiletrado das mídias impressas e digitais.

A relevância desta pesquisa ocorre pela perspectiva de que os atores escolares, especialmente os estudantes, assumam o protagonismo como produtores e colaboradores de conhecimentos híbridos, a partir da leitura de textos multissemióticos e multimodais, através do uso das múltiplas linguagens presentes nos textos que fazem parte da cibercultura, pois discutir sobre essas práticas de linguagem se torna imprescindível na era atual.

1.3 REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA: (CIBER)TRAJETÓRIAS INICIAIS

A revisão sistemática de literatura corresponde a uma investigação que visa identificar, selecionar, avaliar e sintetizar pesquisas que dialoguem com categorias-chave da pesquisa a ser realizada (GALVÃO; PEREIRA, 2014). Ao realizar uma revisão sistemática de literatura no banco de dissertações do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), tendo como categorias básicas Formação de leitores e

Cibercultura, Projeto Estruturante EPA, Textos Multiletrados e Práticas de Leitura, no período de 2014 a 2019, encontramos algumas pesquisas que coadunam com a proposta deste projeto. A análise pautou-se também na busca de trabalhos que apresentassem títulos condizentes a pesquisas voltadas para os textos multimodais e multissemióticos, características de textos multiletrados, de maneira que as categorias formação de leitores na cibercultura, hiperleitor, textos multiletrados no ambiente escolar e projeto estruturante EPA fossem elencadas nas referidas pesquisas.

Na revisão, ficou claro que, dentre as categorias que fazem parte da pesquisa, as que mais foram discutidas em trabalhos anteriores são as referentes à formação de leitores na cibercultura, que totalizaram cinco pesquisas, as quais estão bastante implicadas com a proposta deste trabalho. Esses textos têm os seguintes títulos:

Quadro 01: Título das pesquisas da revisão sistemática sobre a categoria Formação de leitores críticos na Cibercultura

TÍTULO DA PESQUISA	AUTOR/INSTITUIÇÃO	ANO
Práticas de leitura na cibercultura e a Formação do leitor do leitor crítico: FANDON e Transmidialidade. Programa	Elenice Koziel do Programa de Pós-Graduação de Letras da Universidade Estadual do Maringá (UEM)	2015
Estado da arte das narrativas multimídias: análise de produções premiadas e casos ilustrativos	Naara Lima Normande do Programa de Pós-Graduação de Comunicação e Cultura Contemporânea da Universidade Federal da Bahia (UFBA)	2014
Educação na Cibercultura: uma proposta de formação humana por meio da colaboração	Aline Vieira de Albuquerque do Programa Políticas Públicas e Formação Humana da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)	2015
Potencialidades dos recursos educacionais abertos para a educação formal em tempo de Cibercultura	Daniel Silva Pinheiro do Programa Educação da Universidade Federal do Estado da Bahia (UFBA)	2014

Literatura e games: Questões atuais do estabelecimento do campo literário	Mauro Lousada de Andrade do Programa de Letras da Universidade Estadual do Maringá (UEM)	2016
---	--	------

Fonte: Banco de Dissertações MPED e CAPES.

Ao analisarmos a categoria práticas de leitura na cibercultura e a formação do leitor crítico, a dissertação de Elenice Koziel, do ano de 2015, intitulada FANDON e Transmidialidade, apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM), tem como objetivos refletir sobre práticas de leitura entre jovens da atualidade e discutir o papel da escola e dos agentes envolvidos no processo de formação de leitores, sobretudo, leitores literários, no contexto cibercultural.

A pesquisa de Naara Lima Normande, de 2014, intitulada Estado da Arte das narrativas multimídias: análise de produções premiadas e casos ilustrativos, do Programa de Pós-Graduação de Comunicação e Cultura Contemporânea da Universidade Federal da Bahia (UFBA), dispõe de uma análise da plataforma web como um catalizador da integração de mídias na narração de uma história. Tem como objetivos buscar identificar e analisar as narrativas jornalísticas que se destacaram nos últimos anos e, conseqüentemente, estabelecer um estado da arte dessas produções.

A pesquisa de Aline Vieira de Albuquerque, de 2015, do programa Políticas Públicas e Formação Humana da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), tem como título Educação na Cibercultura: uma proposta de formação humana por meio da colaboração; dispõe de uma discussão que aborda sobre as mudanças nas relações sociais a partir do advento das tecnologias digitais. Tem como objetivos refletir acerca das possibilidades das TIC para se pensar em um processo de formação continuada que promova o fazer junto, a troca de conhecimentos e ideias, como também reconhecer a riqueza proveniente da diversidade de saberes e práticas e valorizar a inteligência coletiva por meio da colaboração.

Outro trabalho que perpassa pelo viés da formação de leitores na cibercultura é o de Daniel Silva Pinheiro, do ano de 2015, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), do programa Educação, intitulado de Potencialidades dos recursos educacionais abertos em tempo de Cibercultura. Tem como objetivo investigar as potencialidades dos recursos educacionais abertos (REA) para a educação formal considerando o contexto da cibercultura.

A dissertação de Mauro Lousada de Andrade, intitulada de Literatura e games: questões atuais do estabelecimento do campo literário e formação de leitores, de 2016, faz parte do programa de Letras da Universidade Estadual do Maringá (UEM). Dispõe do tema Campo literário e Formação de leitores e tem como objetivo propor uma nova compreensão para o conceito de literatura, levando em consideração o atual cenário cibercultural e convergente.

Ao ler os resumos dessas dissertações, ficou claro que elas dialogam com a pesquisa aqui apresentada por discutirem temáticas que debatem as potencialidades de construção de saberes a partir do espaço da cibercultura. Entretanto, também se distanciam deste estudo, tendo em vista que não aborda sobre o EPA, como também a ausência de mais pesquisa voltadas para o tema do hiperleitor, categorias-chave para a análise temática deste estudo.

Em relação à busca pela categoria Textos multiletrados no Espaço Escolar, no banco de dissertações do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED/UNEB) , três trabalhos perpassam por caminhos que se entrelaçam com a pesquisa argumentada neste projeto, que estão elencadas abaixo:

Quadro 02: Título das pesquisas da revisão sistemática sobre a categoria Textos Multiletrados no Espaço Escolar

TÍTULO DA PESQUISA	AUTOR/ INSTITUIÇÃO	ANO
Práticas de multiletramentos e formação de docente: aplicativos pedagógicos na potencialização da leitura e da produção textual	Heráclito Santos Martins Xavier do Programa Mestrado Profissional em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)	2019
Recursos Educacionais Abertos Digitais: experiência para a formação dos estudantes pesquisadores na Educação Básica	João Paulo Santos de Souza do Programa Mestrado Profissional em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)	2019
Letramento Informacional e dispositivos móveis como instrumento de combate à desinformação na Educação Básica	Jonas Martins dos Santos do Programa de Mestrado Profissional em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)	2019

Fonte: Banco de dados do MPED e CAPES

Com a categoria Textos Multiletrados no Espaço Escolar, quatro dissertações dialogam com a proposta desta pesquisa. A dissertação de Heráclito Santos Xavier, com o título Práticas de multiletramentos e formação docente: aplicativos pedagógicos na potencialização da leitura e da

produção textual, em 2019, do programa Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), apresenta como ações de Multiletramentos, a partir da produção de aplicativos educacionais por docentes, podem ser fomentadas na sala de aula. O objetivo do trabalho foi: analisar, no contexto de formação continuada de professores dos anos finais do Ensino Fundamental, a possibilidade de se desenvolver práticas multiletradas na sala de aula, a partir de aplicativos pedagógicos.

Outra pesquisa que se enquadra na categoria mencionada é a de João Paulo Santos de Souza, de 2019, com o título Recursos Educacionais Abertos Digitais: experiência para a formação de estudantes pesquisadores na Educação Básica, do programa Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Dispõe do objetivo: investigar como o REA Digital pode contribuir para o aprimoramento da aprendizagem científica dos estudantes, facilitando o ambiente da pesquisa nos ambientes virtuais de acesso livre, a partir dos meios tecnológicos disponíveis.

A dissertação de Jonas Martins Santos, de 2019, intitulada Letramento Informacional e dispositivos móveis como instrumento ao combate à desinformação na Educação Básica, do programa Mestrado em Educação e Diversidade (MPED), da Universidade do Bahia (UNEB), tem como objetivo analisar formas de uso dos dispositivos digitais móveis de comunicação que podem contribuir no processo de letramento informacional na Educação Básica em uma escola do Senhor do Bonfim/BA.

Esses estudos, ao apresentarem a categoria-chave multiletramentos, dialogam com esta pesquisa, pois possui uma abordagem que apresenta o conhecimento em variadas áreas dos saber, de forma múltipla; perpassam pela experiência de vida dos atores protagonistas da investigação nos contextos sociocultural e histórico. No entanto, nesta pesquisa, ampliamos essa concepção ao dialogarmos com textos multiletrados da esfera digital, especificamente, a partir do acervo do Museu Virtual de Língua Portuguesa e, assim, promover a leitura de textos que apresentem convergências de linguagens.

Após a revisão da categoria hiperleitor, percebemos uma pesquisa com temática semelhante à proposta neste projeto, que nos interessou. Essa se encontra descrita no quadro 03.

Quadro 03: Título da pesquisa da revisão sistemática sobre a categoria Hiperleitor

TÍTULO DA PESQUISA	AUTOR/ INSTITUIÇÃO	ANO
Pesquisa Colaborativa por meio webquests: Refletindo sobre a formação do hiperleitor.	Michele Cristine Silva de Souza do Programa de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	2015

Fonte: Banco de Dissertações CAPES.

A pesquisa de Michele Cristine Silva de Souza, que tem como título Pesquisa Colaborativa por meio de webquests: Refletindo sobre a formação do hiperleitor, do programa de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tem como objetivo inserir como alternativa de pesquisa no *locus* escolar o gênero webquest como ferramenta didática de pesquisa hipertextual. Essa pesquisa se aproxima deste estudo, pois propõe um trabalho motivador com as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), no qual essas são potencializadoras para a construção de habilidades leitoras mais dinâmicas e, conseqüentemente, críticas e reflexivas. Mas, na investigação aqui proposta, amplia-se a concepção de hiperleitor quando se situa esse aluno em uma fase final de escolarização (Ensino Médio); interliga-se as ações de hiperler desses sujeitos a projetos desenvolvidos na cultura escolar (EPA); oportuniza-se, a partir desse projeto, um diálogos com textos da esfera digital (acervo do *site* do museu virtual).

Através da pesquisa de revisão sistemática de literatura, embora ainda realizada de forma inicial e lacunar, é perceptível a relevância acadêmica deste projeto, pois não foi explanada nenhuma pesquisa que se associe a práticas de leitura fomentada a partir do projeto estruturante EPA, principalmente, no Território de identidade do Sisal. Além disso, trata-se de uma pesquisa que possibilita o contato dos alunos da escola *locus* com textos da esfera digital, impressa e imaterial, ampliando o caráter multissemiótico e multimodal inerentes a práticas de leitura na cibercultura.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA LEITURA: DOS PICTOGRAMAS AO TEXTO DIGITAL

O conceito de leitura vem se alargando durante o tempo. Tais mudanças são perceptíveis desde a maneira como se liam até os suportes que disseminaram os textos: o papiro, a tábua de argila usada pelos sumérios, o rolo no século IV, o códice e os suportes digitais na era atual, por exemplo, computador, tablet, e-book, smartphones-rom, palmtop, cd, entre outros. Percebe-se que, a partir do século XX, com a diversificação de tipos de textos, ocorram mudanças significativas no modo como as pessoas liam; os textos passaram a ter temas variados e circulavam por ambientes diversos. Dessa forma, o leitor podia ler em casa, na rua, no trem, no trabalho, enfim, reconfiguram-se as estratégias de leitura, através dos contextos em que ela circulava e oportunizam-se acesso às várias linguagens.

Com todas essas características atribuídas às novas habilidades de leitura, não é pertinente pensá-la como, apenas, o decodificar de letras, pois o perfil cognitivo do leitor tem se modificado durante o tempo, e esse tem contato com as diversas culturas de práticas de leitura existentes na sociedade atual. Essas práticas efetivam-se nas mais variadas manifestações linguísticas, que são fluidas e plurais, e estão em toda parte. Dessa forma, na cibercultura, o texto adquire novas características, pois proporciona outras formas de leitura e essas influenciam diretamente na relação com o tripé leitor/suporte/texto.

Santaella (2004, p. 21) pontua que “o efeito que o texto é capaz de produzir em seus receptores não é independente das formas materiais que o suporta”. Portanto, cabe ressaltar que, para que um texto seja interpretado e consumido, é necessária a reflexão de que o suporte está intrinsecamente ligado à composição textual. Nesse cenário, a leitura está em toda parte, pois a comunicação é desterritorializada em diferentes tempo e espaço, indo além do aqui e agora, e perpassa pelas potencialidades de se estabelecer novos caminhos para o aprender e o pensar. É nessa seara que surge outro perfil de leitor, o imersivo, que está acostumado a receber e a ler novas informações, em variados formatos e linguagens.

O trajeto de sua navegação é alinear, multilinear, traçado por ele mesmo. Fruto da multiplicidade de imagens sígnicas, esse leitor transita pelas redes, pelo ciberespaço, através dos nós de conexão (SANTAELLA, 2004), de forma ubíqua. O leitor imersivo, então, transita pelos grandes centros urbanos, subordinado à linguagem transitória, está sujeito a constantes mudanças e possui uma percepção aguçada. Segundo Santaella (2004, p.33), o leitor imersivo é “um leitor em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multissequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir [...]”; constitui-se como um consumidor e produtor de informações.

Esse leitor apresenta características cognitivas que simultaneamente atravessam e diferem de outros perfis existentes em outras eras: o contemplativo do período renascentista, o movente, que surgiu com o marco histórico da Revolução Industrial e o imersivo, que lê textos que circulam nas esferas do impresso ao digital. No tocante à textualidade e às possibilidades de leitura no meio digital, parte-se da

concepção de que “todo texto constitui uma proposta de sentidos múltiplos e não de um único sentido”; portanto, todo texto é “plurilinear na sua construção” (KOCH, 2009, p. 61).

Embasando-se nessa percepção de texto como sendo uma construção histórica, social e política processualmente constituída, Koch (2009) postula que todo texto seja um hipertexto, pois, para a autora, são múltiplas as possibilidades de leitura, de construção e de reconstrução de sentidos, de remissões, interpretações e alusões. Por conseguinte, a cultura do impresso também traz consigo marcas que permitem uma profícua interação com o leitor: notas de rodapé ou notas finais, referências a outros textos e autores, remissões a outras obras, filmes. Esses recursos endossam as diversas possibilidades de o leitor caminhar pelas nuances mais amplas e significativas que o processo de ler pode permear.

Cabe inferir que a cultura do impresso e a cultura digital corroboram para uma amplitude nas significações dos processos de leitura que acoplados aos aparatos reconhecidos e potencializados pelo suporte digital ampliam a dinâmica de interação do leitor com o texto a partir da hipertextualidade, da multimodalidade e da multisssemiose. Dessa maneira, o “novo” e o que é “tradicional” colocam-se como estratégias significativas no percurso discursivo das práticas de leitura.

Em meio a essa contextualização da leitura em seu âmbito histórico, cultural e político, que perpassam pelas diversas eras e artefatos culturais construídos desde as representações pictóricas até o texto digital, requer-se diferentes perfis de leitores no decorrer do tempo, dentre eles o leitor do hipertexto. O hipertexto é um todo interligado de nós e conexões intangíveis em sua multiplicidade de entradas e saídas e impossível de ser acessado em seu todo, posto que aqui a relação clássica entre todo e parte não se sustenta (SANTAELLA, 2004).

A base da linguagem digital é o hipertexto, “sequências em camadas de documentos interligados, que funcionam como páginas sem numeração e trazem informações variadas sobre determinados assuntos” (KENSKI, 2007, p.3). Portanto, pode-se afirmar que existe um novo sentido de leitura que se desenrola pela tela do computador, com características muito distintas daquelas que são empregadas em um texto impresso tradicional, como o livro, uma revista ou jornal. Pode-se inferir, então, que o hipertexto é baseado no termo hiper que significa acima, sobre, super. Ele refere-se a um método não sequencial, não linear de organização e exibição do texto que foi projetado para permitir aos leitores acessar informações da maneira que lhes for mais significativa.

A seção a seguir, intitulada *Historização da Leitura*, apresenta a trajetória das práticas de leitura que ocorreram desde a Antiguidade, quando se tinha o papiro como suporte, passando pelo Humanismo, que apresentou novas tendências no ato de ler e a popularização dos meios de comunicação, até o momento atual, em que a leitura também ocorre por meios digitais. Discute, também, sobre a leitura como forma de representação e de poder social, finalizando com uma abordagem sobre os suportes digitais que se consolidam na cibercultura.

2.1 HISTORIZAÇÃO DA LEITURA

A historização do ato de ler passou por transformações radicais ao longo do tempo. Essas mudanças se deram em vários aspectos: histórico, social, cultural e econômico. No entanto, a cultura do impresso sempre esteve atrelada à disputa de poder. Tal assertiva mostra-se evidente ao relembrarmos os períodos importantes que marcaram a história do processo de leitura em várias partes do mundo.

O processo sobre a construção da leitura deu-se desde os pictogramas suméricos, que eram gravados em tábuas de argila, aproximadamente há 3200 a.C. Na antiguidade, tinha-se o rolo como meio principal de aquisição da leitura. Com esse instrumento, o manejo para ler era bastante diferente, pois eram necessárias duas pessoas para manuseá-lo: uma pessoa passava as folhas da esquerda para a direita enquanto a outra lia. Nesse momento histórico, a leitura era para uma pequena parcela abastada financeiramente da população; dessa forma, a maioria das pessoas não tinha acesso ao ato de ler. Já se estabelecia aí uma relação de poder por parte de uma minoria que detinha os privilégios de escolher e até proibir determinados temas de obras.

Os séculos XVI e XVII foram marcados por mudanças importantes no tocante ao acesso à leitura, principalmente em alguns países da Europa, como a França. Nesse período histórico, dá-se uma evidente importância à leitura e à escrita, pois surge o códex e, com ele, uma revolução na comunicação humana. Muitas estratégias para o aperfeiçoamento do novo formato de leitura foram realizadas: redução no custo de fabricação, pois o códice permitia o uso dos dois lados do papel; há uma organização mais concisa no modo de utilizar a escrita, ocasionando, assim, uma melhor disponibilização do espaço; estreitamento das margens, reunião de uma grande quantidade de textos em um volume menor etc.

Com essas mudanças, o leitor podia folhear o artefato de leitura por inteiro; a paginação e os índices também são demarcados. É a partir do códice que aparece a tipologia textual, pois assume vários formatos e gêneros, tipos de livros e categorias de discursos e, portanto, instaurou-se o sistema de identificação e de localização dos textos, do qual a Imprensa será sucessora. Essas transformações atravessaram o tempo e encontram-se presentes até os dias atuais. Sobre isso, Chartier (2004, p.113) apresenta:

Os séculos XVI e XVII, sob formas diversas, que quase sempre autorizam uma dupla leitura, a do texto e a da imagem, a imprensa difundiu amplamente um material tipográfico abundante, destinado a ser afixado, colado nas paredes das casas e das igrejas, dos quartos e das oficinas.

Ao revisitar a história das práticas de leitura, percebe-se que essa foi e é marcada como registros sociais que permite ao leitor imaginar e conhecer as civilizações anteriores e, assim, confirmar-se a importância da leitura como pressuposto imprescindível nas atividades sociais. O ato de ler corrobora

para que as pessoas tenham uma vida mais autônoma e, conseqüentemente, mais ciente para reivindicar seus direitos e deveres. A leitura, então, permite ao cidadão uma emancipação que o possibilita ter uma ação mais participativa na sociedade, na qual exerce sua autonomia para gerir a vida em pilares que embasam o respeito à identidade cultural, histórica e social do sujeito, um ser transformador do meio em que está inserido. Enfim, as práticas de leitura dão dignidade social ao ser humano.

O tempo nos mostrou que as práticas de leitura se processaram de várias maneiras e que transformações se construíram quanto à forma como se lia, a exemplo do movimento de leitura, do passar das páginas etc. até o suporte que era utilizado para essa ação. Na Idade Antiga, por exemplo, a leitura era representada por símbolos; também se constituem como uma espécie de fala transferida para o papiro. Nessa fase, os eventos de leitura eram feitos em coletivo e em voz alta, pois prevalecia a oralidade. No entanto, para Fischer (2006, p.11), a leitura é mais do que a palavra falada materializada; é a “capacidade de extrair sentido de símbolos escritos ou impressos”.

Os primeiros leitores estão ligados aos registros da escrita suméria. Uma leitura que “envolvia uma união lógica de fragmentos de informação, sem a reconstituição do discurso articulado” (FISCHER, 2006, p.16). Ao contrário da escrita, “a leitura não pressupunha linguagem: a leitura é antes de mais nada visual (não oral) e conceitual (não lingüística)” (FISCHER, 2006, p. 16). Há relatos de que, em uma população de aproximadamente doze mil pessoas, apenas cerca de cento e vinte delas eram capazes de ler e de escrever; isso por volta de 2000 a.C. O cenário não apresentou grandes mudanças, pois de 1850 a 1550 a.C. numa população de dez mil habitantes apenas cento e oitenta e cinco escribas eram contados. Ou seja, o número de alfabetizados foi restrito em um grande período da história (FISCHER, 2006).

Na Mesopotâmia, os primeiros leitores tiveram como suporte a tabuleta. Essas eram grandes e pesadas, o que dificultava a prática de leitura. Até o terceiro milênio a.C., os sumérios usavam a leitura para os meios de trabalho, a exemplo de questões como transações financeiras, comerciais, e não para o lazer. No Egito, a leitura era para fins de declamação, pois o ato de ler era para os escribas um discurso visível. Dessa maneira, a prática de leitura ganhava corpo e forma através da oralidade. Os hieróglifos eram pintados nos papiros e, por conseguinte, em 4000 a.C., surge a leitura cursiva hierática que era reservada para questões de cunho religioso. Até então, havia uma prevalência da cultura oral. A escrita era restrita a registros burocráticos e, por isso, a leitura não era para ser interpretada nem motivadora para novas criações.

Acredita-se que a capacidade de escrita e de leitura se torna uma atividade aristocrata apenas no terceiro milênio a.C. (MANGUEL, 1997), pois, durante muito tempo, o ato de ler era uma ação eminentemente restrita aos escribas. O povo sumério tinha inúmeras atribuições, de tal maneira que a

leitura de um documento era passível de eliminar qualquer debate que pairasse sobre contas e finanças ou, até mesmo, sobre qualquer confusão na legislação.

Segundo Fischer (2006), a leitura nem sempre foi da maneira que se conhece hoje. É certo dizer que tal ação vem sendo praticada ao longo dos milênios pelas diversas civilizações das que se têm registro e sua prática existiu nas mais diversas formas. Mas, ainda na Antiguidade Clássica, entendida como o apogeu da civilização Grega e Romana, a leitura era uma forma de o “verbal tornar-se visível” (FISCHER, 2006, p.13), pois tal prática ainda pouco explorada estava instaurada em espaços em que poucas pessoas sabiam ler ou tinham o porquê de aprender essa ação, já que suas aplicações eram voltadas para conferir uma conta, verificar um rótulo ou identificar uma chancela de propriedade. Os escribas declamadores entoavam extratos, cartas, documentos jurídicos, peãs e homenagens. Os grandes acervos de argila e papiro da Antiguidade acabaram aparecendo, embora com a principal finalidade de supervisionar e validar contas e contratos, bem como de estimular a memória daqueles que lembravam da extensa história oral (FISCHER, 2006).

Com o passar do tempo, as ações vão se inovando e as pessoas se rendem à leitura e passam a percebê-la como uma forma de ampliar o repertório linguístico. Dessa forma, aperfeiçoam os argumentos e ampliam-se as ideias. Ao questionarem as arbitrariedades da Igreja, estabeleceu-se uma comunicação efetiva, de forma que as pessoas interpretavam suas possibilidades e seus pensamentos a partir de uma ação coletiva e social nas mais diversas percepções de leitura. Um fato de extrema relevância é que, no século XV, a leitura deixa de ser do poder oligárquico e passa a ter legitimidade. As classes com menor poder aquisitivo passaram a ter acesso à leitura e veem na mesma uma possibilidade de maior engajamento social. A partir das práticas de leitura, começaram a interpretar e a questionar o monopólio que até então concentrava-se no alto Clero e na elite da época.

O ato de ler como atividade social, no entanto, não proporcionou uma ação de efetiva democracia à sociedade (MANGUEL, 1997). Os livros e as práticas de leitura foram considerados como uma ação que ratificou a ideia de poder e individualismo aos escribas. Dessa forma, não houve uma emancipação no campo da liberdade de expressão; porém, segundo o autor, a leitura incentivou e possibilitou uma abertura às novas escritas. Roma também teve uma grande representação na história da leitura. Aos primeiros séculos d.C., os romanos liam em voz alta, sendo a leitura como um “oráculo”; cada pessoa interpretava os presságios ao seu modo, adquirindo a prática através dos ditados e das declamações. Liam durante o dia, pois a iluminação à noite era difícil e cara.

Nessa fase, os professores eruditos tinham prestígio social, pois ainda eram poucos os romanos que sabiam ler ou escrever, mas possuíam uma forte característica: eram cidadãos ativos na política, o que oportunizou uma maior disseminação da leitura. Todos os documentos e as propostas circulantes faziam de Roma o primeiro “Império da Leitura” (FISCHER, 2006; MANGUEL, 1997). Surge, então,

um novo formato de leitura, com demarcação de pontuação. Essa modificação facilitara a compreensão sobre os textos que eram lidos e, a partir daí, realizou-se uma grande reforma educacional.

O panorama histórico das mudanças ocorridas nas práticas de leitura é bastante produtivo. Portanto, com o tempo, surgiram algumas características peculiares ao ato de ler: seja para organizar os pensamentos ou para buscar novos artefatos de memórias. As práticas de leitura passaram a fazer parte da essência do indivíduo. “Um livro passaria para sempre a representar um repositório de numerosos fatos e frases que podiam ser saboreados ou assimilados, retidos ou descartados conforme conviesse a cada leitor de acordo com a habilidade e a inclinação” (FISCHER, 2006, p.172). Data-se que, em 1316, havia diferentes formas de ler: a forma literal e o figurado, essa última com três expectativas: a alegoria, o analógico e o anagógico⁴. Fischer (2006) relata, então, que, com tal possibilidade, os estudiosos buscavam as possíveis vertentes de interpretações ou significados dos textos.

A atividade corporal de ler também passa por transformações. A oralidade, utilizada pelos pintores e iluminadores como um esforço intenso que mobilizava o corpo inteiro (CHARTIER, 1988), cedeu espaço para a leitura dos livros folheados, os quais eram possíveis ao leitor manusear suas páginas. Muda-se a percepção da função do livro, pois deixa de ser um trabalho artesanal e passa a ser uma produção empresarial; portanto, o status de ler era disputado entre a nobreza e a Igreja. Esses segmentos determinavam o que era a “boa” e a “má” leitura. Nesse período, a cópia dos livros deixou de ser manuscrita e passou a ser impressa. Pensou-se, então, na criação de uma biblioteca universal, a qual “guardaria” todo o conhecimento da humanidade.

O advento da Imprensa foi crucial para se remodelar novas perspectivas na difusão da leitura, pois é a partir desse momento que as classes menos favorecidas passam a ter contato com a ação de ler o impresso. Isso ocorreu através da Biblioteca Azul que, com o intuito comercial, popularizou a prática de leitura e fez chegar ao povo, não só da cidade, mas também do campo, livros que eram lidos pelas classes abastadas financeiramente. Pode-se afirmar que essas obras eram adaptadas para ter um custo financeiro menor. Esses textos eram produzidos rapidamente e sem muita dedicação, pois precisavam de edição barata e um público que fosse receptor da obra. Assim,

Sua leitura exige sequências breves separadas umas das outras, fechadas sobre si mesmas; ela pede o auxílio da imagem, que mesmo já tendo sido empregada permite indicar ou memorizar o sentido; requer mais a repetição que a invenção- cada novo texto é uma espécie de variação sobre temas e motivos já conhecidos. (CAVALLO; CHARTIER, 2002, p. 126).

⁴ Alegoria é uma abordagem que atribui uma interpretação mais que literal ao conteúdo de um texto. Parte do pressuposto de que o autor quis dizer além do que foi escrito. Analógico caracteriza-se como um pensamento intelectual predominante em todas as categorias socioculturais na Europa medieval. Uma modalidade de raciocínio pautada em homologias, simetrias, contiguidades, correspondências, comportamentos e sentimentos do homem medieval. Anagógico é um dado ao método de interpretação mística ou espiritual de símbolos, declarações ou eventos, especialmente exegese cultural, que faz alusões à vida após a morte.

Desde a impressão da Bíblia por Gutenberg até o aumento da fabricação do livro em maior escala, muitos entraves permearam o processo de produção das obras. Na França, no século XVII, por exemplo, os escritores não tinham o reconhecimento enquanto sujeitos criadores de textos. A profissionalização do autor foi mudando conforme o desenvolvimento da indústria tipográfica e da ideia que concebe o texto como principal constituinte do livro. Em 21 de julho de 1793, foi promulgada na França a lei de proteção dada aos direitos autorais (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999) e a figura do autor ganhou destaque. Na verdade, tal processo ocorreu quando a sociedade pode contar com uma clientela leitora e o capital começa a circular no processo de construção dos livros.

Roger Chartier (2004) abre uma discussão muito pertinente sobre a questão da apropriação da leitura. O autor aborda as várias possibilidades de interação e de releituras que o leitor pode conceder aos textos. Portanto, ao se debruçar na leitura de um texto, o leitor/autor constrói novos saberes que envolvem significações, formas diferenciadas de interpretações que acontecem a partir da apropriação cultural.

Sobretudo no Brasil, a cultura da leitura se consolidou de modo tardio. A imprensa chegou ao nosso país em 13 de maio de 1808 e isso retardou a prática da leitura impressa e, dessa maneira, a aquisição de livro era “artigo de luxo”, pois vinha importado da Europa, tinha um custo bastante elevado e era produzido em pequena escala; só a elite podia comprar. Esse quadro começa a mudar a partir de meados do século XIX, quando se desenha um novo perfil de leitor. Nesse momento, surgem algumas tipografias, livrarias e bibliotecas. Portanto, a instalação da imprensa e o surgimento da Escola foram importantes ações para o fortalecimento do processo de leitura no Brasil.

A história nos conta que nesse período alguns segmentos sociais permaneceram sem acesso às práticas de leitura, como mulheres, crianças e também as pessoas que serviam de mão de obra para a elite. Mas, apesar dessa estatística, percebe-se que já se estabelece uma mudança na percepção cognitiva do leitor que, ao ser contemplativo (meditativo), exerce uma leitura calma e tranquila do livro e estabelece uma relação mais íntima e individual com o ato de ler. Isso é reforçado também pelo aspecto e condições históricas em que surge esse leitor. “Com a instauração obrigatória do silêncio nas bibliotecas universitárias na Idade Média central, a leitura se fixou definitivamente como um gesto do olho [...]” (SANTAELLA, 2004, p.20-23).

O leitor passa a realizar outras estratégias para ler que são mais fluidas e voláteis e assim surge o leitor movente, que está em consonância com o advento da expansão tecnológica, com a evolução da imprensa, dos jornais, com surgimento do cinema e da televisão. O leitor movente aprendeu a ler em um frenético ritmo; na velocidade de um estado fixo para o móvel. Esse tipo de leitor se adapta às mudanças que surgiram com a Revolução Industrial e trouxeram muitos signos, anúncios, imagens e, também, a fragmentada leitura dos jornais com notícias rápidas e imediatas.

Nesse processo, as pessoas são treinadas para o consumo; tudo gira em torno do capitalismo. As cidades passaram a se estruturar para conviver com esses leitores que leem “formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos; leitor de direções, traços, cores; leitor de luzes que se acendem e se apagam; leitor cujo o organismo mudou de marcha, sincronizando-se à aceleração do mundo” (SANTAELLA; 2004, p.30).

Entre os anos 1940-1950, de acordo com Belo (2002), as novas demandas de leitura, resultantes do processo de urbanização e de industrialização da sociedade capitalista, determinaram novas maneiras de ler com outras formas de apropriação do livro. A produção e a circulação de livros no Brasil, mesmo sendo tardia em relação aos países da Europa, fez com que a indústria livreira se desenvolvesse ao ponto de alcançar um patamar editorial consolidado, atendendo a variados segmentos sociais, embora a dinâmica de leitura também estivesse relacionada às condições socioeconômicas. Portanto, há um paradoxo, pois uma significativa parcela da sociedade brasileira ainda não tinha pleno acesso à leitura.

Ao fazer uma retrospectiva pela história da leitura no Brasil, constata-se que muito do cenário atual justifica-se pelo passado, pois vários entraves em relação às práticas de leitura em nosso país têm uma correlação com os aspectos políticos, históricos, culturais e sociais que se perpetuaram durante o tempo. O processo de colonização pelos portugueses não se constituiu em “mera transposição de leis, dos costumes e da língua portuguesa. Foi um processo de adaptação, inclusive dos equipamentos culturais como escolas, instituições e bibliotecas que foram postos a serviço na Colônia” (ZAPPONE, SCRAMIM, SOUZA, 2003, p. 1). Os jesuítas, até sua expulsão em 1759, foram os responsáveis pela educação, período em que o exercício da leitura dos brasileiros pouco se desenvolveu em razão dos problemas políticos internos de Portugal.

Um marco histórico importante para a apropriação de livros no país ocorreu no governo provisório de Getúlio Vargas. Em 1930, foram criados o Instituto Nacional do Livro e a Comissão Nacional do Livro Didático. Por conseguinte, em 1985, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) passou a distribuir o livro didático que se torna o principal suporte de leitura presente no cotidiano das práticas escolares. Seguindo a contextualização histórica da leitura no Brasil, percebe-se que, na década de 90, o país torna-se o maior produtor de livros do continente latino americano. Mas, apesar dessa evolução, as mazelas sociais persistem dividindo a população entre os que leem e os que não podem exercer essa vital ação cidadã por motivos diversos de exclusão social.

Na década de 1990, o Ocidente incorporou o termo cibercultura como um conjunto de fenômenos produzidos pelos agenciamentos entre sujeitos humanos e as tecnologias digitais da informação e comunicação de produção, divulgação, armazenamento e reprodução de signos conectadas em redes de telecomunicações. Essa nova cultura provocou um repensar das práticas de conhecimento no mundo contemporâneo. Portanto, na atualidade, existem várias vertentes que se propagam através da cibercultura como arte, ideologias, músicas, aspectos políticos e culturais; enfim, são inúmeras as

contribuições que a cultura digital oferece para o debate sobre as novas maneiras de se trabalhar as habilidades e as competências que norteiam o ato de ler no século XXI.

A seção a seguir apresentará um panorama histórico sobre a emergência de outros perfis de leitores na cibercultura. Esses possuem características cognitivas que o fazem ler do impresso ao digital. A leitura na esfera digital tem ocasionado mudanças na forma como se constrói conhecimento, valores, conceitos, novos saberes, enfim, como as relações pessoais têm se ressignificado diante das possibilidades de eventos de leituras que são oportunizados pelos espaços digitais.

2.2 LER EM CONTEXTOS DIGITAIS: O HIPERLEITOR

Ao se pensar em produção de conhecimento a partir do uso das mídias digitais por um viés que entrelaça discussões de tensionamentos entre as teorias da cibercultura e as teorias da comunicação, evidencia-se que essa intersecção aborda algumas questões epistemológicas sobre o texto, em uma perspectiva de construções genealógicas; também de interações micropolíticas que atribuem significados e conceitos que ampliam o debate entre os estudos da área da cibercultura com as percepções e conjunturas voltadas para o âmbito da vertente da comunicação.

Para Ferreira (2016) e Martino (2014), os significados dos discursos teóricos de uma área podem se caracterizar como pontos de flutuação. Segundo os autores, a atribuição de sentido torna-se um ponto de dissenso, enquanto que a compreensão dos significados pode contribuir para uma ampla discussão sobre um determinado tema, neste estudo, a formação do hiperleitor. Partindo-se da premissa de Hjarvard (2018, p.121), o conceito de mediatização das teorias da comunicação são formuladas em espaço no qual “mídia” e “sociedade” são instâncias distintas, ligadas a alguns processos nos quais os agenciamentos são validados a algumas instâncias, sejam elas, os meios ou a sociedade.

Para Braga (2013), Ferreira (2016), Gomes (2011) e Fausto Neto (2006), o conceito de mediatização procura desconstruir a dicotomia pontuando que o importante não é observar de que maneira há uma “influência da mídia” na sociedade ou “usos da mídia” por indivíduos em grupos; mas em uma relação articulada, processual e não isenta de contradições, como são operacionalizadas modificações nas práticas sociais decorrentes do processo de mediatização da sociedade, no qual agem de forma decisiva as mídias digitais como constituintes do ciberespaço e, conseqüentemente da cibercultura.

Dessa forma, para Ström Bäck (2008), o processo de mediatização social está intrinsecamente ligado aos ambientes midiáticos; esses abarcam a cultura impressa e a cultura digital. Nesse sentido, constata-se que as teorias da comunicação foram construídas em espaço midiático, constituído por dispositivos técnicos de transmissão em grande escala. No entanto, as teorias da cibercultura surgiram através de ambientes cognitivo, técnico e político, que estão inseridos numa sociedade mediatizada.

Para Felinto (2005, p.1), há uma “insuficiência” vocabular e epistemológica para definir o campo da cibercultura. Sobre essa temática, Recuero (2009) aponta propostas metodológicas que ampliam a discussão sobre as possíveis ambiguidades e indefinições que podem permear os estudos no campo da pesquisa sobre as nuances da internet. Muitas categorias são atribuídas na tentativa especificar os estudos sobre meios digitais. Dentre eles, destacam-se a cibercultura, o ciberespaço, as redes sociais, as culturas digitais, os ambientes virtuais e outros.

Entende-se, também, que as configurações digitais se manifestam como potencializadoras de novos formatos para a produção e a resignificação de conhecimento no mundo contemporâneo, a partir do imbricamento homem-máquina⁵ (LÉVY, 1999), o que pode caracterizar a cibercultura. Para Lemos (2004, p. 11), “a cibercultura potencializa aquilo que é próprio de toda dinâmica cultural, a saber: o compartilhamento, a distribuição, a cooperação, a apropriação dos bens simbólicos”. A cibercultura, então, abarca um novo modo de produção e de compartilhamento de conhecimentos, tornando-se um espaço de convivência, de organização social, intelectualizado e fluido, desterritorializado, oportunizado pelo ciberespaço (CASTELLS, 2005). O ciberespaço, para Lévy (1999, p. 17), “especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo”.

Dessa forma, o ciberespaço envolve vários aspectos que são conceituais, afetivos, axiológicos, estéticos, políticos e culturais; constrói-se nas realizações humanas que atravessaram os movimentos sociais durante o tempo, consolidando práticas que se fizeram importantes para a humanidade. Oportuniza múltiplas conexões (transnacionais e em via dupla) e múltiplas comunicações, em um movimento de alteridade virtual (TRIVINHOS, 2007).

Esse espaço estrutura-se em três pilares: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva. A interconexão é um princípio básico do ciberespaço, pois estabelece-se de forma dinâmica e dialógica. As comunidades virtuais “são construídas sobre afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos, em um processo mútuo de cooperação e troca” (LÉVY, 1999, p.127). A inteligência coletiva pode ser considerada a finalidade última do ciberespaço, pois descreve um tipo de inteligência compartilhada que surge da colaboração de muitos indivíduos em suas diversidades. “É uma inteligência distribuída por toda parte, na qual todo o saber está na humanidade, já que, ninguém sabe tudo, porém todos sabem alguma coisa” (LÉVY, 2007, p. 212).

A capacidade de comunicação e de interação potencializadas pelo ciberespaço reconfigura a noção das fronteiras geográficas, pois as relações humanas são estabelecidas sem necessariamente ocorrerem em um tempo ou em um ambiente definido em espaço físico concreto. O espaço do novo

⁵ Esse processo de imbricamento homem-máquina é acionado a partir da concepção de inteligência coletiva (LÉVY, 1999). Para o autor, a inteligência coletiva seria uma forma de o homem pensar e compartilhar seus conhecimentos com outras pessoas, utilizando recursos mecânicos como, por exemplo, a Internet.

nomadismo não é o território geográfico nem o das instituições ou dos Estados; mas um espaço invisível dos conhecimentos, dos saberes, das forças de pensamento no seio da qual se manifestam e se alteram as qualidades do ser e os modos de fazer na sociedade. Nem os organismos do poder, nem as fronteiras disciplinares, nem as estatísticas dos mercados, mas sim o espaço qualitativo, dinâmico, vivo, da humanidade que se inventa ao mesmo tempo em que produz o seu mundo (LÉVY, 1999).

É perceptível que, na cibercultura, o ato de ler configura-se, também, no ciberespaço, de maneira fluida, dinâmica, multifacetada e não linear. O leitor possui novas possibilidades ao seu alcance. Pode-se ler através de vários dispositivos de modos híbridos, genealogicamente ligados a outros. Surge, então, uma outra concepção de texto, que está ligada a uma dialética do possível e do real. Ou seja, um texto “posto em movimento, envolvido em um fluxo, vetorizado, metamórfico (LÉVY, 2008, p. 48).

A percepção abordada no parágrafo anterior está em consonância com as ponderações de Chartier (2002, p. 23), quando apresenta: “[...] quanto à ordem dos discursos, o mundo eletrônico provoca uma tríplice ruptura; propõe uma nova técnica de difusão da escrita, incita uma nova relação com os textos, impõe-lhes uma nova forma de inscrição”. Ocorre, nesse processo, uma revolução da percepção das entidades textuais e uma revolução das estruturas e das formas mais fundamentais dos suportes da cultura escrita.

Essa outra relação dos sujeitos com o texto gera inquietações ao leitor, que agora atua no ciberespaço tanto de forma individual quanto coletiva. Nesse sentido, conforme assegura Lévy (2008, p. 43), a leitura de textos no suporte digital é um *continuum* variado que “[...] se entende assim entre a leitura individual de um texto preciso e a navegação em vastas redes digitais no interior das quais um grande número de pessoas anota, aumenta, conecta os textos uns aos outros por meio de ligação hipertextuais”. Esse tipo de texto, presente na cibercultura, denomina-se hipertexto.

2.2.1 O hipertexto

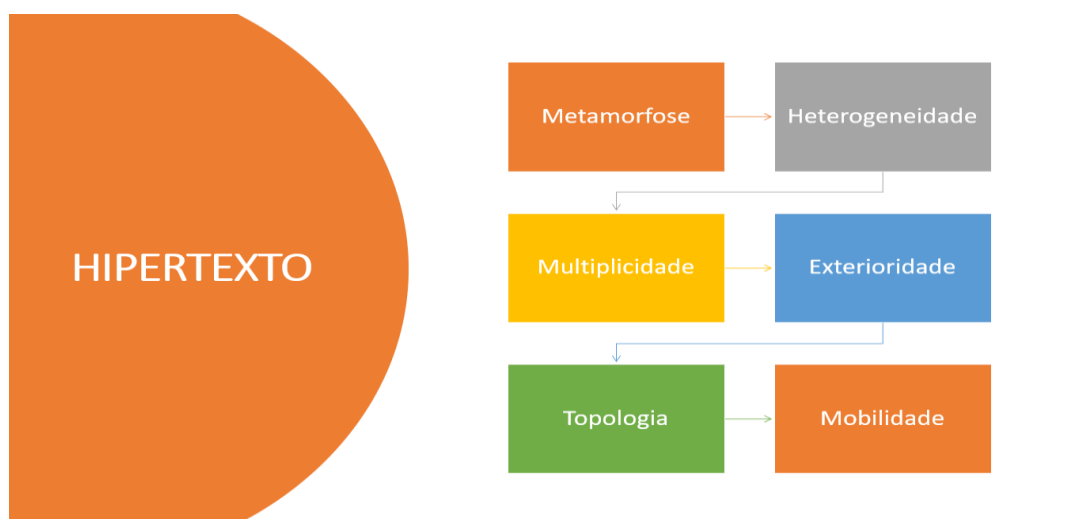
Com a popularização das TDIC, novas formas textuais surgiram para atender à fluidez e à dinamicidade do ciberespaço. Esses textos, que fazem parte da cibercultura, são constructos que se apresentam por caminhos de leitura não-linear, de forma hipertextual, a partir de meios multimodais e multissemióticos. Como afirmam Berger e Anecleto (2019, p. 326),

A leitura do hipertexto foge à prática convencional que é determinada pela sequência de frases e parágrafos estruturados. Espera-se muito mais a autonomia do leitor para se apoiar em diversas modalidades de linguagem e avançar, associado a links, percorrendo os caminhos que a Internet oferece, como sites, blogs, sites de busca, enciclopédias virtuais, entre outros.

Conforme Lévy (2008, p. 33), “tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos [...]”. Nesse sentido, um hipertexto é como “um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor” (LÉVY, 1999, p. 56). É escrito e lido de forma multilinear, multissequencial, acionando-se links ou nós que vão trazendo telas numa multiplicidade de possibilidades, sem que haja uma ordem predefinida.

No tocante ao hipertexto, para se ter uma noção mais ampla de sua conceituação e caracterização, é necessário compreender as transformações culturais e históricas pelas quais o conceito de texto têm passado ao longo do tempo, como, também, entender as nuances que permeiam a cibercultura. Dessa maneira, a reflexão sobre o que vem a ser o hipertexto faz-se bastante pertinente, pois os artefatos digitais têm um papel preponderante na difusão dos novos saberes e das novas maneiras de acesso ao conhecimento e às práticas de leitura. Ou seja: o hipertexto (redes de associações), como apresentado por Lévy (2008), caracterizam-se por alguns princípios, tais como:

Figura 01: Princípios do hipertexto



Fonte: Criação da pesquisadora baseada nos princípios apresentados por Pierre Lévy (2008)

- Princípio da metamorfose: representa a dinâmica da mudança dos textos;
- Princípio da heterogeneidade: apreseta nós e conexões em diversas ordens;
- Princípio da multiplicidade: significa que os nós de informação podem ramificar-se indefinidamente em outros nós de informação;
- Princípio da exterioridade: apresenta a dependência de fatores externos para a compreensão do hipertexto;
- Princípio da topologia: representa a aproximação de caminhos próximos em relação aos nós;

- Princípio da mobilidade dos centros: apresenta a existência de diversos centros textuais.

Segundo Ana Elisa Ribeiro (2008), Vannevar Bush teria sido o responsável pela concepção do hipertexto, apesar de ainda não utilizar essa nomenclatura. Para a autora, o referido pesquisador atribuiu características de fazer ligações entre informações por meio de nós, “encruzilhadas” virtuais e informacionais, por meio de uma máquina, à época já os sistemas informáticos e computacionais, embora em formatos bem menos compactos que o de hoje. A autora relata que o nome hipertexto foi criado por Theodore Nelson, no intuito de denominar um sistema mecânico em que as informações se ligassem por meio de links navegáveis, ou seja, uma espécie de mapa com percursos variados conectados por pontos acessíveis.

Em se tratando das diferentes teorias e abordagens que discutem a conceituação e, consequentemente, a caracterização do hipertexto, Roger Chartier (2002) apresenta que o hipertexto e o computador propõem novos paradigmas para a leitura e para a escrita.

O hipertexto e a hiperleitura que ele permite e produz transformam as relações possíveis entre as imagens, os sons e os textos associados de maneira não-linear, mediante conexões eletrônicas, assim como as ligações realizadas entre os textos fluidos em seus contornos e em número virtualmente ilimitado. Nesse mundo textual sem fronteiras, a noção essencial torna-se do elo pensado como a operação que relaciona as unidades textuais recortadas para a leitura. (CHARTIER, 2002, p.108-109).

Ao ampliar as possibilidades de práticas de leitura, como também a construção de novos saberes que o hipertexto pode proporcionar aos discentes, é importante salientar que esse texto traz mudanças significativas. O hipertexto inova a relação do ler e escrever, pois o “leitor-navegador” não é um consumidor passivo, e sim um produtor do texto que está lendo, um coautor ativo, capaz de ligar os diferentes materiais disponíveis, escolhe seu próprio itinerário de navegação”. (COSTA, 2000, p. 4).

Nessa perspectiva, fica evidente que o hipertexto delineia um novo/diferente processo de leitura, pois a partir do texto em tela, o leitor trilha seus próprios caminhos, constrói novas informações; portanto, o leitor que navega pela cibercultura é um protagonista das suas próprias rotas, cria e partilha novos aprendizados, embora as informações sejam fluidas. Enfim, o leitor do hipertexto determina a ordem da leitura, como também quais conteúdos quer ler. Tal liberdade proporciona ao leitor uma vasta associação de ideias que permite ao interlocutor múltiplas leituras; assim, o hipertexto não é formalmente fechado; permite estágios de profundidade, pois não apresenta sequência nem tópicos definidos. Isso porque o hipertexto é um texto não-linear, que apresenta uma flexibilidade desenvolvida na forma de ligações permitidas/sugeridas entre nós que constituem redes que possibilitam a elaboração de vias navegáveis (NELSON, 2005).

O perfil do leitor do hipertexto nasce em um contexto vasto de eventos de leitura. Esse leitor da internet torna tênues as fronteiras entre a escrita e a leitura, que são múltiplas e dinâmicas, perpassam por várias semioses, são multimodais. Para Michel Joice (1995, p. 41-42 *apud* SNYDER, 1998, p. 30-31), o hipertexto divide-se em duas categorias: exploratório e construtivo.

A primeira categoria, exploratório, apresenta que o hipertexto mantém a autoria original, mas permite uma audiência pelos leitores/navegadores; esses controlam a transformação de um corpo de informações para suprir suas necessidades e interesses; criam suas próprias sequências, incluindo a capacidade de criar, mudar e recobrir os conhecimentos, mantendo-os como versão do material. O segundo conceito, o construtivo, desmonta a noção do autor original e exige ações de agir, recriar, recobrir. Nessa concepção, o hipertexto explora representações visuais e pessoais do conhecimento que desenvolve, portanto, em um hipertexto construtivo; o protagonista é o usuário e esse participa ativamente da construção do texto, em toda sua conjuntura. Pode-se citar os jogos virtuais como exemplo de um hipertexto construtivo, pois nesse tipo de formato de texto hipertextual, o próprio autor define a forma virtual materializada do hipertexto.

Apesar de o hipertexto, como já apresentando anteriormente, remeter o leitor a uma certa multilinearidade nas formas de leitura e na estruturação cognitiva do texto, o que atrela o hiperleitor à instantaneidade da passagem de um nó a outro, torna-se importante a mediação de leitura desses textos, em muitos momentos, pois essa característica do hipertexto pode gerar alguma desorientação e dispersão no processo de leitura. Nesse sentido, como apresenta Xavier (2005, p. 173), “o uso inapropriado dos *links* pode ocasionar dificuldade na leitura, por motivo de romper, quando visitadas indiscriminadamente, as isotopias que fortalecem o andamento do fluxo semântico responsável pela coerência do texto convencional”.

Ao analisar o hipertexto numa perspectiva cognitiva e referencial, vale salientar que, nesse tipo de texto, não há uma sequência estrutural fixa; porém, o hipertexto apresenta bases estruturais que determinam e caracterizam ações cognitivas que são embasadas em pilares de referências descontínuas. Ou seja: tanto a cognição quanto a coerência do hipertexto estão relacionadas com as escolhas de itinerários que são realizados pelos leitores, a partir de suas inferências prévias que determinam por quais caminhos o leitor pode trilhar.

É importante enfatizar que o hipertexto traz consigo uma inovação na maneira de se pensar o ato de ler e essa maneira atravessa uma perspectiva de texto que apresenta característica não-sequencial e não-linear. Por conseguinte, o hipertexto modifica não apenas a maneira de se ler, mas também oportuniza possibilidades de múltiplas formas de manuseio do texto e, desse jeito, estreita a distância

entre leitor e produtor; portanto, contribui para atividades colaborativas que fortalecem a construção social do conhecimento.

O hipertexto caracteriza-se como uma possibilidade de práticas de leitura que traça caminhos abertos e intermináveis, pois é um texto de várias nuances, de múltiplas conexões que fortalece um elo entre autor e leitor, completando-os simultaneamente nas suas produções singulares. Para Bolter (2000), o hipertexto é um espaço aberto, sem margens e sem fronteiras, portanto, uma nova área que vai além do espaço da folha de papel e além do espaço do livro e é uma realidade apenas virtual.

Partindo dessa análise, constata-se que o hipertexto alarga possibilidades de rever formas cristalizadas de como acontece o processo de construção dos diferentes eventos de leitura, pois rompe com a noção de linearidade do texto e também evidencia que a ordem das informações não acontece na mesma sequência da escrita. Para Santaella (2001), as práticas de leitura perpassam por processos concretos de signos. Fundamentando-se nessa afirmativa, a autora aborda a linguagem e o pensamento a partir de três matrizes: a sonora, a visual e a verbal, que ampliam a multiplicidade das formas de linguagens.

Partindo-se dessa premissa, tais matrizes permitem uma noção dos processos de materialização do pensamento humano, pois proporcionam uma percepção mais aguçada das complexas linguagens que perpassam o atual contexto de produção cultural. O hipertexto, então, propõe uma certa autonomia ao leitor, intigando-o a transitar por múltiplas linguagens, trazendo inúmeras sugestões de eventos de leitura através dos links que estabelecem uma grande seletividade de informações precisas e rápidas; estabelece novos processos de comunicação que são interativos e dialógicos em formas hibridizadas que resultam em novas percepções de ler e de escrever

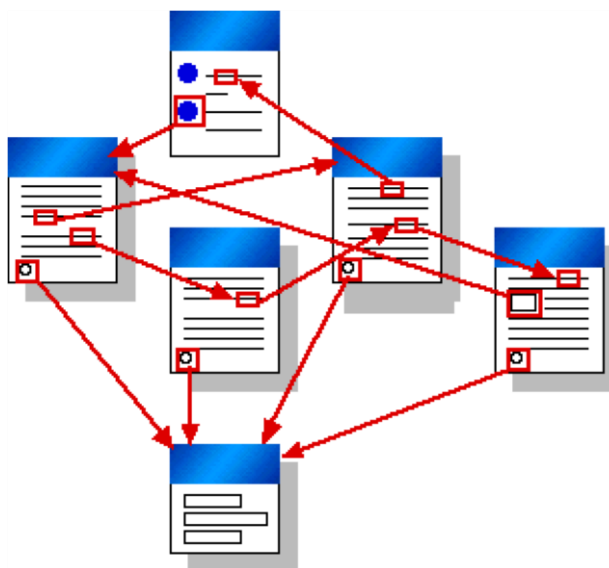
Como apresenta Santaella (2004, p. 390),

No hipertexto o usuário pode navegar de um texto para o outro, bastando para isso seguir alguns protocolos muito simples. O universo virtual das redes tem se alastrado tão exponencialmente por todo o planeta a ponto de produzir a emergência de uma nova forma de cultura, a cultura do ciberespaço ou cibercultura.

O hipertexto tem a dimensão que o leitor lhe der: seu começo é ali onde o leitor escolhe, com um clique, a primeira tela; termina quando o leitor fecha, com um clique, uma tela, ao dar-se por satisfeito ou considerar-se suficientemente informado. Além disso, é um texto dinâmico, está sempre em movimento. Com um ou dois cliques, obedecendo, por assim dizer ao dedo e ao olho, ele mostra ao leitor uma de suas faces, depois outra, um certo detalhe ampliado, uma estrutura complexa esquematizada. Ele se redobra e desdobra à vontade; muda de forma, se multiplica, se corta e se cola

outra vez de outra forma. Não é apenas uma rede de microtextos, mas sim um grande metatexto de geometria variável, que se representa metaforicamente conforme a figura 2.

Figura 02: Metáfora do hipertexto



Fonte: SILVA, Marco. Educar na cibercultura: Desafios à formação de professores para docência em cursos online, 2010.

Dessa forma, esse tipo de texto possui características que o diferencia do impresso, tais como seu caráter não-linear⁶ e a presença da interatividade. Quanto a não linearidade, é um dos pontos mais destacáveis do texto em tela. Portanto, possui uma estrutura textual aberta que traz à tona novas concepções e novos comportamentos na produção de sentido. O hipertexto não necessita que a sequência de leitura dos módulos seja fixa. Dessa forma, estabelece novas relações com outras configurações de realidades, ao permitir ao leitor trilhar caminhos de ir e vir sem uma sequência estabelecida.

Assim, pode-se afirmar que o hipertexto é multilinear. Isso significa que a exploração e a navegação do hipertexto se apresentam como livre opção do usuário. Como apresenta Santaella (2007, p. 307), “continuar leitura sem utilizar o link ou clicar e conectar-se à continuação daquela informação em outro contexto, ambos fazem sentido”. Dessa forma, apresenta-se de modo reticular: uma estrutura com o formato de uma rede. Sobre isso, Coscarelli (2003, p. 73) destaca que “o hipertexto é, grosso modo, um texto que traz conexões, chamadas links, com outros textos que, por sua vez, se conectam a

⁶ Há debates que afirmam que a não-linearidade não é propriedade restrita ao hipertexto, pois essa característica já existia em outros formatos de textos, mesmo antes da invenção do computador. Alguns autores, como Bolter e Grusin (2000), apresentam essa ideia, ao refletirem que os hipertextos já existem há quase um milênio. Essa vertente de pensamento apresenta que os sumários e as notas de rodapé favorecem ao leitor uma interação com os textos, e que essa interação pode ser entendida como uma realização de antecipação do termo links, que é utilizado na cibercultura, pois, funcionalmente, acionam a não-linearidades num texto, independente da cultura do texto, seja ela do impresso ou digital.

outros, e assim por diante, formando uma grande rede de textos”. Ademais, esse tipo de texto, presente no ciberespaço, possui interatividade, o que possibilita o rompimento de fronteiras entre autor e leitor.

Nesse sentido, o hipertexto oportuniza maior interatividade do sujeito leitor com o texto, tendo em vista que será o usuário quem determina sua trajetória de leitura e, assim, qual informação deverá ser vista, em sequência e por quanto tempo (SANTAELLA, 2007). Essa flexibilidade no ato de ler um hipertexto, considerada por Santaella (2007) como leitura em trânsito, pode confundir o leitor se ele não for capaz de formar mapas cognitivos em relação ao documento. Por isso, para essas intervenções do usuário sob o texto, existe um *design* informacional (SANTAELLA, 2007) ou espaço do hipertexto que, de algum modo, orienta um campo de possibilidades de trajetória de leitura.

Dessa forma, como apresenta Marcuschi (2007), ao dialogar com os estudos de Burbules (1998), a forma organizacional do hipertexto assemelha-se a um rizoma, a partir de um crescimento enraizado e bifurcado; o hipertexto organiza a informação por bricolage e justaposição, numa perspectiva flexível e de natureza lógica. Ao conceber-se a tela como espaço de leitura, deve-se enfatizar que esse local potencializa significativas inovações nas formas de se perceber a relação entre autor e texto e, conseqüentemente, entre leitor e texto, pois novos formatos de conhecimento se desenham e, conseqüentemente, novas forma de enxergar o mundo.

Nessa perspectiva, o hipertexto, a partir dos hiperlinks, amplia as possibilidades de coautoria entre leitor e autor dos textos. E, nessa configuração, faz emergir outro perfil de leitor, “[...] que apresente outras habilidades e comportamentos em relação ao texto, ampliando o diálogo com a diversidade de mídias e de estéticas textuais presentes na sociedade contemporânea” (BERGER; ANECLETO; 2019, p. 27), ou seja, o hiperleitor.

2.2.2 O Hiperleitor

O século XXI surge com uma explosão de estudos em relação a aspectos cognitivos sobre os novos perfis de leitores, os quais pertencem à cibercultura. A informação toma outros contornos; essa está nos dígitos, no som, na imagem, nos textos e, também, nos programas informáticos. Dessa maneira, outro perfil de leitor aparece, o imersivo. Esse possui habilidades cognitivas que o difere do leitor do livro. Faz leitura de linguagens híbridas que transitam entre imagens e textos. O leitor imersivo é livre, tem liberdade de buscar direções de rotas, estar sempre de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, de maneira multilinear, multissequencial e labiríntica. Interage com os roteiros alineares do ciberespaço.

Esse tipo de leitor envolve-se com transformações sensoriais, perceptivas e cognitivas que estabelecem novos tipos de sensibilidade corporal, física e mental. É perceptível que com o passar do

tempo muitas transformações ocorreram na cultura digital. O advento da Web 2.0⁷ nos proporcionou inovações no campo da tecnologia e trouxe a popularização da banda larga. Essa colaborou com a difusão dos espaços virtuais de sociabilidade, através das plataformas digitais e das comunidades virtuais. Tais inovações impulsionaram mudanças significativas no campo interacional. Dessa forma, novos modelos de relações sociais se construíram os quais reforçam princípios baseados em troca, participação, colaboração e compartilhamento.

O ato de ler é dinâmico, acompanha as mudanças históricas, sociais e culturais ao longo do tempo, e mostra que o leitor da esfera digital é prossumidor, consumidor e, também, produtor de textos. Esse tipo de leitor se ambienta nos grandes centros urbanos. Lê sinais de trânsito, as luzes do semáforo, as placas de orientação, os nomes das ruas; é também expectador do cinema, da imagem em movimento, da televisão. As características motoras e cognitivas desse leitor perpassam pelos leitores contemplativo, movente e imersivo. Dessa forma, surge o leitor ubíquo, que apresenta uma nova concepção de leitura.

Essa ideia de estar sempre presente em qualquer tempo e lugar que interessa levar para a caracterização do leitor ubíquo, uma nova condição de leitura e de cognição que está fadada a trazer enormes desafios para a educação, desafios que estamos apenas começando a vislumbrar. (SANTAELLA, 2013, p. 278).

O leitor ubíquo traz consigo relações complexas sobre o existir, pois atravessa as esferas do trabalho, do entretenimento, as transações de serviço e mercado. Assim, como também o acesso ao conhecimento e às possibilidades de aprendizado. É um tipo de leitor que dissolve qualquer fronteira entre o físico e o virtual. Transita em várias formas e espaços. É nômade, pois ao toque do dedo responde ao mesmo tempo a distintas motivações. Adapta-se com prontidão cognitiva à agitação e à dinamicidade da vida atual.

Como apresentam Almeida e Anacleto (2020, p. 97), “na hiperleitura, processos de leitura ocorrem em meio a um emaranhado de caminhos possíveis, marcados pela transitoriedade, pela imaterialidade, pela confluência de modos enunciativos”. Assim, ao adentrar na discussão sobre o hiperleitor, torna-se imprescindível uma explanação dos tipos de usuários da rede. Tal debate deve ser numa perspectiva de discussão holística, de como os sujeitos navegam no ciberespaço, pois cada tipo de usuário detém habilidades cognitivas que perpassam por comportamentos que envolvem questões motoras e perceptivas próprias da interação com a cibercultura.

Esses usuários podem ser classificados, de acordo com Santaella (2007), em três tipos: o novato, o leigo e o experto. O usuário novato é o tipo que não possui experiência com os textos veiculados na

⁷ A Web 2.0, denominada de web participativa ou colaborativa, é o que usamos atualmente. Destaca-se por ser dinâmica, ao contrário da web 1.0, que é estática. Indica a interatividade e participação do usuário final com a estrutura e conteúdo da página. Nela, o usuário final pode postar comentários, enviar imagens, compartilhar arquivos e fazer milhares de outras coisas que a web 1.0 não permitia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/World_Wide_Web#Web_1.0>. Acessado em: 27 jun. 2020.

rede. Deslumbra-se com as descobertas; segue a lógica do raciocínio abdutivo. Vai clicando meio sem rumo em possibilidades de caminhos abertos. Esse tipo de usuário é um internauta errante. Tudo é novidade; adentra na rede através da memorização de alguns atalhos, mas não tem o manejo necessário para explorar as possibilidades diversas que são potencializadas pelo espaço digital.

Os usuários novatos, geralmente, mostram-se confusos com a profusão de signos que são expostos na rede. São ansiosos e inseguros nas operações de navegação, impacientes e usam com pouca frequência os espaços disponibilizados na rede. Ficam perplexos diante da tela e têm dificuldade com o manuseio do mouse. Enfim, não conseguem estabelecer uma conexão entre o olho, o tato e as habilidades motoras. Apesar de muitos alunos da escola *locus* ultrapassarem a esse perfil de usuário da rede, o novato, ainda existem sujeitos que se constituem como os “excluídos digitais”, pois, como apresenta Lemos (2011), para além de não terem acesso a serviços de banda larga e artefatos maquímicos, não produzem conteúdos próprios e são apenas consumidores passivos das redes.

O segundo tipo de usuário é o leigo; possui habilidades com algumas rotas da rede. Examinam situações falsas e corretas, porém, tem dificuldade com a manipulação do mouse e do teclado e em estabelecer uma conexão entre os signos que aparecem e desaparecem da tela. Esse tipo de usuário é visível no espaço da escola *locus*, pois muitos alunos do CEPOPP utilizam o espaço digital, na maioria das vezes, apenas para fins de entretenimento, que são as rotas mais conhecidas por eles.

Tal perfil de usuário faz uso da rede poucas vezes por semana e geralmente optam pelas mesmas buscas: sites de bate-papo, troca de e-mail, conversas instantâneas etc. Apesar de quase todos os alunos possuírem algum recurso tecnológico, prioritariamente tecnologias móveis, como se pode observar no cotidiano escolar, é perceptível que tais aparatos são utilizados, muitas vezes, apenas como possibilidade de entretenimento. Por essa razão, faz-se necessária uma ampla reflexão sobre a questão em pauta, no intuito de trabalhar com esses discentes a construção de novos saberes, a partir de uma sensibilização do uso consciente e responsável dos espaços potencializados pela cibercultura.

O terceiro tipo de usuário é o experto. É prudente ao examinar cada passo de acesso, traça caminhos alternativos em relação às suas escolhas, estabelece o “ir e vir” para alcançar o seu objetivo. Realiza várias vezes operações de busca, avança, erra e se autocorrigem. Caracteriza-se como um navegador detetive. Situa-se na lógica do raciocínio indutivo. Esse tipo de internauta é um experimentador de alternativas de buscas. Atenta-se aos detalhes, investiga os caminhos da rede.

Para esse tipo de navegador, não há associações prescritas, pois navegar na rede pode exigir um verdadeiro trabalho de detetive, que segue pistas, escolhendo entre as alternativas, aquelas que lhe parecem mais prováveis. Esse tipo de usuário costuma entrar na rede pelo menos uma vez por dia. É atento, disciplinado, mantém o foco na busca por novos conhecimentos e possui um modo peculiar de interagir com a rede.

O usuário experto possui competências e habilidades que o difere dos demais. Tem um bom manuseio com os aplicativos. Transita com fluidez e desenvoltura nos comandos da rede. Estabelece uma representação nítida da estrutura dos mecanismos de navegação. Em síntese, estabelece estratégias globais precisas; detém o conhecimento do conjunto, o que facilita tomar decisões em relação a escolhas que devem ser realizadas para a leitura do hipertexto. As distintas habilidades de leitura intrínsecas ao perfil do hiperleitor são diferentes das habilidades do leitor do livro impresso. Portanto, conforme discute Santaella (2004), surge um novo tipo de leitor no ambiente informacional dos meios digitais.

Ao se discutir a temática que envolve o debate sobre o perfil dos leitores na contemporaneidade, faz-se necessário compreender como esses leitores lidam com os espaços que proporcionam a hiperleitura, pois o ato de hiperler perpassa por caminhos que corroboram com a ideia de se construir competências midiática e informacional, pois é a partir dessas competências que os sujeitos controem suas práticas de leitura crítica e reflexiva nos novos eventos digitais.

Os eventos de hiperleitura potencializam novos contextos de linguagens híbridas, os quais se materializam nos espaços da cibercultura proporcionando uma multiplicidade de linguagens. Dessa maneira, os sujeitos lidam com habilidades que produzem novos formatos de leitura, como também novas perspectivas de produzir e interpretar os conhecimentos. Portanto, o hiperleitor caracteriza-se pela capacidade de construir habilidades múltiplas de leitura, que o torna capaz de transitar nos mais diversos espaços digitais e realizar inferências e conexões que estão presentes na cultura impressa como também na cibercultura, perpassando por diversos fenômenos linguísticos e pelas novas e diversas formas de leitura.

Dessa maneira, o hiperleitor surge a partir de ambientes informacionais veiculados na esfera digital. É um leitor imersivo que se encontra em constante contato com o hipertexto, tornando-se, assim, hiperleitor. Possui um perfil que constrói mecanismos e habilidades que o torna capaz de interagir com variados conteúdos, tornando-se não só consumidor, mas, principalmente, produtor de saberes que se constroem através de percursos e se estruturam pelas conexões mentais. Essas são elaboradas a partir das inter-relações do campo das linguagens nas suas itinerâncias sociais da hiperleitura.

[...] em vez de ser um observador distanciado [...] esse novo sujeito é agora implicado no mundo virtual onde está imerso; sua presença ali é ativa, no sentido de desencadeadora de acontecimentos e no sentido também de estar submetida às forças que ali estão em operação. (MACHADO, 2013, p.229-230).

Apesar de esses perfis se complementarem, principalmente ao ler textos no ciberespaço, espera-se que as ações pedagógicas do colégio estadual Professora Olga Pinheiro Pinheiro ampliem possibilidades do hiperler na cibercultura, a partir da diversidade de textos presentes nesse espaço. Dessa

forma, para ampliar práticas de leitura no espaço escolar, é proposto nesta pesquisa que alunos da escola *locus* se tornem usuários expertos das práticas leitoras nas redes.

Para alcançar essa ação, foi proposta como ação interventiva da pesquisa visita ao Museu Virtual de Língua Portuguesa⁸, o que oportunizou, a partir da interação com a diversidade de textos presentes nesse espaço virtual, a constituição de sujeitos expertos em relação à leitura nos meios digitais, tornando-os hiperleitores críticos e reflexivos de textos com diversidade de linguagens e de modalidades.

⁸ O acervo do Museu Virtual de Língua Portuguesa, que serviu de espaço interventivo nesta pesquisa pode ser acessado pelo link:
<<https://artsandculture.google.com/exhibit/uma-viagem-pela-l%C3%ADngua-portuguesa/AQDfjY4m>>

3 MUSEUS VIRTUAIS COMO ESPAÇO DE HIPERLEITURA

Ressalta-se o quão significativo é, para a história da humanidade, o registro das ações culturais que marcam/marcaram as memórias vivenciadas pelos sujeitos no decorrer do tempo. Tais registros rememoram vivências que perpassaram/perpassam por aspectos culturais, que vão desde de a valorização de bens materiais, como construções, objetos, monumentos a memórias e experiências que caracterizam uma determinada cultura.

Dessa maneira, os registros dos aspectos culturais de um povo são considerados como fator preponderante para a condição do indivíduo como sujeito social (CHAGAS, 1995). Portanto, ao longo da história, os sujeitos rememoram e valorizam sua cultura através de diferentes e importantes ações que podem ser afetivas, simbólicas e materiais.

A partir dessa perspectiva, constata-se que os museus foram idealizados com o intuito de valorizar e preservar a história e a cultura dos sujeitos que, ao longo do tempo, construíram suas itinerâncias culturais e históricas por representação de suas ações sociais. Para Chagas (1995), os museus se caracterizam a partir das ações sociais de seleção, organização, salvaguarda e exposição de objetos em um espaço determinado. Tal estrutura perpassa por uma ideia que se fundamenta na comunicação e na exemplificação das histórias que representam as narrativas rememoradas ao longo do tempo.

A palavra museu é de origem latina, derivada do grego *mouseion*; essa palavra faz uma analogia ao templo das musas. Partindo da premissa da mitologia grega, as musas seriam as filhas de Zeus com Mnemósine (deusa da memória). Segundo a referida mitologia, as musas seriam dotadas de memória absoluta; de imaginação criativa; de danças e músicas e, também, possuíam o poder da boa oratória (SUANO, 1986). A partir dessa concepção, o *mouseion*, como foi originalmente conhecido, foi pensado para se constituir em um espaço sagrado.

Ademais, as obras de artes e objetos expostos nesses espaços não eram basicamente para contemplação e, sim, para demonstrar o quão significativas eram as divindades para a cultura daquele momento histórico (OLIVEIRA, 2008). Segundo o autor, até o final do século XV, os museus eram ambientes reservados às pessoas que detinham um forte poder financeiro. Nessa época, os museus eram apreciados por visitantes que recebiam autorização de seus proprietários. Tal situação mudou com a implementação das ideias iluministas; essas defendiam a igualdade de direito a todos os cidadãos. É importante mencionar que o primeiro museu físico público instituiu-se na França, no Governo Revolucionário, em 1793, o Museu do Louvre, que conta com muitas coleções; também oferece ações recreativas e culturais. Após a criação desse museu, várias coleções particulares tornaram-se públicas e transformaram-se em importantes acervos, a exemplo do Museu do Prado, localizado na Espanha e, também, o Museu Mauritshuis, situado na Holanda.

Com as mudanças ocorridas pelo advento do Iluminismo, os museus pautaram-se em suas concepções filosóficas e museográficas. Tais abordagens embasavam-se na documentação, na pesquisa e no aumento de suas coleções. Dessa maneira, os fatos históricos passaram a ser primordiais e, conseqüentemente, os museus tornaram-se espaços de aprendizagem. Ressalta-se que, dentre as mudanças mencionadas, está a de que os museus passaram a difundir a ideia de valorização do patrimônio cultural, do patrimônio natural e do patrimônio social; enfim, os museus iniciaram a enfatizar ações culturais e históricas dos sujeitos como fonte central de seu trabalho.

Essas transformações podem ser constatadas a partir das ações realizadas nos museus comunitários, nos ecomuseus e, também, através da concepção de museu ao céu aberto. A partir das mudanças elencadas, os museus passaram a organizar suas atividades cotidianas, como exposição dos objetos, com textos e etiquetas reduzidas; a diversificação das tipologias de coleção, o aperfeiçoamento dos profissionais envolvidos e a valorização da função educativa dos museus também foram ampliadas (BINA, 2007).

A partir das abordagens que ancoraram a ampliação do conceito de museu, percebe-se que as instituições museais começam a ser concebidas como entidades que priorizam aspectos socioculturais. Segundo Oliveira (2008), com contexto diferente ao dos séculos passados, na contemporaneidade, os museus constituem-se em ambientes sem fins lucrativos; expõem coleções de diferentes valores e categorias, com o intuito de conservar, pesquisar, informar e exibir seus acervos, a fim de construir novos saberes que perpassam pela educação, pela pesquisa e pela visitação pública.

Essa concepção constituiu-se a partir das ações realizadas no campo museológico, tendo como elemento visibilizador as conferências realizadas em Santiago do Chile, no ano de 1972. Tal evento foi considerado como um marco histórico, pois concebeu uma nova concepção para os estudos referentes à estrutura dos museus. Baseado nas mudanças ocorridas, a partir da referida conferência, o conceito de museu passou a ser considerado como uma instituição a serviço da sociedade e, dessa forma, permite a formulação de sua própria consciência.

Nesse contexto, é perceptível depreender que foi através das mudanças ocorridas ao longo do tempo que a concepção de museu foi ampliada. Tais mudanças referendaram a noção de museu como sendo espaço de itinerâncias sociais. Portanto, a nova concepção de museu propõe tornar os acervos mais acessíveis à sociedade. Esse movimento de inserção aos museus ocasionou algumas profícuas transformações, sendo a partir dessa abordagem que as técnicas de exposição dos acervos tornaram-se mais populares. Por conseguinte, essa ação teve o intuito de mostrar que os museus configuram-se, também, como espaços de ensino e de aprendizagem.

Tendo como base as concepções teórico-filosóficas do conceito de museu, é importante enfatizar que esses espaços viabilizam práticas híbridas de leitura. Portanto, faz-se necessário refletir sobre as potencialidades veiculadas através dos museus, pois tais possibilidades correspondem para às andarilhagens dos sujeitos na contemporaneidade. Além disso, a contemporaneidade trouxe à tona pertinentes reflexões no tocante ao uso consciente das tecnologias digitais da informação e comunicação nos mais variados espaços. Dessa maneira, enfatiza-se que a ampliação das estruturas que caracterizam o museu físico tornou-se uma forma de democratização desses espaços, a partir dos museus virtuais.

Vive-se em um momento histórico em que a cultura digital se faz necessária no processo de construção de novas aprendizagens. Para Kamenetzky (2010), a era das tecnologias digitais e telemáticas trouxe a possibilidade para que as paredes milenares e monolíticas do museu físico sejam substituídas por uma estrutura leve, permeável e fluida. Segundo o autor, faz-se necessário o desenvolvimento de ecossistemas que se constituam a partir de ambientes de aprendizagem digitais em rede. Tal mudança perpassa pela construção de espaços múltiplos de ensino e de aprendizagem. Dessa maneira, esses ecossistemas estão em constante processo de mudança, pois há uma multiplicidade de conteúdos que são veiculados nas plataformas e nos sistemas que compõem a esfera digital. Nesse sentido, esses espaços digitais potencializam transformações, não apenas tecnológicas, mas, também, oportunizam mudanças socioculturais.

Tendo em vista as mudanças que as TDIC oportunizaram ao processo de ensino e de aprendizagem, ressalta-se que os museus estão em constante evolução digital. A concepção de museu virtual suscita profícuas reflexões que potencializam estratégias motivadoras de diferentes práticas educativas. Ademais, os museus virtuais proporcionam também a possibilidade de aprendizagens de forma interativa, ao disponibilizar conteúdos interativos que permitem a construção de saberes múltiplos, de maneira ativa.

O Museu virtual tem o intuito de estabelecer a ação da interatividade aos internautas. Dessa maneira, o usuário da rede é instigado a estabelecer conexões que perpassem pelas seguintes itinerâncias: construção de sua própria coleção; orientação da sua própria visão do museu; apropriação dos objetos digitais; percepção do conceito de realidade aumentada. Tais itinerâncias potencializam a releitura do conceito museológico e permite que os internautas construam suas próprias andarilhagens ao adentrar nos espaços dos museus virtuais.

Diante da explanação dos fatos mencionados, contata-se que o museu virtual constitui-se como um espaço de comunicação de diferentes linguagens. Essa característica se intensifica através da Internet que, como um meio tecnológico, possibilita a interação dos internautas aos acervos museológicos. Tal ação de construção de novos saberes embasa-se na abordagem que fundamenta-se no uso das TDIC

como artefatos culturais potencializadores de conhecimento. Portanto, para a compreensão dos novos formatos de museologia, faz-se necessário um estudo aprofundado das possibilidades de aprendizagens que são inerentes aos espaços da cibercultura.

Entende-se, então, ser importante uma reflexão que seja pautada no conceito museológico como um aparato que incentiva o respeito à preservação da memória, pois os ambientes que rememoram as ações sociais realizadas ao longo da história são importantes para as abodagens que norteiam propostas de ensino e de aprendizagem, valorizando as vivências dos sujeitos. Dessa maneira, os museus caracterizam-se como espaços importantes de interação e potencializam uma reflexão dos paradigmas que fundamentam o estudo da cultura e da sociedade; portanto, contribuem para a percepção de novos formatos de conhecimento. (MARQUES, 2013)

Em se tratando dos estudos epistemológicos sobre o museu virtual, é importante enfatizar que alguns autores abordam suas percepções que se pautam em estudos que ratificam a urgência de se pensar em estratégias pedagógicas que incentivem o estudo dos acervos patrimoniais em uma perspectiva virtual. Tal espaço interativo potencializa itinerâncias que circundam um ambiente em que tudo circula com fluidez crescente e as distinções entre original e cópia já não têm evidentemente razão de ser (LÉVY, 1999).

Partindo dessa linha de pensamento, evidencia-se que o museu virtual constitui-se como um importante aparato de construção de novos saberes. Os espaços do museu virtual proporcionam aos internautas a possibilidade de serem atores protagonistas das suas andarilhagens virtuais. Para McKenzie (1997), a visita a um museu virtual potencializa aprendizagem por experiência, que se caracteriza como dinâmica, multidisciplinar, interativa. Para a autora, esse ambiente permite que os usuários adentrem em espaços históricos; promovem um exercício de aquisição de conhecimentos factuais substantivos, mas, também, o desenvolvimento de uma compreensão mais complexa ao nível da significância e da empatia histórica. Ou seja, da capacidade de se colocar no lugar do outro, no lugar do ator histórico e, assim, apropriar-se do conhecimento e de uma memória que se tornou verdadeiramente significativa porque foi trabalhada e construída pelo sujeito.

No entanto, ao abordar sobre o virtual e o virtual, leva-se em conta a consideração de Lévy (1996), ao caracterizar essa oposição como “fácil e enganosa”. O autor levanta a concepção de que o virtual se opõe ao atual, na proporção em que tende a atualizar-se, sem alcançar uma concretização efetiva. Portanto, há uma distinção entre o virtual e o possível, pois esse último já se encontra construído, em estado latente, para se transformar. Dessa forma, o virtual é um impulsionador de tensões para o processo criativo da atualização. Assim, não é previsível nem estático, como a passagem do possível para o real.

O autor reitera que o conceito do virtual transcende o “aqui e o agora. O não estar presente oferece velocidades novas, os tempos são mutantes” (LÉVY, 1996, p. 24). Nesse sentido,

Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização (LÉVY, 1996, p.16).

A abordagem feita por Lévy (1996) leva o docente a pensar em processos de educação mais dinâmicos, permeados pelo campo da virtualização do saber. Esse ultrapassa os modelos tradicionais de estrutura de aula, muitas vezes, centradas na transmissão de conteúdos para a organização de práticas interativas, numa perspectiva de construção de novos conhecimentos. Como destaca Lévy (2007), o educador atuante na cibercultura deve aprender a lidar e a compartilhar o "saber-fluxo" disponível virtualmente no ciberespaço. Nesse sentido, Lévy (1996) destaca que, na cibercultura, os processos sociais também são virtualizados, dentre eles o texto.

O modelo de comunicação hipertextual veiculado ao espaço digital tem proporcionado amplas estratégias para o ato de ler. Portanto, infere-se que a hiperleitura, a leitura sobre o hipertexto, define-se como uma construção dialógica, polifônica e social, que se concretiza mediante aos links e aos nós da virtualidade. Essa lógica de construção de sentidos permite ao sujeito, através do uso das TDIC, práticas interpretativas que resultam na capacidade hiperleitora. A partir do processo de atualização do texto, os estudantes podem perceber-se como autores/construtores de novos aprendizados como, também, de saberes diversos.

As múltiplas linguagens presentes nos textos e o aumento no acesso à informação, seja em qualquer tempo e espaço, desafiam o nosso sistema educacional, que necessita ser repensado para responder a novas demandas de trabalho com o texto (MONTE MÓR, 2018). Essas formas de leitura presentes no ciberespaço suscitam questões pertinentes aos novos paradigmas das várias manifestações de linguagem, potencializadas em novos formatos, nos espaços da cibercultura. Nesse novo escopo de processos de leitura, o museu virtual ocupa um espaço significativo na propagação da arte (que nesta pesquisa é considerada como texto), de forma multissemiótica e, em alguns momentos, por uma perspectiva epilinguística⁹.

Entendemos que o ambiente virtual é um meio eficaz na construção de conhecimento como, também, na disseminação das mais diversas e variadas abordagens linguístico-discursivas, que são determinadas por uma plasticidade e heterogeneidade, o que promove novas práticas de leitura, também a partir dos museus virtuais. O museu, em seu modelo físico, teve origem na Grécia Clássica; mas com

⁹ Uma perspectiva epilinguística diz respeito ao trabalho com a língua/linguagem em que os próprios sujeitos percebem os mecanismos para interação que são escolhidos por eles para atender a propósitos comunicativos diversos, de forma crítico-reflexiva (REZENDE, 2008).

o passar do tempo ampliou sua localização em diversas outras civilizações, como também o exercício de suas funções, formatos e diferentes modelos no século XXI.

Nesse prisma, pode-se compreender o museu não mais como um lugar do “templo das musas”, que transmitiu a concepção de museu como depósito; mas sim como um espaço que apresenta o sentido nas coisas do mundo e da vida e reelabora incessantemente a sua missão poética (CURY, 2004). Como instituição pública, o museu tem como base o desejo de posse. Tal assertiva embasa-se na concepção das primeiras coleções particulares, que foram preponderantes para o surgimento de outros museus, a exemplo do Ashmole de Arte e Arqueologia, considerado o primeiro museu público, instituído pela coleção de Jonh Tradescant, cedida por Elias Ashmole à Universidade de Oxford, na Inglaterra, no final do século XVII (BLOM, 2003).

O primeiro museu no Brasil, o Museu do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, teve sua criação no ano de 1862. Salienta-se que o Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), criado por D. João VI, em 1888, teve como primeira sede o Campo de Santana, que atendia aos interesses cultural e econômico do país (MACHADO, 2013). Atualmente, é vinculado ao Ministério da Educação e reconhecido como a instituição mais antiga do Brasil. Esse museu é considerado o maior espaço de história natural e antropológica da América Latina.

Apesar desse referencial histórico, a institucionalização para a criação de novos museus só veio à tona a partir do Decreto-lei nº 25/37, criado por Getúlio Vargas. Tal decreto dispunha sobre a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional e definia esse patrimônio como “o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por seu excepcional valor arqueológico e etnográfico, bibliográfico ou artístico” (BRASIL, 1980, p. 111). No entanto, ao optar em usar o museu como proposta de trabalho metodológico, é importante pontuar que tal espaço traz consigo marcas ideológicas, históricas e sociais pertencentes à cultura de um povo.

Segundo Anico (2005), os museus desempenham importante papel no que diz respeito não só à criação de consciências pessoais, mas também à construção e à representação de significados históricos coletivos diversos. Pautando-se nessa concepção, é pertinente pontuar as potencialidades de construção de novos espaços de representação histórico-cultural na cibercultura. Dessa maneira, o trabalho com o museu virtual vem a ser uma estratégia motivadora para o uso criativo dos meios tecnológicos no processo de ensino e de aprendizagem.

Por intermédio da experiência virtual, o museu caracteriza-se em constante processo de resolução do virtual, o que permite acesso a novas possibilidades de ação cultural. Assim,

O museu tradicional não é o único museu possível [...]. Existem outras dimensões do museu. [...] O museu deve ser pensado agora já não mais como coisa única (portanto estática), mas como fenômeno, e portanto coisa dinâmica, independente de um local e de um tempo específicos, podendo estar

simultaneamente em muitos lugares, sob as mais diversas formas e manifestações. (SCHEINER, 1998, p. 89).

A interatividade proporcionada pelo museu virtual permite aos internautas uma importante conexão com aprendizagens veiculadas em espaços *on-line*. Tais saberes fomentam a participação ativa do usuário da rede, que interage com múltiplos conteúdos digitais. É importante destacar que as itinerâncias virtuais em ambientes museológicos proporcionam aos sujeitos construir competências, que os levam a serem mais críticos e reflexivos nas suas práticas discursivas cotidianas. Dessa maneira, os museus virtuais potencializam a virtualidade, a variabilidade e a viabilidade das múltiplas formas de saberes e, conseqüentemente, novas maneiras de interpretação dos contextos sociais, ressignificação da ideia de tempo e espaço.

Embasando-nos nas abordagens que norteiam os estudos do museu virtual, vale ressaltar que as TDIC têm o intuito de popularizar o acesso a esses espaços, como também constituirlos como um significativo local para ensino e aprendizagem. Ademais, a veiculação do acervo de museus em ambientes digitais é muito frequente na contemporaneidade, visto que as instituições museológicas têm feito uso da conexão em rede para divulgar suas ações. Entretanto, apesar de o museu virtual ter seu surgimento no final do século XX, no Brasil, tal ação efetivou-se na primeira década do século XXI. Esse momento histórico foi crucial para o surgimento das iniciativas que implementaram os primeiros sites que tinham o intuito de divulgar, como também atrair internautas para esse *locus*.

O museu virtual tem se caracterizado como um espaço que potencializa contemplação e entretenimento, como também a construção de saberes múltiplos. Nesse sentido, faz-se necessária a reflexão sobre aspectos que embasam os estudos da memória, do patrimônio e da história dos sujeitos. Tais concepções são veiculadas nos museus virtuais e necessitam ser pensadas como estratégias motivadoras para o processo de ensino e de aprendizagem dos estudantes. Com o surgimento do advento das TDIC, os museus virtuais passaram a disseminar acervos museais com o intuito de rememorar os fatos passados, através do rompimento das fronteiras, presentes no acesso ao museu físico. Por conseguinte, o museu virtual possibilita certa democratização do acesso aos acervos patrimoniais museológicos.

Nessa perspectiva, através de experiências que se realizam a partir de visitas a um museu virtual, é possível proporcionar conhecimentos que permeiam as mais variadas áreas, sejam elas artísticas, culturais e históricas, que marcam a cibercultura. É a partir dessa concepção de novos espaços agentivos para a manifestação artístico-cultural, por meio da variedade de linguagem, de semioses e modos textuais, que oportunizamos aos alunos do Ensino Médio do CEPOP um maior diálogo com aspectos patrimoniais da Língua Portuguesa, no Brasil.

3.1 MUSEU VIRTUAL DE LÍNGUA PORTUGUESA E HIPERLEITURA

O Museu Virtual de Língua Portuguesa (MVLP) configura-se como um artefato importante na trajetória do estudo dessa língua e das artes que a caracterizam. Ademais, o referido museu foi criado com o intuito de valorizar a diversidade da Língua Portuguesa, como também reconhecê-la como uma importante e significativa fonte de cultura que reconhece e aproxima todos os falantes desse idioma. O (MVLP) caracteriza-se como um museu que baseia-se nos estudos dos patrimônios imateriais, portanto faz uso das TDIC e, conseqüentemente potencializa acesso aos internautas, esses interagem de forma lúdica com os acervos virtuais do Museu Virtual DA Língua Portuguesa.

Figura 3: Print da homepage do Museu Virtual de Língua Portuguesa (MVLP)



Fonte: Site do museu. Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/exhibit/uma-viagem-pela%C3%ADngua-portuguesa/AQDfjY4m>> Acessado em: 08 jun. 2020.

O MVLP dispõe de um acervo cultural que conta com textos de diversas semioses, tais como imagens, vídeos e escritos; apresentam a dinâmica e as transformações da Língua Portuguesa que teve sua primeira manifestação marcante no século II a.C. Ao clique de um dedo no mouse, pode-se, de maneira virtual, explorar vários ambientes, pelos quais se têm acesso a categorias de arte, eventos históricos, figuras históricas.

Apresenta, na parte superior do site, uma barra indicativa às seções de navegação (página inicial, explorar, por perto, favoritos), contribuindo, assim, com a indicação para navegação nesse ambiente hipertextual. Essas seções apresentadas no início da página servem de bússola que orientam o hiperleitor para caminhar por obras literárias, fotografias, editorial semanal, dentre outras formas artístico-textuais. A seção intitulada de materiais traz imagens de objetos que se consagraram como patrimônio cultural, tais como: papel, tinta, metal, tecido, cera, arame, entre muitos outros.

Figura 4: Print da seção Faça um Tour Virtual

Fonte: site do museu. Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/project/street-view>> Acessado em 04 de jul. 2020.

Em 10 anos de funcionamento, o Museu da Língua Portuguesa (MLP) recebeu cerca de 4 milhões de visitantes (319 mil destes em ações educativas). É o primeiro museu virtual do mundo que se dedica a trabalhar com um único idioma; proporciona uma discussão sobre a diversidade de elementos culturais existentes na língua portuguesa, como também a difunde para os falantes desse idioma, principalmente os países lusófonos. Trouxe para o Brasil um novo conceito de estudo dedicado à exposição museográfica: apresentação da memória cultural por uma perspectiva conceitual. Tal estudo alia tecnologia e educação, a partir de uma narrativa audiovisual e ambientes imersivos, que permitem aos visitantes conhecerem novos aspectos do idioma, elemento fundador da cultura do país, ao mesmo tempo em que constrói uma memória histórico-social (SCHEINER, 1998).

Entretanto, esse museu é constituído, também, em versão física, situado na Estação da Luz, o que se torna algo simbólico: foi ali o ponto de chegada de imigrantes de vários lugares do mundo com diferentes idiomas e sotaques, no coração de São Paulo – maior cidade de falantes de português do mundo. O MLP foi eleito, no ano de 2015, pelo Trip Advisor¹⁰, como um dos três melhores museus do Brasil e da América Latina. Infelizmente, as instalações físicas do MLP foram atingidas por um incêndio de grandes proporções no dia 21 de dezembro de 2015, o que ocasionou o fechamento do espaço físico para visitação pública, sendo o único meio para conhecimento de seu acervo o virtual.

Em janeiro de 2016, foi firmado um convênio entre a Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, a Fundação Roberto Marinho e a organização social ID Brasil, com o objetivo de reconstruir o MLP físico. Com esse mesmo intuito, em 21 de março, o Governo do Estado de São Paulo e a Fundação Roberto Marinho deram início a uma articulação junto à iniciativa privada para formar uma aliança

¹⁰ O TRIP Advisor é um site de viagens que fornece informações, opiniões de conteúdos relacionados ao turismo. Nesse espaço virtual, há fóruns de viagens interativos. Teve sua fundação em fevereiro de 2008, por Langley Steinert, Stephen Kaufer, entre outros.

solidária em apoio à reconstrução e ao restauro das áreas afetadas pelo incêndio, contemplando, também, atualizações da concepção: curatorial, expográfica e projeto de acessibilidade.

No entanto, o Museu continua com o espaço virtual, que oportuniza a imersão das pessoas no universo de conhecimento da Língua Portuguesa, por meio dos hipertextos. Na parte superior da tela, na barra indicativa Explorar, o hiperleitor tem a possibilidade de conhecer obras de arte de diferentes estilos literários e de renomados artistas como: Frida Kahlo, Van Gogh, Édouard Manet, Jacob Lawrence, ampliando, assim, conhecimentos sobre patrimônios histórico-culturais. Encontram-se passeios históricos, vídeos, possibilidade de viagens virtuais, o que amplia as itinerâncias desses hiperleitores.

As abas artistas, materiais, movimentos de arte, eventos históricos, coleção de livros trazem informações pertinentes das mais variadas áreas do conhecimento, quando apresentam que a arte está presente em movimentos de expressão que perpassam pelos itinerários socioculturais/históricos das vivências dos sujeitos.

Figura 5: Print da seção Explorar/Destaques



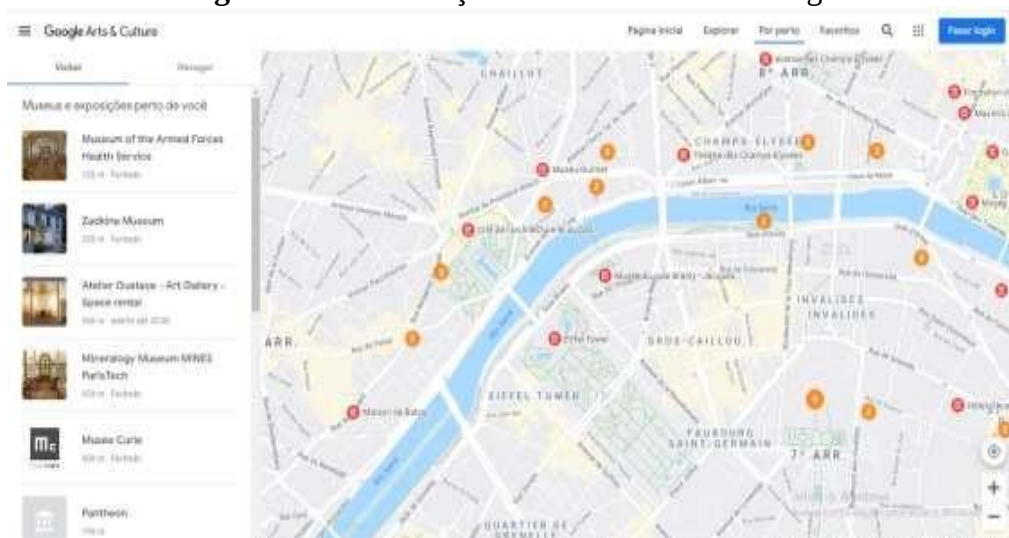
Fonte: site do museu. Disponível em: < <https://artsandculture.google.com/explore>>. Acessado em: 22 jun. 2020.

No ambiente intitulado Página Inicial, através do espaço de exploração em alta definição, pode-se visitar museus de diferentes lugares. A parte que traz o Em Foco aborda notícias com temas de relevância social que retratam as culturas dos diferentes continentes. Há também um informe “Brinque com Arte usando apenas o Telefone”, que explica ao hiperleitor, através de aplicativo telefônico, como adentrar em ambientes que dialogam com uma espécie de brincadeira com questões sobre arte contemporânea. Nesse mesmo espaço, é possível resgatar histórias de vários museus e sites que apresentam hiperlinks com algumas exposições artísticas.

Figura 6: Print do espaço Fotos da História

Fonte: site do museu. Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/>> Acessado em: 22 jun. 2020.

Na seção de título Por Perto há um mapa, pode levar o sujeito a espaços virtuais geográficos através dos hiperlinks visitar e navegar. Tais ambientes mostram exposição de arte, monumentos arquitetônicos, imagens de catedral, jardins, museus, castelos, praças, espaços que denotam variadas manifestações artísticas, culturais e históricas das mais diferentes partes do mundo.

Figura 7: Print da seção Por Perto: Visitar/Navegar

Fonte: site do museu. Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/nearby>>. Acessado em: 22 jun. 2020.

Os Museus Virtuais partem de uma realidade virtual, ou seja, do uso das tecnologias digitais e interfaces¹¹ de usuário para criar o efeito de mundos tridimensionais com objetos interativos (BRYSON,

¹¹ Interface, como assevera Lévy (2008, p. 176), “designa o conjunto de programas e aparelhos materiais que permitem a comunicação entre um sistema informático e seus usuários humanos”.

1996). A realidade virtual (RV) foi criada no final da década de 1980, por um cientista da computação chamado Jaron Lanier. A partir de um conceito de atualização, foi possível ao cientista ampliar sensações de simulação das que tradicionalmente eram feitas em computador.

A partir desse movimento, percebeu que era possível envolver muitos usuários em ambiente compartilhado (ARAÚJO, 2007). Para Pimentel (1995), a Realidade Virtual corresponde ao uso de alta tecnologia, que permite ao usuário perceber-se em outra realidade. Partindo dessas concepções, são necessárias três ações elementares para a atividade da RV: a imersão, a interação e o envolvimento.

A imersão leva o sujeito a ter a sensação sensorial de estar no ambiente virtual. A identificação do grau de imersão é realizada através de dispositivos que conduzem o sujeito interactante aos seus sentidos sensoriais e o faz explorar de maneira ativa o ambiente virtual. Através da interação, anseia-se que o internauta possa comunicar-se com as situações que lhes são apresentadas. Esse percurso ocorre através dos comandos que são dados pelo próprio usuário para a continuação da navegação. A terceira e última ação, o envolvimento, parte da premissa do comprometimento e da atuação do sujeito com uma determinada atividade virtual.

Tal interação desperta o lado ativo ou passivo do sujeito que pode interagir numa posição de espectador/telespectador e/ou internauta. A RV contribui para o processo de construção de conhecimentos e de leitura de textos de diversas linguagens nos museus virtuais, ao oportunizar a interação entre hiperleitores e coleções artístico-culturais. Embora esse tipo de realidade tenha sido criada no período da Segunda Guerra Mundial, pois a Força Aérea norte-americana precisava de simuladores de voo para o treinamento dos aeronautas, a RV se tornou um importante meio para práticas educativas, no sentido de ampliar a relação homem-máquina, por permitir experiências imersivas e interativas sob o objeto de conhecimento.

No Brasil, as primeiras iniciativas de pensar os museus numa perspectiva virtual ocorreram no início do século XXI. Por conseguinte, foi nesse momento que muitos sites e aplicativos foram criados com o objetivo de divulgar e popularizar visitas a esses espaços, por uma realidade virtual. Ao conceber como um meio pedagógico, o museu virtual deve ser percebido como um artefato tecnológico que não se encerra em si mesmo. Portanto, constitui-se em objeto de intensa reflexão, por uma abordagem crítica sobre seus textos, contribuindo, assim, com a formação de hiperleitores nesses/por esses meios sócio-culturais. Além disso, como nos apresenta Nakou (2006, p. 262),

O uso da tecnologia eletrônica é visto como um meio de tornar os museus mais democráticos e inclusivos, já que qualquer pessoa pode visitar um museu sem estar presente fisicamente. O espaço tridimensional do museu está sendo substituído por espaços virtuais móveis e os objetos materiais por representações virtuais. Por conseguinte, o estudo da compreensão histórica dos visitantes no ambiente do museu não pode mais contar com as certezas adquiridas pela experiência passada, observações e pesquisas. Novas questões são colocadas, tais como que tipo de percepções históricas

e pré-conceitos os diferentes públicos carregam consigo nos museus de hoje, e que tipo de compreensão histórica eles formam nos museus contemporâneos? Quão longe a nova tecnologia permite a exposição de fontes táteis, visuais e orais em termos históricos?

Partindo-se dessa concepção de que os meios tecnológicos potencializam a democratização do acesso ao patrimônio cultural e histórico das civilizações e que, dessa maneira, os sujeitos têm a possibilidade de conhecer e de interagir com as mais variadas manifestações linguística e artísticas, entendendo-as como uma contextualização das histórias que marcaram/marcam a cultura de muitos povos, os museus são fontes enriquecedoras de conhecimentos e de aprendizagem que abordam reflexões e questionamentos que podem potencializar aos discentes novos saberes.

Nesse sentido, compreende-se que os museus virtuais contribuem para o processo de formação de hiperleitores autônomos que, com criticidade, percebem que os eventos de leitura se materializam nas práticas sociais e que essas, também, perpassam pela esfera digital. Como apresenta Canclini (2008, p. 24), “Também se aprende a ler e a ser espectador sendo telespectador e internauta”. Pautando-se na abordagem relatada acima e na perspectiva de trabalho desta pesquisa, o museu virtual tornou-se um artefato importante na difusão das atividades apresentadas a partir do projeto estruturante EPA. Esse projeto oportuniza ações educativas que permeiam ensino e aprendizagem voltados para a percepção da vida cultural dos discentes, levando-os a vivenciar a experiência do belo e do lúdico, como também a reinterpretar a história, a cultura, a arte e o patrimônio da Bahia.

Tais construções são efetivadas através das performances artísticas que apontam às várias linguagens multimodais e multissemióticas e levam o sujeito a interpretar as práticas de leitura como múltiplas: verbal, não verbal, impressa, digital e, dessa maneira, construir o perfil de um hiperleitor ubíquo.

4 PROJETO ESTRUTURANTE EPA E FORMAÇÃO DO HIPERLEITOR: INTERAÇÃO COM OUTROS ACERVOS

O Projeto Educação Patrimonial e Artística (EPA) realiza-se na rede estadual de ensino, desde 2012. Tal projeto tem como finalidade despertar o protagonismo de vivências culturais dos alunos nas áreas da história, da arte, do patrimônio, além de contribuir com a democratização desses saberes. Tem o intuito de suscitar reflexões de preservação do patrimônio baiano, assim como também dos seus espaços históricos tanto das comunidades quanto de relevância nacional.

O EPA é desenvolvido nas instituições de ensino para os estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. A proposta de trabalho contempla, também, discentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e da Educação Profissional. O projeto propõe uma interdisciplinaridade de aprendizagens com as áreas de História, Geografia, Sociologia, Filosofia, Arte, Língua Portuguesa e Literaturas. Ademais, para que ocorra a realização do EPA, é necessária uma efetiva estrutura, que perpassa por algumas ações:

- O curso de formação para apreensão das noções patrimoniais e de fotografia, visando promover a capacitação dos professores e coordenadores pedagógicos para atuarem no projeto. O referido curso objetiva a difusão do conhecimento entre os professores responsáveis pela socialização e pela execução do projeto em toda a rede estadual de ensino do estado da Bahia.
- A difusão do projeto e a sensibilização nas escolas são imprescindíveis para a adesão ao mesmo para a compreensão da importância das práticas de identificação e de preservação patrimonial, sob a ótica estudantil, como eixo estruturante no processo educativo, para a formação de nova mentalidade cultural.
- A realização de oficinas com leituras e noções patrimoniais e fotográficas, assim como a visita aos patrimônios para estimular a busca e o levantamento dos distintos acervos, com o objetivo de apreensão e da democratização dos saberes culturais de cada localidade.
- A instituição da comissão organizadora e da comissão julgadora; a realização dessas aventuras patrimoniais nas escolas e na vida, sob a forma de gincanas; a construção de álbum com as fotografias e a pesquisa coletada em campo; a seleção da equipe que representará a escola nos Núcleos Regionais; a inscrição das equipes nos referidos Núcleos Regionais de Educação (NTE)¹².

¹² O Núcleo Territorial de Educação é um núcleo computacional com equipe interdisciplinar de professores que promovem formação continuada dos docentes da rede pública estadual de educação. O NTE fornece acessoria pedagógica, através das TDIC, como também presta atendimento aos professores e às escolas da rede pública estadual de educação, promovendo ações e formação pedagógica para o uso, o incentivo e a inserção das TDIC nas escolas.

- A instituição da comissão organizadora e da comissão julgadora nos Núcleos Territoriais de Educação; a pré-seleção dos álbuns patrimoniais; a apresentação/exposição das Aventuras Patrimoniais nos Núcleos Regionais de Educação; a seleção desses álbuns nas regionais e, posteriormente, a inscrição do álbum selecionado na Secretaria da Educação do Estado da Bahia, em conformidade com as orientações sobre o quantitativo de álbuns patrimoniais por Núcleo. Os NTE devem enviar o relatório das atividades realizadas pelas escolas (número de escolas, número de estudantes envolvidos, número de álbuns por escolas) para a Secretaria da Educação.
- Nas distintas fases, somente poderão participar do EPA estudantes matriculados na rede pública estadual e que estejam cursando do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio e equivalentes (Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Educação Profissional). Após a seleção nas distintas fases, não será aceita a substituição dos componentes das equipes em caso de ausência.
- As Aventuras Patrimoniais são organizadas pelo grupo de estudantes, composto de até cinco componentes. As fotografias deverão ser inéditas, se a mesma pertencer a domínio público, é necessário informar a fonte e a autorização de veiculação (JORNADA PEDAGÓGICA, 2014, p. 24).

Os NTE devem encaminhar relatórios com dados sobre a execução da produção artística nas escolas e a realização da fase regional. No que tange aos direitos autorais, a obra de arte estudantil é de domínio da Secretaria da Educação do Estado da Bahia, o uso da obra, imagem e voz, podendo a mesma ser transmitida e reexibida em qualquer tempo pelos meios de comunicação dessa Secretaria e de outras instituições governamentais, em publicações, TV e internet e em outras tecnologias (CD, DVD, MD).

Um das propostas do projeto em discussão é identificar o patrimônio baiano, como também preservar a memória cultural e a apropriação do conhecimento da história regional, baiana e nacional, em uma perspectiva de valorização do conhecimento local e global. Dessa maneira, com a implementação do projeto EPA no calendário anual da rede estadual de ensino, com exceção no ano 2020, devido à pandemia da Covid-19, pretende-se inserir o desenvolvimento de ações essenciais para o exercício do direito à cultura ao aluno da rede pública de ensino, assim como a defesa dos valores históricos, artísticos e estéticos na formação de um novo paradigma cultural, que fomente novas leitoras e novos textos no universo escolar.

A compreensão e a preservação do patrimônio cultural proporcionam o entendimento das ações realizadas pela humanidade em diferentes tempos e espaços. Por conseguinte, permitem aos sujeitos compreenderem a vida como um processo de experiências significativas que perpassam pelos

acontecimentos culturais, por monumentos e lugares como a escola, a casa, o bairro, a praça, a rua, a cidade, o estado, o país, o universo, as paisagens, os personagens, as artes, as canções, as danças.

Ao se discutir o tema patrimônio, é importante resgatar o interesse em compreender os caminhos que perpassam pela valorização das identidades culturais, entendendo-as como parte integrante do patrimônio histórico material e imaterial. Assim, a cultura do patrimônio material está associada aos elementos materiais; portanto, é formada por elementos concretos como, por exemplos, as obras de arte e as construções, como prédios, estátuas, ruínas, igrejas, templos e, até mesmo, parte de uma cidade, como o centro histórico da cidade de Salvador, capital baiana. Por conseguinte, a cultura imaterial está relacionada a elementos abstratos, como hábitos e rituais de uma sociedade.

Os bens materiais e imateriais, tangíveis e intangíveis que estabelecem o patrimônio cultural, são conceituados como manifestações simbólicas das atividades culturais dos sujeitos (GONZALES-VARAS, 2003). Nesse sentido, o tempo revela que, em menos de um século, as abordagens voltadas para o patrimônio concretizavam-se somente na concepção de monumentos nacionais. Esses eram considerados por critérios estéticos ou históricos. Dessa maneira, surge a necessidade de ampliar e de construir normas que regulamentem políticas públicas para a preservação do patrimônio cultural local das comunidades.

Essa ação instaura-se ao final do século XVIII. Nesse contexto histórico, concomitante ao movimento da Revolução Francesa, desenrolaram-se alternativas que permearam importantes debates sobre a preservação patrimonial. Esses debates foram fortalecidos por uma perspectiva para reflexões mais determinantes no tocante à preservação dos monumentos que representavam a memória e o legado deixado pelos antepassados. A partir desse momento histórico, implementaram-se as primeiras ações legítimas para a conservação dos bens culturais¹³, os quais tinham o intuito de criar políticas que se encarregassem de elaborar instrumentos jurídicos e técnicos, necessários para salvaguardar procedimentos essenciais para a conservação e para a restauração dos monumentos reconhecidos como patrimônio cultural.

Para que uma obra ou um objeto fosse considerado um bem patrimonial, era necessário ser destinado apenas para a contemplação, visto que só podia se instaurar em espaços urbanos que possuísem uma arquitetura considerada artística com monumentos históricos. Esses espaços não podiam ser utilizados nem mesmo para a habitação. Dessa forma, para que as ações de proteção e de valorização dos bens históricos e culturais fossem reconhecidas em uma escala global e local, eventos sociais importantes foram realizados no século XX, pois o marco histórico da industrialização promoveu avanços em relação ao reconhecimento e à necessidade de conservação dos patrimônios culturais.

¹³ Conceito criado no ano de 2006, pela Organização das Nações Unidas (UNESCO). Tem como objetivo incentivar o quão importante é a legitimação mundial para a preservação dos patrimônios históricos e naturais de diversos países.

A expansão das ideias que ratificaram o respeito e a valorização dos bens patrimoniais consolidaram alguns movimentos em nível internacional. Ademais, foram criadas entidades que tinham o objetivo de salvaguardar os patrimônios culturais. Nesse sentido, cita-se a instituição da Comissão Internacional de Cooperação Intelectual (IIIC), que primava pelo objetivo de potencializar as negociações culturais entre os países. A partir desse movimento, foi criada a Conferência Internacional de Atenas, no ano de 1931. Desse marco histórico, resultou a elaboração da Carta de Atenas, o primeiro documento de caráter internacional, que dispunha sobre a proteção dos bens de interesse histórico e artístico (GONZALES-VARAS, 2003).

Acompanhando os fatos históricos que deram legitimidade aos patrimônios culturais, rememora-se que foi a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que formulou diretrizes que definiram os critérios e as prioridades para a proteção do patrimônio cultural. Assim, convocada pela UNESCO, a convenção de Haia, no ano de 1945, definiu que o conceito de patrimônio cultural perpassava por monumentos arquitetônicos, por sítios arqueológicos, como também por objetos e estruturas herdadas dos antepassados, atribuídos de valores históricos, culturais e artísticos; enfim, bens que representavam as bases culturais de uma sociedade. No Brasil, o estabelecimento de patrimônio como um bem cultural ocorreu a partir do decreto-lei nº 25, criado por Getúlio Vargas, em 30 de novembro, no ano de 1937, ao instituir o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN).

No entanto, Ribeiro (2008, p.52) apresenta que, no Brasil, “a atribuição de valores aos bens segue a tradição europeia, em que os patrimônios nacionais são constituídos a partir das categorias de história da arte” (RIBEIRO, 2008, p. 52). Ou seja: “na prática, as ações são direcionadas para a proteção da cultura da elite” (RIBEIRO, 2008, p. 52). Por conseguinte, os tombamentos realizados pelo IPHAN, nas primeiras décadas do século XX, privilegiaram os monumentos representativos da arte e da arquitetura colonial da camada mais rica da sociedade, como fortificações militares, igrejas e conjuntos arquitetônicos.

Dessa maneira, “esqueceu-se” dos artefatos do povo e selecionaram acervos considerados importantes para a camada social detentora das terras, da política e da cultura erudita. Segundo Ribeiro (2008), essa política de proteção dos monumentos, através do tombamento do bem isolado, denominado de “pedra e cal”¹⁴; perdurou até os anos de 1970, momento em que houve uma nova interpretação sobre esse fato, a partir da implementação da Constituição Federal de 1988.

Na Constituição, no artigo 216, ficou estabelecido que

¹⁴ Movimento que privilegiou apenas os aspectos técnicos para promoção de políticas de avaliação, preservação e valorização dos patrimônios culturais.

constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988, p. 85).

A partir da orientação do documento oficial da Constituição Federal Brasileira, o conceito de Patrimônio Histórico Cultural foi ampliado de maneira significativa. Entretanto, para Horta (1999), a consolidação da proposta para a ampliação do conceito de Educação Patrimonial foi efetivamente organizada e posta em prática, a partir do 1983, sendo nessa data que o Museu Imperial de Petrópolis, localizado na cidade do Rio de Janeiro, promoveu I Seminário de Educação Patrimonial. A autora ressalta que a Educação Patrimonial deve ser tratada com muita responsabilidade no cenário da educação contemporânea, pois consolidou-se em

[...] um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o a compreensão do universo sócio-cultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da auto-estima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural (HORTA, 1999, p. 6).

Com a ampliação do conceito de patrimônio surgem novos desafios no sentido de se trabalhar essa concepção a partir de discussões que abram reflexões acerca das possibilidades de criação de políticas públicas que preservem bens patrimoniais. Urge a necessidade de uma ampla participação da sociedade, no sentido de ter iniciativa para lutar pela valorização da sua história de vida, que está intrinsecamente ligada à preservação dos patrimônios culturais.

Ademais, os fundamentos conceituais e práticos da metodologia da Educação Patrimonial objetiva orientar docentes, como também profissionais envolvidos no trabalho da cultura, em como preservar os bens culturais e o contexto histórico em que estão inseridos, pensando a Educação Patrimonial como “um processo permanente e sistemático de trabalho educacional” (HORTA, 1999, p. 6), a partir da observação direta dos bens culturais. Esse é o ponto basilar que permeia o objetivo de todo o trabalho de Educação Patrimonial potencializado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) que, nesta pesquisa, foi aproximado à reflexão sobre o projeto estruturante EPA.

4.1 PROJETO ESTRUTURANTE EPA

O projeto EPA, desenvolvido na rede estadual de ensino baiana, desde o ano de 2012, contribui para a ampliação na escola, como apresentado por Horta (1999), de uma alfabetização cultural entre os alunos. Assim, o EPA objetiva realizar o trabalho com estratégias que viabilizem experiências em políticas culturais com a juventude estudantil. Por conseguinte, oportuniza discussões que perpassam pelas áreas do conhecimento da história, da arte, do patrimônio, da juventude; proporciona a democratização desses saberes nos mais amplos contextos históricos e sociais.

A construção de aprendizagens durante a realização do projeto é potencializada através da identificação do patrimônio regional e baiano, como também da preservação da memória cultural das comunidades locais, de forma reflexiva. Dessa maneira, é através do EPA que a SEC/BA propõe a realização, na educação escolar, de ações elementares para o exercício do direito à cultura, para a defesa dos valores históricos, artísticos e estéticos, reverberando na valorização de perspectivas culturais de diversos contextos sociais.

A compreensão do patrimônio cultural pelos alunos do Ensino Médio na escola *locus* possibilita, de certa forma, interpretar criticamente acontecimentos dos tempos passado, presente e futuro; dos sujeitos, da nação e do mundo da vida. Portanto, define as escolhas das experiências significativas como os acontecimentos culturais relevantes, os monumentos, os lugares (a escola, a casa, o bairro, a praça, a rua, a cidade, o estado, o país e universo), as paisagens, os personagens, as artes, as canções, as danças e outras.

São essas atividades culturais que constituem parte da memória coletiva de um povo. Tais memórias devem ser interpretadas como meio de pensar e de viver no tempo presente. Então, a educação patrimonial permite o conhecimento da própria sociedade, do outro e do mundo. Partindo-se dessa constatação, o patrimônio cultural possibilita o entender os problemas e as belezas da sociedade, através das experiências vivenciadas cotidianamente.

Ademais, o projeto Educação Patrimonial e Artística está estruturado a partir de alguns princípios basilares que sustentam a efetiva compreensão dos parâmetros, o que pode ser ratificado pelos objetivos do projeto apresentados a seguir:

- Entender que a educação não pode estar dissociada da história, da memória, da cultura e do seu patrimônio que estão intrinsecamente associados à experiência da vida cultural e educativa.

- Estabelecer os elos com o nosso tempo, a história e a cultura, os lugares e as interações entre os indivíduos e as gerações, possibilitando a compreensão das questões ligadas ao pertencimento, às distintas expressões da diversidade estética e das identidades e manifestações culturais.
- Identificar o patrimônio como uma das possibilidades de interpretação de nossa história cultural.
- Entender a dimensão patrimonial como prática cultural possibilita uma compreensão dos tipos de patrimônio e dos seus múltiplos sentidos e significados.
- Compreender a importância das diferentes linguagens artísticas para o entendimento das experiências cotidianas e, portanto, das práticas e aventuras patrimoniais e culturais.
- Aprimorar a estética do olhar, por meio da fotografia, imagens e textos, para o exercício das formas de percepção da vida cultural que nos rodeia e dos distintos tipos de patrimônios culturais.
- Entender as distintas linguagens artísticas (visual, fílmica, literária, musical, entre outras) como parte do nosso patrimônio cultural.
- Vivenciar a experiência do belo e do lúdico nas escolas estaduais e na sociedade baiana.
- Garantir a apropriação da história e do patrimônio cultural.

(JORNADA PEDAGÓGICA, 2014, p. 24)

Para a sua realização, o EPA é estruturado em três etapas, tais como as apresentadas na figura 08.

Figura 8: Etapas do projeto EPA



A primeira etapa concretiza-se em uma perspectiva de aventuras patrimoniais, que ocorre através de gincanas escolares, com o intuito de procurar diferentes tipos de patrimônio nos diversos contextos sociais dos alunos. Essa é a fase primordial, pois é através da prática de pesquisa sobre a estrutura patrimonial de espaços locais e globais que o universo estudantil torna-se o ponto de partida para a identificação dos sentidos atribuídos ao patrimônio que estão disponíveis na escola, na rua, nos bairros, nas matas, nas águas, nos espaços rurais, enfim, nos grupos sociais.

Esses patrimônios, retratados de maneira múltipla no EPA, perpassam pela fotografia, pela argumentação lógica através da linguagem escrita e falada, pelas experiências vividas pelas distintas gerações. Dessa maneira, essas linguagens são utilizadas como técnica para o exercício da valorização do universo material e simbólico dos patrimônios culturais.

Ratifica-se que, em 2020, não houve a realização do EPA de forma oficial na escola *locus* devido ao momento pandêmico. Entretanto, como esta pesquisa iniciou em 2019 e, dessa forma, com a finalidade de atuar sobre o projeto, optou-se por realizar um pré-aquecimento para a próxima edição no CEPOPP, provalmente a ser realizada em 2022. Assim, nesta pesquisa, a etapa da perspectiva de aventuras patrimoniais foi realizada de forma virtual (da mesma forma que outras ações do projeto, ainda a serem apresentadas), a partir da promoção de minicursos, com estudantes da 2ª série do EM, a partir de temáticas de Educação Patrimonial, tendo como espaço-tempo o Museu Virtual de Língua Portuguesa.

Com isso, mesmo com as aulas suspensas no período de realização dos minicursos interventivos e, por isso, a não obrigatoriedade de realização do EPA entre 2020 e início de 2021, potencializou-se discussões sobre questões de reconhecimento de aspectos do patrimônio global e local, a partir da mediação de diversas linguagens que fazem parte da cibercultura, ampliando possibilidades de formação de hiperleitores, por uma perspectiva cutulramente situada.

A segunda etapa do projeto EPA consiste na apresentação das aventuras patrimoniais nos 27 NTE. Essa fase torna-se bem lúdica; acontece com a exposição dos álbuns com registros e diagnósticos dos olhares fotográficos sobre o patrimônio artístico e cultural baiano. É um momento bem significativo, no qual os estudantes sentem-se reconhecidos pelo trabalho realizado. Para a realização dessa etapa, nesta pesquisa, optou-se pela pesquisa de elementos que representem aspectos patrimoniais no município de Conceição do Coité, em que os alunos foram motivados pela docente pesquisadora a conhecer os conceitos histórico/culturais desses patrimônios em sua própria localidade.

A terceira etapa do projeto EPA manifesta-se através da realização da Mostra das Aventuras Patrimoniais na culminância estadual, na capital baiana (Salvador). Nesse evento, intitulado como Encontro Estudantil Todos Pela Escola: ciência, arte, esporte e cultura, tem-se a participação dos

estudantes finalistas dos álbuns selecionados nas apresentações realizadas anteriormente nos 27 NTE. Devido a não realização do projeto pela Secretaria de Educação do Estado (SEC), reflexos do momento pandêmico, escolheu-se realizar a socialização das itinerâncias de produção dos estudantes no ciberespaço.

Os alunos participantes desta pesquisa construíram uma página na rede social Facebook para a apresentação de seus achados culturais locais, como uma espécie de museu virtual municipal. Essa etapa de trabalho foi muito exitosa e colaborativa. Ficou perceptível o quão significativo e motivador foi para os discentes se sentirem protagonistas do processo de criação do produto desta pesquisa, ainda a ser apresentado na seção 7. Com isso, os estudantes construíram novos saberes que potencializaram uma discussão crítica e reflexiva das práticas de leitura veiculadas na esfera digital. O estudo dos patrimônios culturais do município de Conceição do Coité, pensado por uma perspectiva virtual, permitiu aos discentes novas andarilhagens que perpassam pelo uso consciente dos meios digitais.

A realização dessas ações revelou o potencial produtivo da escolha pelo projeto EPA como objeto de formação do hiperleitor, a partir da vivência de alunos do Ensino Médio com o MVLP. Também, se deu por entendermos que a educação não pode estar dissociada da história, da memória, da cultura e do patrimônio, pois estão intrinsecamente associados à experiência da vida cultural e política dos alunos. Além disso, foram estabelecidos elos com o tempo atual, a história e a cultura, mediados pelas TDIC, possibilitando a compreensão das questões ligadas ao pertencimento, às distintas expressões da diversidade estético-linguística e das identidades e das manifestações culturais.

Ademais, teve-se como intenção promover a compreensão dos hiperleitores das diferentes linguagens artísticas para o entendimento das experiências cotidianas e, portanto, das práticas e aventuras patrimoniais e culturais. O projeto estruturante EPA, que serviu de inspiração para esta pesquisa, possibilitou aos discentes ampliar processos de hiperleitura, que se concretizou através das atividades que envolveram as mais variadas propostas de textos, tanto das esferas verbais e não verbais.

Dessa maneira, ficou perceptível a necessidade de a instituição escolar pensar o EPA, não apenas como uma estratégia de trabalho que realiza-se anualmente, mas como uma ação fundamental para a ampliação de práticas de leitura que podem ser trabalhadas cotidianamente no contexto de ensino e aprendizagem, pois tais eventos proporcionam perspectivas que permitem aos estudantes perceberem-se como protagonistas da suas vivências sociais.

4.2 O PROJETO ESTRUTURANTE EPA NO CEPOPP: APRESENTANDO NOVOS ACERVOS

Ao apresentar o estudo do projeto estruturante EPA, foi imprescindível resgatar a trajetória do referido projeto no Colégio Estadual Professora Olgarina Pinheiro. Dessa maneira, enfatiza-se que,

desde a instituição do EPA pela SEC, no ano de 2012, o CEPOPP tem feito adesão anual em todas as etapas propostas. No entanto, nas primeiras edições, poucos discentes se propuseram a estudar sobre os patrimônios culturais, pois optavam em participar de outros projetos estruturantes, tais como Tempo de Arte Literária (TAL), Artes Visuais Estudantis (AVE) e Festival Anual de Canções Estudantil (FACE), por considerarem mais próximos à suas realidades.

Foi a partir do ano de 2017, quando houve um planejamento interdisciplinar com as áreas de conhecimento de Ciências Humanas e de Linguagens, que os estudantes, através do esforço dos professores dessas áreas, começaram a contextualizar suas itinerâncias estudantis com as aprendizagens potencializadas pela proposta EPA. Assim, se sentiram motivados a participar com mais entusiasmo das edições posteriores do supracitado projeto, ao perceber que, como sujeitos histórico-sociais, produzem e consomem elementos culturais a todo momento.

O trabalho interdisciplinar entre as áreas de Humanas e de Linguagens fez com que os discentes percebessem que os eventos de leitura são múltiplos. Por conseguinte, os estudantes do CEPOPP reconheceram a importância de se conhecer a história de sua sociedade, como também a necessidade de preservar patrimônios culturais locais, considerados práticas de linguagem, que se materializam por práticas multimodais e multissemióticas.

Os estudantes do CEPOPP, através das edições do projeto EPA, puderam realizar atividades diversas, que foram desde o estudo dos conceitos dos patrimônios culturais à realização de eventos que potencializaram atividades significativas sobre esses artefatos do município de Conceição do Coité. Tais atividades basearam-se em escolher quais patrimônios queriam representar; pesquisar sobre os patrimônios de interesse; escolher a maneira para representar esses patrimônios culturais. Essa representação aconteceu através de produção textual, eventos de leitura sobre a história de cada patrimônio e construção de maquetes que simbolizavam os patrimônios culturais escolhidos pelos estudantes.

Afirma-se que as edições realizadas do EPA, no Colégio Estadual Professora Olgarina Pitangueira Pinheiro, potencializaram profícuas reflexões, no sentido de os discentes construírem novos saberes, que resultaram em discussões críticas sobre o estudo dos patrimônios culturais. Em 2019, para a realização do projeto EPA no CEPOPP, docentes e estudantes tiveram como enfoque patrimônios culturais do município. Houve um engajamento no sentido de pesquisar patrimônios materiais e imateriais que, até então, eram desconhecidos para a maioria dos estudantes que participaram dessas atividades.

Foram pesquisados sobre patrimônios culturais localizados no espaço urbano, como também pertencentes ao espaço rural do município, tais como Açude de Itarandi; Igreja da Matriz; trio elétrico Traz Amor; Pascoelhinha do distrito de Juazeirinho; Orquestra Santo Antônio; figura política do senhor Hamilton Rios de Araújo, Centro Cultural, Banda Marcial. Tais patrimônios foram estudados e

representados através de álbuns que continham linguagens híbridas que perpassam pela fotografia, pelo texto impresso, pela confecção artesanal na representação criativa de cada patrimônio trabalhado.

O estudo foi tão importante para os discentes que eles escolheram representar, novamente, alguns desses acervos na fanpage construída para o produto da intervenção desta pesquisa. Portanto, com a realização de tais atividades, constatamos que o projeto estruturante EPA continuou a potencializar práticas de leitura multimodais e multissemióticas, que oportunizaram reflexão crítica sobre a importância da valorização da história e da memória de um povo, tão bem representadas nos patrimônios culturais estudados, conforme apresentado na figura 9:

Figura 9: Patrimônio Centro Cultural de Conceição do Coité



Fonte: Acervo do Colégio Estadual Professora Olgarina Pitangueira Pinheiro

Em 2020, com a suspensão das aulas devido à Covid-19, não foi possível a realização do EPA nas unidades estaduais de ensino. Dessa maneira, como já mencionado, optou-se por realizar ações do EPA, de forma virtual. Portanto, a proposta do projeto foi trabalhada com alunos do 2ª série do Ensino Médio, através da plataforma digital Google Meet. Assim, foi possível interagir com os participantes da pesquisa, através de estratégias que possibilitaram o estudo, como também a produção de novos saberes, no que concerne às aprendizagens construídas pelas pesquisas sobre os patrimônios culturais do município. A pesquisadora, em parceria com os discentes, construíram significativas itinerâncias ao adentrar nos espaços da cibercultura, com o intuito de construir estratégias que motivassem os partícipes pesquisa a serem protagonistas das suas práticas de leitura sociais.

No tocante ao estudo do projeto EPA de maneira virtual, constatamos que os estudantes interagiram de maneira ativa. Nesse sentido, enfatizaram discussões potencializadas nas rodas de conversa que aconteceram nos minicursos. Foram discutidas questões que abordaram uma análise mais ampla sobre o estudo dos patrimônios, levando os estudantes a refletir sobre a importância da valorização e preservação desses artefatos culturais em seus municípios. A partir de tais reflexões, tendo como aporte

problematizador o projeto estruturante EPA, foi construída uma fanpage veiculada à rede social Facebook do CEPOPP, ação que se materializou no produto¹⁵ desta pesquisa.

¹⁵ O produto dessa pesquisa será argumentado na seção 7. A referida seção é intitulada (Ciber)Acervo do Território do Sisal: construção do facebook.

5 ACERVOS METODOLÓGICOS

A proposta metodológica ocorreu através de estratégias e dispositivos utilizados no processo da pesquisa. Tratou-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter interventivo. Nesse tipo de pesquisa, há uma interação importante entre os sujeitos participantes e o pesquisador, que compreendem o fenômeno da pesquisa ao traduzi-lo em linguagem significativa, a partir das aproximações das vivências dos atores da pesquisa.

Partindo-se da abordagem sobre pesquisa qualitativa, pode-se depreender que o pesquisador tem seu olhar aguçado para a compreensão e a interpretação das experiências do indivíduo perante o mundo. Assim, no desenvolvimento da pesquisa, o fenômeno pode ser compreendido quando o investigador percebe que as vivências estão ligadas ao contexto sociocultural e histórico dos sujeitos. Dessa maneira, o objetivo primordial da pesquisa qualitativa é compreender os significados dos fenômenos a partir de quem os vivenciam, considerando tempos e espaços de atuações e de reflexões. Ademais, utiliza uma abordagem naturalista que procura “compreender os fenômenos em cenários específicos, como o cenário do mundo real [onde] o pesquisador não tenta manipular o fenômeno de interesse” (PATTON, 2002, p.39).

Na abordagem de pesquisa qualitativa, há algumas peculiaridades no tocante a aspectos relacionados à forma, ao método e aos objetivos. Godoy (1995) descreve algumas características que são peculiares às pesquisas qualitativas. Nesse tipo de pesquisa, deve-se observar o ambiente da pesquisa como um espaço para construção de informações e o pesquisador, consequentemente, como um agente imprescindível no processo de troca de experiências sobre caráter descritivo da pesquisa; significado que os sujeitos dão às suas vivências como atenção primordial do investigador; e o enfoque indutivo.

Em síntese, em uma pesquisa de abordagem qualitativa, se agrega procedimentos de interpretação, a partir das informações construídas. Essas informações são simbólicas, situadas em um determinado contexto que, de certa maneira, expressam parte da realidade do sujeito. Portanto, o pesquisador nessa abordagem centra seus estudos na interpretação do mundo real, atentando-se ao caráter de pesquisa; esta pesquisa, de abordagem qualitativa, tem-se como base a experiência de vida dos discentes da escola *locus* e suas itinerâncias no contexto digital, mediada pelo projeto estruturante EPA.

5.1 MÉTODO DE PESQUISA

Para a construção de informações, optou-se pelo método netnografia. Tal método de pesquisa embasa-se nas concepções antropológicas, que buscam realizar as informações dos fenômenos a partir de uma perspectiva naturalista. Isso implica observar o que acontece no contexto investigado e buscar

extrair as informações necessárias da forma mais espontânea possível. A netnografia, cujo termo foi utilizado primeiramente por Kozinets (1997), corresponde ao estudo de comunidades virtuais, visando o conhecimento das relações socioculturais dos participantes.

Analizada como um processo, a netnografia é uma “metodologia de pesquisa qualitativa que se adapta às novas técnicas de pesquisa etnográfica para o estudo das culturas e comunidades que estão surgindo através da comunicação mediada por computador” (KOZINETTS, 2014, p. 62). Ademais, o método de pesquisa netnográfico é “um relato através de textos escritos, imagens, sons e vídeos da cibercultura *online* que informa através dos métodos da antropologia cultural” (KOZINETTS, 2014, p. 62).

Em consonância com Kozinets (1997), o método de pesquisa netnográfico abre uma discussão para um tema importante, pois propõe uma abertura para novas concepções de se fazer pesquisa em meio às mudanças contemporâneas sociais, em que os pesquisadores estão desenvolvendo pesquisas que envolvem a compreensão dos fenômenos que acontecem nas infovias da cibercultura.

Para Rocha e Montardo (2005), o método de pesquisa netnográfico é eficaz, pois consegue explorar potencialidades específicas de uma sociedade contemporânea. Essa perpassa por aspectos que se embasam na virtualidade, na desmaterialização e na digitalização das relações vivenciadas pelos sujeitos, através dos produtos, das formas e dos conteúdos que são inerentes ao contexto da cibercultura. Portanto, o método tornou-se relevante para esta pesquisa, desenvolvida no ciberespaço e construída a partir da interação de alunos do Ensino Médio com o ambiente virtual. A netnografia contribuiu para potencializar novas linguagens e novos signos, que são potencializados e mediados através das TDIC.

No tocante ao aspecto da confiabilidade, segundo Laperrière (2012), a netnografia aponta para a aplicabilidade extensiva das análises no tempo e no espaço. Tal assertiva é corroborada por Gaskell e Bauer (2002, p. 482) quando relatam que “os resultados da investigação representam a realidade e são mais do que produto da imaginação fértil do pesquisador”. Ademais, a netnografia, em sua estrutura, potencializa uma significativa abordagem de conteúdos veiculados na esfera digital. Dessa maneira, o método netnográfico pode ser referenciado como uma metodologia de pesquisa independente e satisfatória, ao estudar fenômenos culturais *on-line*, através das interlocuções veiculadas meios digitais.

Portanto, a netnografia foi um aporte metodológico que favoreceu esta investigação, a partir do estudo dos fenômenos humanos, esses observados por uma perspectiva das escolhas e das experiências, da visão de mundo, dos sentimentos e ritos, dos padrões e significados, das atitudes, comportamentos e ações do hiperleitor (GAUDÊNCIO, 2016; LIMA, 1996; NOVELI, 2010; ROCHA; MONTARDO, 2005; SILVA, 2015). A escolha foi pertinente por esse estudo abordar possibilidades de interação e de produção de novos saberes potencializados pelo espaço da cibercultura. Tais conhecimentos foram pautados na análise de práticas discursivas construídas em comunidades *on-line*, no contexto deste

estudo, a plataforma Google Meet e outros espaços virtuais agentivos, tais como o museu virtual da Língua Portuguesa (MVLP), a plataforma digital do Google Forms e pelo aplicativo de interação WhatsApp.

Na netnografia, a interpretação de conteúdo é realizada a partir de informações de estudos sistematizados em culturas *on-line* emergentes. Em se tratando desta pesquisa, a análise de informações foi realizada através da transcrição, como também da interpretação, das interlocuções proferidas pelos estudantes nas rodas de conversa, que foram potencializadas nos quatro minicursos mediados pela plataforma Google Meet.

Essas culturas foram mediadas pelo ciberespaço, através de informações veiculadas em ambientes *on-line* síncronos e assíncronos, tais como museus virtuais, plataformas de interação, entre outros. Dessa maneira, ressalta-se que a interação realizada pelos discentes ao museu virtual da Língua Portuguesa foi imprescindível para que a pesquisadora analisasse a significação do contato virtual com esse espaço, no tocante aos eventos de leitura que perpassam pela cibercultura.

Partiu-se da concepção de netnografia como “[...] uma metodologia científica utilizada para observar comunidades, presentes na internet, quanto à influência na vida de seus membros” (HINE *apud* FERRO 2015, p. 2-3). O método netnográfico, apesar de ainda ser pouco utilizado na área da Educação, oportuniza uma maior relação entre os atores do espaço escolar, a partir de uma relação de reciprocidade e de empatia entre os participantes do estudo, mediados virtualmente. Tal mediação, nesta pesquisa, foi construída a partir de artefatos tecnológicos e espaços virtuais, tais como o Google Form, o MVLP, a plataforma Google Meet e a rede social Facebook.

Ademais, a pesquisa netnográfica propõe um elo entre a participação e a observação sociocultural dos colaboradores. Nesse sentido, o pesquisador atuou de maneira a ser reconhecido como um membro da comunidade com a qual interage e da cultura em estudo (KOZINETTS, 1997), ao participar, também, de forma ativa dos ambientes virtuais que possibilitaram as interações durante todo o processo de pesquisa e de intervenção.

Pieniz (2009) e Gutierrez (2010) apontam que o termo “netnografia” surgiu em 1995, cunhado por pesquisadores norte-americanos. Segundo Montardo & Passerino (2006), Robert Kozinets (1997, 2002) começou a fazer adaptações da metodologia etnográfica em ambiente virtual em suas pesquisas sobre marketing em comunidades online. Logo em seguida, Christine Hine (2005) também começa a estudar o espaço virtual. (MARTINS, 2012, p. 3).

Segundo Kozinets (1997), a netnografia pode ser realizada de três formas: a) como metodologia para estudar ciberculturas e comunidades virtuais puras; b) como metodologia para estudar ciberculturas e comunidades virtuais derivadas; c) como ferramenta exploratória. A primeira forma diz respeito às comunidades virtuais em que as interações discursivas são mediadas pelo computador. Assim, o

pesquisador realiza uma imersão forte e significativa de interação direta na comunidade *on-line*. Essa será a proposto de estudo netnográfico desta pesquisa, a partir da realização de atividades síncronas (formação para a navegação no MVLP; rodas de conversa sobre esses espaços textuais, mediadas pelo Google Meet; realização de minicursos sobre educação patrimonial e cibercultura; construção de uma página na rede social Facebook para divulgação de aspectos sócio-históricos e culturais do município de Conceição do Coité).

As comunidades virtuais derivadas manifestam-se além do espaço da cibercultura; ou seja, acontecem mediante entrevistas presenciais, por telefone e, ainda, através de rodas de conversa. Então, durante a trajetória de pesquisa, também utilizou-se os questionários do Google Form como forma de ampliar o conhecimento sobre os alunos participante desta pesquisa, bem como o aplicativo de mensagem WhastsApp, que serviu como dispositivo para a comunicação com os alunos. Portanto, as comunidades virtuais derivadas foram estabelecidas através de algumas etapas que permitiram a interação entre pesquisadora e estudantes.

Dando prosseguimento a esta afirmação, salienta-se que o contato por telefone foi a primeira comunidade virtual formada. Essa interação tornou-se relevante para a formação do grupo de partícipes da pesquisa. Após essa ação, formou-se uma outra comunidade virtual, na qual a mediação foi conduzida através do espaço agentivo do aplicativo WhatsApp. Foi a partir dessa interação que foi construído o questionário *on-line*, que culminou na pesquisa exploratória. Nessa comunidade virtual, a discussão entre pesquisadora e discentes se deu com o intuito de estabelecer relações que permitiram uma melhor aproximação entre participantes, como também potencializou uma profícua discussão sobre a temática desta pesquisa.

Uma outra comunidade virtual foi construída através da plataforma Google Meet. Por essa interface, foram realizados os minicursos e as rodas de conversa. Tal comunidade virtual foi imprescindível para o processo desta pesquisa, tendo em vista que potencializaram uma ampla discussão sobre os espaços agentivos de aprendizagens na cibercultura. Nessa fase da pesquisa, os estudantes expuseram suas itinerâncias, falaram sobre concepções acerca das práticas de leitura na esfera digital, dialogaram com os convidados¹⁶ que explanaram sobre temáticas mais pontuais deste trabalho.

Em suma, foi através dessa comunidade virtual que foram construídas as interlocuções que embasaram a análise de dados e de informações construídos, como, também, a referendou e, assim, tornou possível concretizar a construção do produto da intervenção, que culminou em uma fanpage

¹⁶ A professora Dra. Cleidiana Ramos, jornalista e pedagoga, foi a convidada que abordou o tema Acervos Patrimoniais como potencializadores de saberes dos espaços digitais da roda de conversa do segundo minicurso. A roda de conversa do quarto minicurso que, versou sobre o tema Construção de *fanpage* no espaço da cibercultura, foi realizada com a participação do graduando em Gestão da Tecnologia da Informação Rafael dos Santos Silva.

veiculada pelo Facebook, com o intuito de resgatar a história de alguns acervos patrimoniais da cidade de Conceição do Coité.

Kozinets (1997) apresenta que, ao fazer a opção pelo método da netnografia, o pesquisador deve seguir dois importantes protocolos: estar ciente do conceito de público e privado e assegurar esse limite. Ademais, as questões éticas elencadas nesta pesquisa perpassaram por profícuas discussões, nas quais a pesquisadora e os discentes dialogaram sobre o quanto é necessário estabelecer os limites do público e do privado nas itinerâncias virtuais. A partir dessas abordagens, os discentes fizeram a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), tal documento possibilitou assegurar os direitos dos estudantes a não identificação e a possibilidade de, caso desejasse, retirar-se da pesquisa a qualquer momento.

É imprescindível a autorização do participante para a divulgação de suas informações, no tocante a qualquer conteúdo que seja produzido na/para/pela pesquisa. A ética deve ser um pilar basilar na pesquisa netnográfica, pois a mesma precaução que se tem nas relações construídas nos espaços fixos e físicos, é necessária ser mantida nas práticas discursivas embasadas nas comunidades virtuais. O autor faz uma abordagem pautada no cuidado em que o pesquisador deve ter em relação à privacidade como também à confidencialidade das informações que são proferidas pelos atores do estudo.

Nesse sentido, para a realização da pesquisa, foram adotados alguns preceitos éticos da netnografia: informou-se aos alunos participantes sobre o conteúdo, objetivos e motivos da pesquisa; a pesquisadora solicitou a permissão para utilização das informações construídas durante o processo de pesquisa e de intervenção nos espaços virtuais, a partir da assinatura do TCLE; submeteu o projeto de pesquisa para avaliação do Conselho de Ética em Pesquisa (CEP); socializou os resultados da pesquisa exploratória com os atores interessados; informou manter o sigilo sobre a identidade dos estudantes, como também potencializou importantes discussões acerca do tema Ética, durante todo o processo de intervenção desta pesquisa.

No estudo netnográfico, além dos aspectos éticos, o pesquisador deve considerar quatro elementos fundamentais para o reconhecimento de uma comunidade virtual: a) familiarização entre os sujeitos; b) compartilhamento de linguagens, normas e símbolos específicos; c) revelação das identidades; d) manutenção e preservação do grupo pelos participantes (KOZINETS, 1997). A familiarização entre os sujeitos da pesquisa se deu através do grupo criado pelo aplicativo de interação WhatsApp. Essa ação foi de fácil realização, por motivo de os participantes estudarem no mesmo ambiente escolar. Portanto, pesquisadora e participantes já se conheciam. Essa etapa do trabalho foi primordial para o estreitamento das relações, que foram bem amistosas.

No tocante ao compartilhamento de linguagens, nas primeiras interações construídas no processo de intervenção, alguns estudantes foram meio tímidos em suas colocações; porém, no decorrer de todo o processo, esses estudantes se sentiram motivados com as discussões temáticas que permearam os

minicursos e as rodas de conversa. A partir dessas discussões, os participantes interagiram e o compartilhamento de linguagens se tornou fluido e construtivo. Assim, os estudantes explanaram de maneira bem informal as suas vivências socioculturais, essas foram cruciais para que a pesquisadora analisasse o contexto em que os sujeitos estão inseridos. Em relação aos símbolos utilizados nas mensagens, os estudantes usaram imagens, figuras, emojis, que representaram as possibilidades de leitura diversas potencializadas pela esfera digital.

Em se tratando da manutenção e da preservação do grupo de interação formado pela pesquisadora, os estudantes se mantiveram atuantes durante todo o processo da pesquisa. Como já mencionado anteriormente, os alunos já se conheciam e tiveram a oportunidade de estreitarem ainda mais as relações interpessoais, através dos eventos de leitura que foram potencializados durante a pesquisa.

Portanto, para que o estudo investigativo fosse produtivo, a pesquisadora necessitou partir do princípio de que sua interação, assim como sua identificação na comunidade virtual, se tornasse a mais acessível possível, a fim de que os membros participantes do grupo pudessem se sentir familiarizados e, conseqüentemente, abertos às discussões que foram pautadas na análise dos discursos linguístico/textuais produzidos no decorrer do processo. Dessa maneira, a pesquisadora procurou durante todo o processo fazer uso de práticas de linguagens que a aproximasse dos discentes. Por conseguinte, a interação entre pesquisadora e estudantes fluiu de maneira solícita e engajada. Ficou perceptível que os participantes da pesquisa interagiram de maneira descontraída uns com os outros: brincaram, leram, conversaram sobre as suas vidas cotidianas, enfim, se posicionaram sobre temáticas relacionadas às práticas de leitura multimodais e multissemióticas potencializadas pelo espaço da cibercultura.

É pertinente afirmar que a cibercultura potencializa o envolvimento dos usuários com a rede, agrupando-os de acordo aos seus interesses e às suas necessidades, oportunizando a troca de experiências e de vivências dos integrantes do grupo. Para isso, os quatro princípios elencados como fundamentais para o reconhecimento da comunidade *on-line* foram trabalhados com os alunos, no intento de manter uma profícua relação de convivência com eles durante a pesquisa.

Assim, o entrosamento e a interação entre esses atores não foram entraves, pois a pesquisa se materializou de forma exitosa e responsável, embora possa ter acontecido alguns eventos diferentes ao planejado: alguns discentes não puderam cumprir o horário estabelecido pela pesquisadora para os encontros síncronos, tendo em vista que esses estudantes tiveram problema com a conexão da internet; uma das participantes da pesquisa foi morar em outra cidade, por esse motivo, perdeu um minicurso etc.; mas esses episódios não impediram que a dinâmica e a interação acontecessem de maneira participativa.

Em suma, foi notório o envolvimento dos partícipes desta pesquisa com as comunidades virtuais potencializadas pela cibercultura, tais como ambiente síncrono de reunião (G-Meet), aplicativo de

mensagem WhatsApp e rede social Facebook. Por conseguinte, foi oportunizada aos alunos a circulação por outro espaço agentivo, a exemplo do MVLP, o que promoveu a formação de hiperleitores crítico-reflexivos, a partir de uma multiplicidade de linguagens e de modos textuais. Foi a partir dessa perspectiva que a netnografia tornou-se relevante para esta investigação, que também levou em consideração as produções linguístico-discursivas dos alunos permeadas pelas tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC).

5.2 DISPOSITIVOS DE PESQUISA

Os dispositivos para a construção e a análise de informações são de suma importância para que a pesquisa tenha coerência e dinamicidade, pois são importantes aliados na aproximação com o objeto de pesquisa e os sujeitos participantes, favorecendo a interlocução, como também as informações dos aspectos socioculturais dos participantes do estudo. A partir desse pensamento, este trabalho teve como dispositivos para a construção de informações o questionário *on-line*, elaborado pela plataforma Google Forms, para a inserção da pesquisadora no campo de pesquisa, a partir da pesquisa exploratória; os minicursos, onde foram utilizados outros dispositivos, tais como sequências didáticas formativas; plataforma virtual Google Meet, para os momentos síncronos; grupo de WhatsApp, no qual os sujeitos interagiram através de mensagens no espaço-tempo que a dinâmica cotidiana permitiu.

5.2.1 Questionário *on-line*

O questionário correspondeu ao primeiro dispositivo de pesquisa. Foi construído através da plataforma Google Form, com o objetivo de promover um espaço de interação entre os colaboradores da pesquisa e a pesquisadora. O referido questionário, que continha 26 questões abertas e fechadas, elencou significativas informações sobre o cotidiano dos sujeitos da pesquisa. As perguntas realizadas versaram sobre questões que perpassam pelas práticas socioculturais dos estudantes da pesquisa. Tais questionamentos foram cruciais para que a pesquisadora interagir com as perspectivas dos discentes. Ademais, as respostas dadas ao questionário foram imprescindíveis para a análise inicial das informações desta pesquisa.

O questionário *on-line* possibilitou aos discentes da pesquisa uma importante reflexão das suas ações cotidianas, constituindo-se como um dispositivo para a etapa da pesquisa exploratória. Por conseguinte, o referido questionário, proporcionou à pesquisadora uma melhor percepção de como os participantes da pesquisa usam as TDIC em suas vivências, seja no âmbito educacional, como também em suas ações sociais extra-escolares. Portanto, percebeu-se que esse dispositivo foi fundamental para

a elucidação dos fatos que permeiam as sensações e as perspectivas vivenciadas pelos sujeitos da pesquisa.

Partindo-se das etapas elencadas nesta metodologia, a pesquisa exploratória foi realizada no período de 01/10 a 08/10/2020, com 12 estudantes da 2ª série do Ensino Médio que, em 2019, participaram do projeto estruturante EPA. Esta etapa, que teve como objetivo realizar uma pesquisa contextual para melhor conhecer os participantes da pesquisa, a partir de diversas dimensões socioeconômicas e culturais, foi construída através da análise das informações oriundas do questionário disponibilizado pelo Google Forms, intitulado “Cá entre nós”, conforme *design* apresentando na figura 10.

Figura 10: Design do questionário disponibilizado no Google Forms

Cá entre nós!

Perguntas Respostas 14

Flor do Lácio Sambódromo Lusamérica latim em pó
O que quer
O que pode esta língua?
(Poesia Língua - Caetano Veloso)

Endereço de e-mail *

Endereço de e-mail válido

Este formulário coleta endereços de e-mail. [Alterar configurações](#)

Fonte: Questionário Google Forms. Disponível em:

https://docs.google.com/forms/d/1Anu_7UrelF540OI7rMlevGFwTw4h3lDLRUnMeSdBTBc/edit?ts=5f96b421&gxids=7757. Acessado em: 26 out. 2020.

Antes da participação dos alunos, foi apresentada a proposta de pesquisa **FORMAÇÃO DE LEITORES E CIBERCULTURA**, por meio de ligação telefônica devido ao momento pandêmico e, por isso, as aulas no CEPPPOP ainda estarem suspensas. Inicialmente, foram consultados dezesseis estudantes que já havia participado, anteriormente, do EPA; mas alguns não demonstraram possibilidade ou interesse em participar da pesquisa, devido a alguns fatores, tais como falta de conectividade adequada que permitiria a presença no minicurso; desmotivação para empreender uma atividade escolar, tendo em vista a suspensão das aulas durante o período de realização das etapas de estudo; não disponibilizarem de tempo devido ao trabalho, entre outras situações. Com o aceite de 12 participantes, foi criado um grupo no aplicativo de mensagem WhatsApp, que potencializou as primeiras interações com o grupo de estudantes.

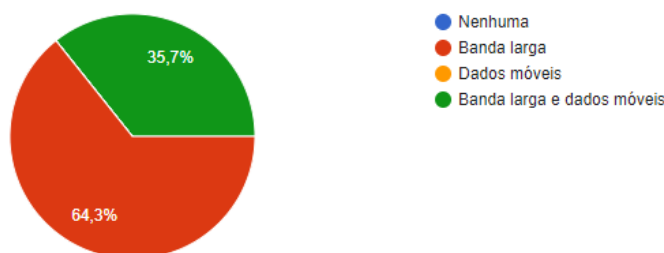
Com o aceite dos participantes da pesquisa, no grupo de WhatsApp, a pesquisadora explicou aos participantes que eles deveriam responder ao questionário *on-line*, pois esse seria um meio importante para a análise contextual da pesquisa. Por conseguinte, a pesquisadora enviou o link do questionário para que os estudantes respondessem. O referido questionário *on-line* continha 26 questões, tanto na modalidade aberta quanto fechada. Tais questionamentos perpassaram por perguntas que buscavam uma melhor percepção da situação sociocultural dos sujeitos da pesquisa.

As respostas dadas ao questionário foram imprescindíveis para o processo desta pesquisa, ao revelar aspectos importantes das ações cotidianas dos estudantes. Tais aspectos mostraram como os sujeitos usam as TDIC em suas práticas discursivas; as respostas também evidenciaram as sensações vivenciadas pelos estudantes durante o período da pandemia da Covid-19; revelaram situações que explicitaram aspectos familiares e também de localização de residências dos participantes etc. Enfim, as respostas dadas ao questionário elucidaram o perfil dos participantes deste trabalho. Após a análise das respostas ao questionário, pode-se conhecer um pouco mais os participantes da pesquisa, fato que, muitas vezes, devido à correria das práticas cotidianas na escola e da atuação como gestora não nos dá a oportunidade de tempo para interagir, de forma mais profunda, com esses alunos.

Tendo em vista as respostas coletadas, foi constatado que 85,7% dos alunos que demonstraram interesse em participar da pesquisa são do gênero feminino e 14,3% responderam ser do gênero masculino. No tocante a qual turma os estudantes estão inseridos, 64,3% relataram fazer parte da turma A, enquanto que 35,7% responderam fazer parte do quantitativo que estudam do 2ª série¹⁷ turma B, do turno matutino; onze alunos dos doze participantes moram no espaço urbano da cidade de Conceição do Coité. Os alunos estão na faixa etária entre 14 a 17 anos, o que se torna compatível com a etapa de escolarização em que se encontram, sem apresentar defasagem série-idade.

Quando questionados sobre os recursos tecnológicos que mais utilizam em suas atividades cotidianas, os 12 alunos declararam utilizar constantemente o aparelho celular e 7,1% utilizam, além do celular, computadores ou notebooks. Sobre esses aparatos, todos os alunos afirmaram que o uso dessas tecnologias ocorre, prioritariamente, para atender a demandas pessoais e educacionais. Nesse sentido, o acesso à internet por eles tem como principal finalidade atender a práticas pessoais de estudo e a ações de divertimento; realização de pesquisas para ampliar conhecimentos escolares; práticas interativas, a exemplo da utilização de redes sociais e jogos com os amigos. Para acessar a esses conteúdos, os estudantes declararam ter como infraestrutura a internet banda larga e/ou pacote de dados móveis. Essa assertiva pode ser evidenciada no gráfico 1.

¹⁷ No Colégio Estadual Professora Olgarina Pitangueira Pinheiro, há no total três turmas de 2ª séries do Ensino Médio, duas no turno matutino e uma turma no turno noturno.

Gráfico 1: Respostas sobre a internet utilizada pelos partícipes da pesquisa

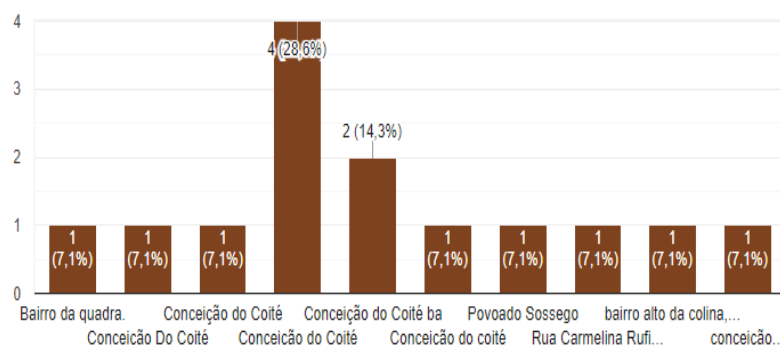
Fonte: Google Form

A pesquisa exploratória foi de suma importância para a pesquisadora, pois abordou referências dos discentes; essas foram cruciais para fortalecer uma ação dialógica entre sujeitos e pesquisadora. Foi através das respostas dadas pelos estudantes que ficou perceptível o quão significativo foi estreitar os laços de convivência com os atores deste trabalho. Foi a partir dessa interação que a investigadora adentrou no universo das relações pessoais dos discentes, ação imprescindível para compreender, como também participar, de maneira ativa, do processo de intervenção.

Percebeu-se que a pesquisa exploratória foi um meio de investigação que trouxe à tona reflexões importantes sobre a identidade dos sujeitos participantes. O questionário contou com seções em que os alunos puderam se apresentar, a partir de identificações escolhidas por eles mesmos, bem como características e pertencimentos em relação às identidades que desejavam evidenciar. Também, foram convidados a interagir, nesse momento inicial da pesquisa, sobre temáticas que permearam a situação de acessibilidade aos meios das TDIC, principalmente nesse momento pandêmico, em que a utilização dos aparatos digitais se tornou imperativo, muitas vezes, por toda a família.

Reiterando a importância da pesquisa exploratória para a efetivação desta proposta de trabalho, os dados abordados no excerto acima podem ser constatados através do gráfico 2, que apresenta os locais de moradia dos alunos:

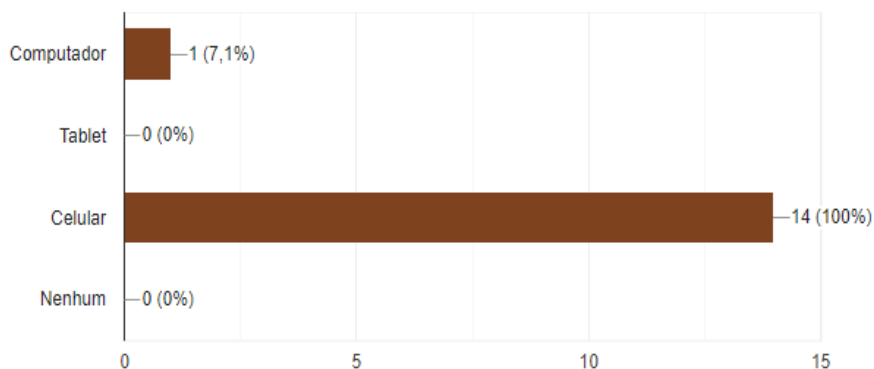
Gráfico 2: Localidade de moradia dos estudantes da pesquisa



Fonte: Google Form

No tocante à localidade de moradia dos sujeitos da pesquisa, ficou evidente que quase onze alunos residem no espaço urbano da cidade de Conceição do Coité, sendo apenas um aluno que mora em uma localidade rural, um povoado próximo à sede: Povoado Sossego. Sobre o questionamento referente aos aparatos tecnológicos utilizados pelos estudantes da pesquisa, constatou-se que o celular é o meio digital mais utilizado. Dos doze sujeitos pesquisados, 100% utilizam o celular para acessos virtuais. O computador ficou em segundo lugar, com o percentual de 7,1%.

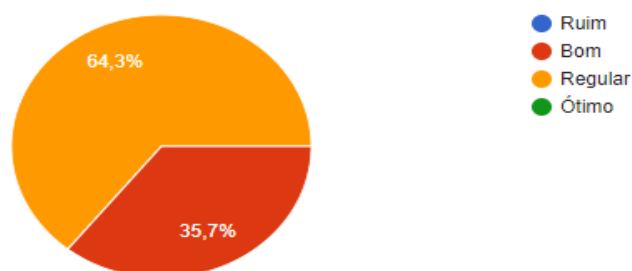
Gráfico 3: Aparatos digitais mais usados pelos alunos



Fonte: Google Form

Outro dado importante que ficou evidenciado na pesquisa exploratória foi a reflexão dos estudantes no tocante à percepção deles em relação ao uso dos aparatos tecnológicos no contexto escolar. Dos sujeitos participantes, 64,3% declaram que acham regular a utilização dos meios digitais para fins escolares, enquanto que 35,7% afirmaram ser bom utilizar esses meios no âmbito escolar para o desenvolvimento de práticas pedagógicas do professor quanto de atividades escolares pelos alunos. Ainda sobre isso, 64,3% dos alunos participantes da pesquisa consideram como regular a atuação da escola em relação às TDIC, conforme gráfico 4.

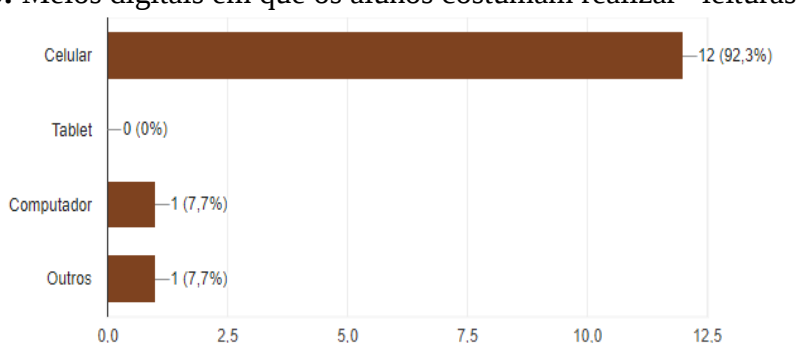
Gráfico 4: Avaliação feita pelos estudantes sobre o uso Tecnologias Digitais (TD) no contexto escolar



Fonte: Google Form

A pesquisa exploratória revelou que os alunos pertencentes ao grupo desta pesquisa usam o celular, o computador, como também outros meios digitais para realizarem suas práticas de leitura. Dentre eles, 92,3% afirmaram usar o celular para realizar leituras. Outros 7,7% optaram pelo computador para seus eventos de leitura e, ainda, 7,7% declararam utilizar outros meios tecnológicos com o objetivo de ler. Ademais, 35,5% dos partícipes da pesquisa declararam ter acesso à internet por tecnologia móvel e também por banda larga, enquanto que 64,3% responderam ter acesso à internet por meio de pacote de dados, o que representa que muitos deles não conseguem ter acesso a muito espaços de hiperleitura por limitação de seus pacotes.

Gráfico 5: Meios digitais em que os alunos costumam realizar leituras



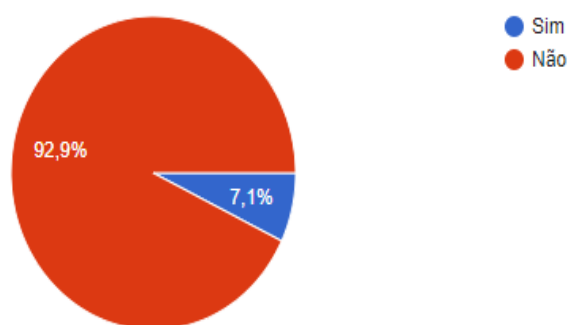
Fonte: Google Form

No questionário, também foi perguntado aos alunos se eles já tinham frequentado ou conheciam algum museu, tanto na forma física quanto na virtual. A partir da resposta, evidenciou-se que dos doze participantes da pesquisa, apenas um já tinha passado pela experiência de visitar um museu virtual, embora não tenha especificado o nome ou o tipo de museu pelo qual navegou. A partir dessa constatação,

ratificou-se a necessidade de se trabalhar com estratégias de leituras que envolvam textos multimodais e multissemióticos que façam parte dos acervos de museus virtuais, dando ênfase, nesta pesquisa, à diversidade de textos da paisagem do Museu Virtual de Língua Portuguesa (MVL P).

Ratificando o apresentado anteriormente, a pesquisa exploratória mostrou que, da totalidade dos pesquisados, 92,9% nunca tinham visitado um museu virtual ou tinham conhecimento de forma clara sobre como funcionam esses locais; apenas 7,1% já tiveram a experiência de adentrarem em uma página de museu virtual, anteriormente à realização desta pesquisa, embora pouco tenha ampliado a navegação ou interagido com o acervo presente nesse espaço, conforme apresentado no gráfico 6.

Gráfico 6: Conhecimento do estudante sobre MV



Fonte: Google Form

No questionário, também foi indagado sobre a participação dos alunos no projeto estruturante Estudo Patrimonial Artístico (EPA) bem como a significação desse projeto para a ampliação do capital cultural, textual e patrimonial dos estudantes, especificamente, sobre a concepção que os discentes tinham sobre os espaços de preservação sociocultural existentes no ciberespaço. A partir das respostas, foi percebido que o EPA se constituiu em um projeto significativo para os estudantes, tendo em vista que eles afirmaram sobre a importância desse projeto para a própria construção de conhecimento sobre elementos culturais da Bahia e do Território do Sisal, os quais não tinham conhecimento anterior. Além disso, informaram ter participado de todas as etapas do projeto, em sua última edição, em 2019.

Os participantes da pesquisa mostraram-se bem empolgados com a proposta de trabalhar o EPA numa perspectiva digital. A experiência de terem participado de maneira presencial da edição do projeto, no ano de 2019, corroborou para que se motivassem a perceber que a produção de conhecimentos perpassa por múltiplos caminhos e que esses se realizam também a partir do uso dos artefatos digitais. Portanto, as respostas dadas ao questionário *on-line* pelos partícipes da pesquisa ratificaram o quão importante foi a escolha de trabalhar o tema dos acervos patrimoniais de Conceição

do Coité. Tal tema despertou nos alunos a vontade de pesquisar o contexto sociocultural e histórico de patrimônios locais que eles ainda não conheciam.

Sendo assim, os doze estudantes afirmaram que a participação no projeto contribuiu para ampliar conhecimentos sobre patrimônio e a importância de conhecer aspectos culturais de um povo, inclusive conhecer melhor aspectos patrimoniais do estado e de seu município, embora reconhecessem que ainda há muito a ser explorado sobre essa questão.

A partir da análise das repostas ao questionário, pode-se ratificar cada vez mais a importância da realização desta pesquisa, que suscitou discussões sobre espaços-tempos formativos inerentes ao ciberespaço e à ampliação do capital cultural dos alunos da escola *locus*. Foi através do questionário *online* que houve a possibilidade de a pesquisadora realizar importantes questionamentos que possibilitaram conhecer um pouco mais os participantes da pesquisa em relação aos usos dos artefatos tecnológicos, práticas de leitura no ciberespaço e visita a espaços culturais, a exemplo de museus virtuais, sentimentos e situações dos alunos quanto ao acesso aos meios digitais nesse momento pandêmico da Covid-19.

Dessa forma, os alunos ficaram livres para expor suas dúvidas, angústias e emoções acerca do tema tão delicado e tão complexo como o vivenciado neste momento, em que estavam fora do espaço escolar, durante a realização do processo de intervenção desta pesquisa, devido à suspensão das aulas por medida de biossegurança para evitar o contágio pelo coronavírus. Outras questões de grande relevância para a pesquisa também foram elucidadas, como exemplo, destacou-se a maneira de como os sujeitos discutiram a abordagem relacionada ao uso dos meios da cultura digital em suas práticas de leitura cotidianas e as que foram realizadas na escola, antes do momento pandêmico. Ficou evidente, através das respostas às questões subjetivas dadas pelos doze alunos, que eles utilizam aparatos tecnológicos como computador, notebook e smartphone, principalmente, como forma de entretenimento, sendo hiperleitores de jogos e de sites de redes sociais, principalmente.

As respostas das perguntas que trataram sobre a pandemia da Covid-19 foram muito significativas para que a pesquisadora percebesse como os sujeitos estão lidando com um momento tão atípico. As respostas relataram que o contexto pandêmico trouxe sensações que são antagônicas, pois alguns se sentem tranquilos, enquanto outros responderam sentir-se desmotivados para os estudos e para práticas consideradas como escolares, dentre elas a leitura.

5.2.2 Minicursos

A realização de minicursos no processo de ensino e de aprendizagem é de extrema importância para a construção e compartilhamento de saberes diversos. Escolheram-se os minicursos por eles serem mecanismos relevantes na construção das informações, no sentido de, ao mesmo tempo em que os

discentes participam de uma formação e se autoformam, refletem sobre as ações realizadas. Foram realizados quatro momentos formativos, em que discentes e docente pesquisadora discutiram sobre temáticas construídas após a pesquisa exploratória.

Com este estudo, o objetivo maior da pesquisadora foi interagir com os sujeitos, que também são atores no espaço escolar (discentes), assim como compartilhar suas preocupações e experiências de vida, suas itinerâncias tanto nas práticas escolares, a partir do EPA, e em ambientes virtuais; sua relação com aspectos histórico-culturais do país, do estado da Bahia e do município onde residem etc., tendo como espaço para essas reflexões o museu virtual. Para atingir esse objetivo de intervenção, durante os minicursos, foram realizadas rodas de conversa, no sentido de proporcionar um diálogo de aproximação entre a pesquisadora e os alunos, visando à construção de relações sólidas e confiáveis entre os atores protagonistas deste estudo.

As rodas de conversa promoveram espaços para a produção e a ressignificação de conhecimentos e de sentidos dos textos que circulam no ciberespaço, a partir das experiências dos atores da pesquisa antes e depois das visitas ao MV. As informações e as observações que vivenciadas nas rodas de conversa, assim como a interação entre os membros, construídas entre os sujeitos durante o processo da pesquisa, foram gravadas, com a anuência dos participantes, para posterior análise das informações e fonte de pesquisa.

Após a análise das informações construídas na pesquisa exploratória, para a intervenção, foram organizados quatro minicursos que versaram sobre as temáticas apresentadas no quadro 4.

Quadro 04: Temáticas discutidas nos minicursos

DATA	TEMÁTICA
05/11/2020	Concepções e práticas de leitura pelas infovias digitais
23/11/2020	Acervos patrimoniais como potencializadores de saberes nos espaços digitais
07/12/ 2020	Museu virtual: espaço de interação e de linguagens múltiplas
05/01/2021	Construção de <i>fanpage</i> no espaço da cibercultura

Fonte: Pesquisa exploratória.

Os minicursos corresponderam à segunda etapa do processo de intervenção. Os encontros aconteceram de forma *on-line* através da plataforma do Google Meet e versaram sobre as temáticas apresentadas no quadro 4. Os temas que nortearam os encontros atenderam às necessidades de estudo apresentadas pelos partícipes da pesquisa. O primeiro encontro teve como tema **Concepções e práticas de leitura pelas infovias digitais**. O estudo desse tema potencializou aos sujeitos da pesquisa uma noção

mais ampla sobre as possibilidades múltiplas de práticas de leituras multimodais e multissemióticas que são possíveis no ciberespaço, tendo em vista aspectos éticos e as escolhas responsáveis de práticas de leitura na esfera digital.

O segundo encontro virtual apresentou o tema **Acervos patrimoniais como potencializadores de saberes nos espaços digitais**. Tal minicurso contou com a participação da professora doutora Cleidiana Ramos, que abordou sobre conceitos e epistemologias que embasam o tema patrimônio cultural. Os discentes aprenderam que os estudos que perpassam pelo assunto patrimônio são contextualizados nas práticas sociais das pessoas. Nesse encontro, ficou perceptível a vontade dos alunos em debater sobre as abordagens de se pensar os patrimônios numa perspectiva de interação através das mídias digitais.

No penúltimo minicurso, intitulado **Museu Virtual: espaço de interação e de linguagens múltiplas**, foi realizada uma atividade interativa com a visita ao espaço virtual do MVLP. Cada espaço explorado virtualmente proporcionou uma ampla percepção da gama de eventos de leitura propostos naquele *locus*. Foram percebidas as mais diversas formas de materialização de textos multimodais e multissemióticos que podem ser trabalhados e produzidos no ambiente escolar, com a finalidade de estudar sobre questões patrimoniais de uma comunidade e/ou de um povo. Os estudantes mostraram-se participativos durante todo o processo de conhecimento do museu virtual. Como já mencionado anteriormente, dos alunos pesquisados, apenas um já tinha vivenciado a experiência de visitar um acervo como esse. Portanto, o minicurso proporcionou aos demais estudantes o conhecimento sobre um museu virtual e seu acervo patrimonial, o que foi de suma importância para os sujeitos perceberem as potencialidades oferecidas por esses espaços da cibercultura.

O último encontro versou sobre o tema **Construção de acervo na cibercultura**. Nesse encontro, o graduando em Gestão da Tecnologia da Informação, Rafael Silva Santos, explicou de maneira didática como se construir uma página virtual nas redes sociais, especificamente no Facebook e no Instagram, embora tenha-se optado pela divulgação do acervo patrimonial do município de Conceição do Coité apenas pela primeira. Nesse encontro, foram construídas discussões sobre a construção da página virtual, que se caracterizou no produto desta dissertação.

5.3 LOCUS DA PESQUISA

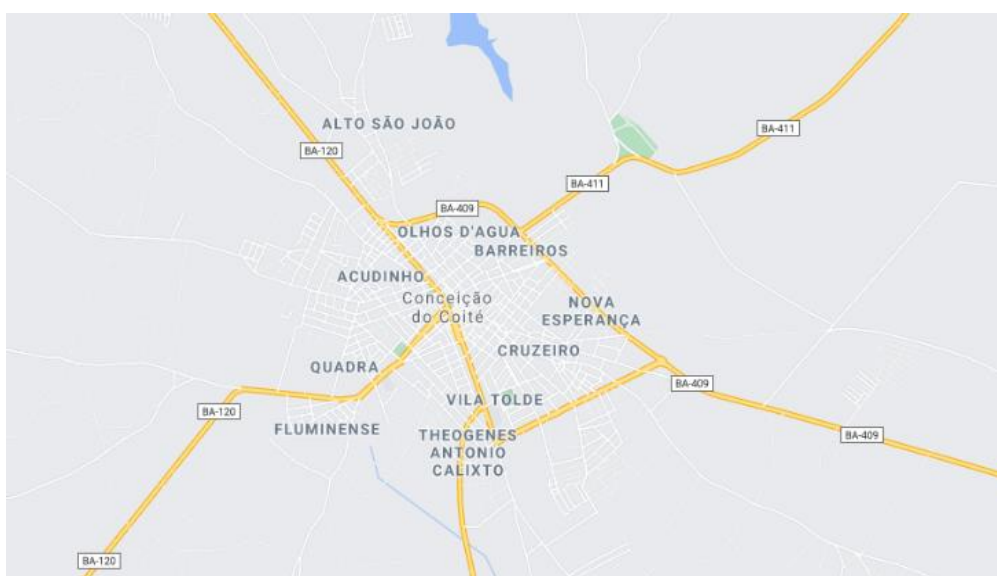
5.3.1 Conhecendo o município de Conceição do Coité

A cidade de Conceição do Coité está localizada no estado da Bahia. O município se estende por 1016,224 km² de área territorial. No último censo realizado, foi registrado que a cidade possui aproximadamente setenta mil habitantes, dentre esses, cinquenta e três mil e setenta e quatro pessoas

formam o quantitativo de eleitores do município. Os moradores da referida cidade são denominados coiteenses. O município de Conceição do Coité possui cinco distritos (Aroeira, Bandiaçu, Juazeiro, Salgadália e São João) e vinte e oito povoados (Açude de Aroeira, Altinho da Vargem, Alto Bonito, Boa Vista, Cabaceiras, Canta Galo, Clários, Campestre, Cantinho, Caruaru, Ipiranga, Ipoeirinha, Italmar, Juazeirinho, Lagoa da Vaca, Lagoa do Meio, Laginha, Malhador, Maracujá, Maxixi, Novo Horizonte, Nova Palmares, Onça, Patos, Bepa, Morro, Santa Cruz, Santa Rosa, São Roque, Serrote, Serra Vermelha, Tabuleiro de Amorosa, Vila Carneiro e Riacho da Serra).

O município é circunvizinho pelos municípios de Retirolândia, Ichu e Barrocas. Está situada a 35km ao norte-oeste da cidade de Serrinha e cerca de 210 km da capital baiana, Salvador. A maior parte de terreno coiteense é plano; pode-se afirmar que seu relevo predominante é planície, sendo o ponto mais alto localizado na serra do Morro do Mocambo, com 100m de altura. Na figura 11, apresenta-se o mapa do município de Conceição do Coité.

Figura 11: Mapa do município de Conceição de Coité



Fonte: <https://www.cidade-brasil.com.br/mapa-conceicao-do-coite.html>. Acessado em 04 de abril de 2021

Segundo narrativas relatadas pelos moradores mais antigos da cidade e também através de depoimentos de historiadores locais, a origem do arraial teve como marco a história de tropeiros que, outrora, visitaram a cidade de Conceição do Coité. Esses tropeiros em suas cavalgadas faziam o percurso de Feira de Santana a Jacobina. As narrativas orais relatam que o grupo de tropeiros em suas paradas para descanso costumavam alocar-se em um ambiente, o qual tinha uma fonte que, mesmo no período da estiagem, fornecia água aos visitantes. A fonte em questão pertencia ao arraial, que tempos depois se tornaria a cidade de Conceição do Coité.

Dessa maneira, surgiu o arraial denominado, inicialmente, de Coité. Há relatos que confirmam que tais tropeiros pernoitavam sob o abrigo de uma árvore, cujos frutos eram pequenas cabaças; essas, em idioma primitivo, receberam o nome de “Cuité” (pequena cuia) a qual, caso fosse dividida ao meio, era utilizada pelas senhoras como utensílio de limpeza doméstica. Para que o arraial fosse elevado à categoria de freguesia, se fez necessária a doação de terras. Essas terras foram oferecidas a santa Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade de Conceição do Coité.

Outro fato importante para o surgimento da cidade, foi a doação de uma área de terra realizada pelo senhor João Benevides, antigo morador do arraial e também latifundiário. Portanto, documentos oficiais confirmam que a cidade de Conceição do Coité foi fundada por esse grande fazendeiro e, conseqüentemente, por seus familiares, através da Lei Provincial nº 539, de 9 de maio de 1855. A partir da criação da freguesia, o povoado de Coité recebeu o seu primeiro padre, Manoel dos Santos Vieira. Com esses eventos oficiais, o município de Conceição do Coité tornou-se autônomo, deixando de pertencer à comarca da cidade de Riachão do Jacuípe, contando com sua própria comarca em 1º de março de 1966.

No tocante às atividades econômicas, o município de Conceição do Coité destaca-se no cultivo do sisal, uma planta originária da América Central, usada para fins comerciais. Dessa maneira, a planta tem colocado o município como um dos maiores exportadores de sisal da região; a partir da utilização da fibra das folhas do sisal, há a confecção de cordas, tapetes, cordéis, capachos e outros. A matéria-prima do sisal é também utilizada na fabricação de celulose e na indústria farmacêutica para a produção de acetona, do alcatrão, da amônia, da cera e da clorofila. Além do sisal, a cidade de Conceição do Coité trabalha no cultivo da mandioca, do feijão e do milho. No município há, também, fábricas de sandálias, de água sanitária, de velas, de bebidas, de torrefação de café e outras.

Figura 12: Planta do Sisal



Fonte: <https://www.noticiasdejardim.com/dicas/cuidados-com-a-planta-agave-sisalana-sisal-ou-maguey/>. Acessado em 04 de abril de 2021

Na cidade de Conceição do Coité, são realizadas duas feiras semanais. Essas acontecem às segundas e às sextas-feiras. Nesses eventos, os moradores do município e também visitantes de cidades circunvizinhas aproveitam para comprar uma variedade de produtos, entre eles os locais, comercializados nesse espaço, que variam entre produtos do sisal, roupas e alimentos diversos.

No que concerne aos aspectos educacionais, Conceição do Coité conta com creches escolares que recebem crianças em etapa pré-escolar de ensino, escolas públicas estaduais, municipais e particulares, que oferecem as modalidades de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. No âmbito do Ensino Superior, há no município a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que oferta os cursos de graduação em Comunicação Social com ênfase em Rádio, História, Letras com Língua Portuguesa e Letras com Língua Inglesa; Agroecologia; licenciatura em Pedagogia, pelo Plano Nacional de Formação de Professores (PARFOR); e cursos de pós-graduação *strict sensu*, como o Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED). O município conta também com faculdades particulares, a exemplo da Faculdade da Região Sisaleira.

Figura 13: Fachada a Universidade do Estado da Bahia, em Conceição do Coité



Fonte: Site da UNEB. Disponível em: http://www.tv.uneb.br/?page_id=715. Acessado em: 18 jun. 2021

No tocante aos aspectos históricos e culturais, a cidade de Conceição do Coité mantém a tradição de eventos religiosos e artísticos. Os primeiros podem ser exemplificados através das festas que acontecem em louvor à Nossa Senhora da Conceição, anualmente, no período de 29 de novembro a 08 de dezembro, como também a semana dos evangélicos, que tem como feriado municipal o dia 23 de setembro. Apresentam-se, também, as comemorações das tradições folclóricas realizadas em alguns

povoados da cidade, como: bumba meu boi do distrito de Juazeirinho; reizado de Cabaceiras, no povoado de Cabaceiras; forró Jegue no distrito de Aroeira.

Figura 14: Apresentação de quadrilha na Semana de Cultura, em Conceição do Coité



Fonte: Site O Sertão. Disponível em: <http://www.osertao.com/semana-da-cultura-e-realizada-em-conceicao-do-coite/>.
Acessado em: 18 jun. 2021

A semana da cultura, como apresentado na figura 14, acontece no mês de julho; é um marco muito significativo para o município, pois é composta por várias manifestações artísticas, que são representadas através de apresentações teatrais, de recitação de poesias, músicas regionais etc.; há também campeonato de quadrilhas, apreciação de produtos artesanais, apresentação de ritmos musicais, exposição de fotografias e outras.

5.3.2 Colégio Estadual Professora Olgarina Pintagueira Pinheiro

O Colégio Estadual Professora Olgarina Pitangueira Pinheiro (CEPOPP), *locus* desta pesquisa, está situado à rua Maximino Madureira, número 128, no bairro de Mariquinha de Dodo, na cidade de Conceição do Coité/Bahia. O nome do Colégio homenageia uma professora que, apesar de não ter nascido na cidade de Conceição do Coité, era esposa de um influente político, o médico Manoel Pinheiro (em memória). O CEPOPP possui uma ampla estrutura física, com quinze salas de aula, dentre essas, doze estão localizadas na área interna e três na área externa, como anexo à instituição.

Figura 15: Colégio Estadual Olgarina Pitangueira Pinheiro



Fonte: Arquivo pessoa da pesquisadora.

Além dos já mencionados espaços de salas de aula, o CEPOPP oferece uma biblioteca, um laboratório de informática, uma sala de professores, uma secretaria, uma sala para a equipe gestora, um espaço para as atividades pedagógicas, cinco banheiros, dentre esses dois são destinados aos discentes (com a distribuição de cinco boxes para as alunas e cinco boxes para os alunos), um banheiro exclusivo ao corpo docente e um outro, também, para os funcionários, além de um outro banheiro, localizado na guarita do Colégio. No final de 2020, foram construídos três módulos, que serão utilizados como laboratórios para as aulas referentes à área do conhecimento das Ciências da Natureza, no período de retorno de aulas presenciais.

No que se refere à estrutura da esfera educacional, o CEPPOP oferece três modalidades de ensino: Ensino Médio Regular, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Educação Profissional. O Colégio possui o quantitativo de 587 alunos, que estão distribuídos nos turnos matutino, vespertino e noturno. O corpo docente da instituição de ensino é composto por vinte e dois docentes, dentre esses está a equipe gestora composta por: diretora, vice-diretor e coordenadora pedagógica. Em se tratando de funcionários que trabalham nas funções administrativas e de apoio, o Colégio conta com uma equipe com quinze pessoas, que dá suporte desde trabalhos burocráticos até as atividades de limpeza dos ambientes e da merenda escolar.

Quanto aos aspectos relacionados aos indicadores das práticas de leituras que perpassam o ambiente escolar do CEPOPP, tema primordial das discussões abordadas nesta pesquisa, têm-se alguns sistemas de avaliação que discutem os índices de leitura de seus alunos. Um desses sistemas é o Sistema de Avaliação Baiano de Ensino (SABE). Esse sistema de avaliação externa foi criado no ano de 2007 para acompanhar o monitoramento da qualidade da educação das redes públicas estaduais e municipais de ensino no tocante às competências e às habilidades dos eventos de leitura referentes ao último ano do

Ensino Fundamental, como também acompanhar a última etapa de escolarização do Ensino Médio. Dessa maneira, o referido sistema produz diagnósticos para que possam ser traçadas estratégias para o acompanhamento dessas ações e, conseqüentemente, sugerir possibilidades de intervenções nas instituições de ensino, a partir da mediação do professor.

Partindo-se da premissa do objetivo central do SABE, o CEPOPP, no ano de 2019, obteve um padrão de desempenho que variou entre o percentual de 19,3% a 47,8% no que concerne aos eixos temáticos e descritores referentes aos procedimentos de leitura e de interpretação de textos, que se embasam desde a capacidade de os discentes interpretarem informações implícitas em um texto, à maneira de como esses estudantes, da 3ª série do Ensino Médio, conseguem identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros, reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão e estabelecer relações entre partes de um texto, dentre outros descritores que se pautam na discussão das práticas de leitura trabalhadas no âmbito escolar.

Dessa maneira, a discussão da temática argumentada nesta dissertação é de suma relevância para potencializar práticas de leituras fluidas e híbridas no contexto escolar do *locus* deste trabalho, pois os discentes necessitam contextualizar os seus eventos de leitura, partindo de eventos que estão inseridos em suas práticas sociais. Portanto, é através desse protagonismo que os sujeitos se tornam cidadãos crítico/reflexivos nas suas práticas textuais, entendendo-as como uma possibilidade de emancipação para uma vida cidadã.

Um outro mecanismo de avaliação externa muito importante para aferir índices de educação pública é o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Esse é um indicador criado pelo governo federal para medir a qualidade de ensino das escolas públicas. Em se tratando dessa avaliação externa, o Colégio Estadual Professora Olgarina Pitangueira Pinheiro, no ano de 2017, apresentou o percentual de 2,9 na referida avaliação; tal nota ficou abaixo da meta nacional estabelecida para 5,0 pontos. Em relação ao Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), o Colégio registrou, em 2019, uma média de 516 pontos na área de Linguagens, ficando um pouco abaixo da média nacional, conforme apresentando na tabela 1:

Tabela 1: Desempenho do CEPOPP no ENEM, em 2019

PROVA DO ENEM	MÉDIA BRASIL	NOTA DA ESCOLA
Ciências Humanas	508	493
Ciências da Natureza	477	456
Linguagens	520	516
Matemática	523	515

Fonte: Site Compara Escola. Disponível em: <https://comparaescola.com/index.php/escola-estadual-ee-colegio-estadual-professora-olgarina-pitangueira-pinho-r-rua-maximino-madureira-291-centro-48730-000-conceicao-do-coite-ba/>.
Acessado em: 18 jun. 2021

Portanto, considera-se que a nota atribuída ao colégio foi inferior à expectativa para escolas de mesmo nível no Brasil. Após a veiculação desses resultados, houve uma reflexão por parte dos gestores, da coordenação, dos docentes e dos discentes da unidade educacional sobre os indicadores do SABE e do ENEM e foram propostas estratégias que promovessem ações voltadas para o trabalho com as práticas de leitura (e outras práticas de linguagem) dos estudantes. Essas ações perpassam por construção de projetos e de atividades diversas, preferencialmente de forma interdisciplinar, que tenham como finalidade proporcionar práticas leitoras híbridas, multimodais e multissemióticas, que estimulem a percepção reflexiva dos estudantes. Em 2019, o CEPOPP não teve a nota do IDEB registrada, pois o número de estudantes que realizaram as provas do SABE foi inferior ao percentual necessário para que o Colégio tivesse seu score aferido pela Secretaria de Educação (SEC). Então, teve-se como único parâmetro avaliativo a nota do ENEM.

Tais avaliações, portanto, só ratificam o quão pertinente é a discussão de práticas de leitura no contexto da unidade escolar, dentre elas as leituras hipertextuais. Assim, uma estratégia que se mostra importante para a implementação dessa ação é a participação dos alunos em projetos estruturantes, propostos pela SEC anualmente, como fomento para práticas discursivas sociais potencializadoras de saberes diversos. Os projetos se baseiam em um conjunto de propostas que buscam implementar políticas públicas educacionais como, também, a reestruturação dos processos de gestão pedagógica, o repensar sobre a diversidade de saberes numa perspectiva das práticas curriculares. Dessa maneira, esses projetos, nesta pesquisa especificamente o EPA, têm como objetivo aproximar as aprendizagens dos alunos a contextos sociais situados, a partir de estratégias inovadoras, que buscam trabalhar com as diversas práticas linguístico-discursivas e sociais que perpassam pelo cotidiano escolar.

Partindo-se do princípio da multiplicidade das práticas de leituras multimodais e multissemióticas, o projeto estruturante Educação Patrimonial e Artística ratifica o quão pertinente é trabalhar com eventos que perpassem por concepções de leitura que sejam plurais, híbridas e fluidas. O EPA, como já mencionado no decorrer desta dissertação, pode tornar-se uma ação educacional muito eficaz no que diz respeito ao pensar os patrimônios culturais e artísticos pela perspectiva do respeito às memórias identitárias e sociais dos sujeitos.

Dando prosseguimento à argumentação elencada no parágrafo anterior, é importante salientar que, o trabalho com a proposta do projeto estruturante EPA nesta pesquisa, materializou-se na construção de uma *fanpage* construída pelos participantes da pesquisa. A referida *fanpage* que constuiu-se no produto deste trabalho, concretizou-se em uma ação que perpassou pelo estudo de alguns

patrimônios culturais do município de Conceição do Coité. Dessa maneira, a construção da *fanpage* potencializou-se em uma profícua estratégia em que, os discentes puderam perceber-se como sujeitos autônomos nos seus eventos de leitura ,a partir de suas escolhas no tocante a quais patrimônios locais escolheram para representar. Por conseguinte, a construção da *fanpage* que é atrelada ao facebook do CEPOPP, materializou-se em uma significativa estratégia que ratifica o quão as práticas de leitura podem ser fluídas, multimodais e multissemióticas.

O CEPOPP, como uma instituição de ensino que prima por uma educação cidadã, apresenta o EPA como uma estratégia de oportunizar aos alunos o acesso a conhecer e a valorizar os patrimônios numa perspectiva de vivências que demarcam o contexto histórico/social de um povo. Dessa maneira, esse projeto, desde sua implementação, sempre fez parte do planejamento das ações pedagógicas do Colégio. É uma atividade educativa que oportuniza aos discentes o ato de pesquisar suas origens como também ampliar seus conhecimentos sobre os patrimônios locais e globais, a fim de abrir discussões para implementação de práticas culturais situadas nos campos da história, da arte, do patrimônio e da linguagem.

5.4 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os participantes desta pesquisa são 12 alunos do 2º ano do Ensino Médio do CEPOPP que, em 2019, participaram das atividades do EPA. Através do diálogo mediado pela pesquisadora com esses alunos, constatou-se que eles aprovaram o projeto EPA, considerando-o como importante para ampliar aprendizagens significativas no âmbito escolar. Portanto, ao serem convidados a integrar à equipe desta pesquisa, ficaram motivados em refletir sobre o EPA, dessa vez pelas potencialidades das infovias digitais.

A adesão ao projeto por esses alunos foi de forma voluntária, atendendo a alguns critérios: ter participado de uma das edições do EPA na unidade e, assim, ter maior familiaridade com o projeto; apresentar disponibilidade de tempo para participar das etapas da pesquisa; possuir recursos e/ou possibilidades de acesso à internet para responder à pesquisa exploratória, participar das rodas de conversa realizadas durante os minicursos, pelo Google Meet, e visitar o MVLP.

Os partícipes da pesquisa são estudantes adolescentes que estão na faixa etária dos 15 a 17 anos. Esses discentes costumam ser criativos em eventos que disseminam a produção de conhecimentos relacionados à área das atividades artístico-culturais. No grupo dos participantes deste trabalho, há alunos que possuem habilidades de se apresentar em público, através de manifestações linguísticas que perpassam por construção de poesias, por apresentação teatrais, por composição de coreografias que envolvem músicas e dança; enfim, de práticas de leitura multimodais e multissemióticas, também as que

são produzidas e potencializadas com o uso de artefatos tecnológicos; mas, também, existem alunos que se apresentam forma mais tímida quanto a essas produções.

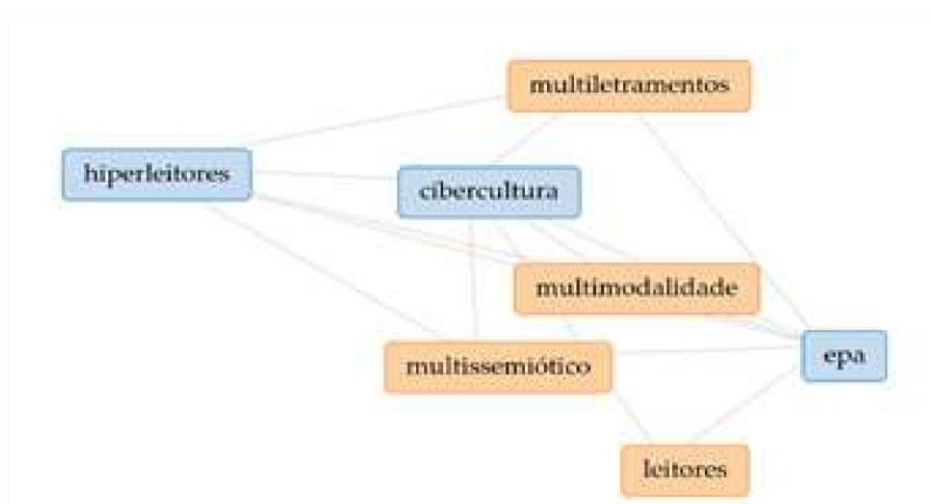
Durante todo o processo de construção de informações, a partir do grupo de WhatsApp, da pesquisa exploratória, da itinerância na visita ao MVLP, das rodas de conversa potencializadas nos minicursos, o diálogo foi fator preponderante entre pesquisadora e participantes. Portanto, a interação sobre os temas discutidos aconteceu de maneira fluida e dinâmica, visto que os estudantes são sujeitos ativos, dinâmicos, críticos, reflexivos e bastante engajados no tocante a discussões que permeiam o campo de estudos voltados para o uso das TDIC.

Para a identificação dos participantes, foram utilizadas estratégias que preservaram a identidade de cada sujeito da pesquisa. Para manter o sigilo da identidade dos discentes da pesquisa, optou-se por escolher a letra inicial do nome de cada estudante como forma de identificação dos atores protagonistas da pesquisa. Dessa maneira, as interlocuções proferidas pelos estudantes no processo de intervenção foram pautadas nos princípios da confiabilidade e da confidencialidade das informações, conforme previsto no projeto submetido e aprovado pelo Conselho de Ética em Pesquisa com seres humanos da UNEB.

5.5 CATEGORIAS DE PESQUISA

Partindo-se da premissa de que os contextos de práticas de leitura na atualidade são diversos e plurais, e que há vários modos de ler e tipos de leitores que são motivados a reagirem de acordo com as habilidades estimuladas pelas semioses dos textos, materializadas por múltiplos suportes que são impressos e digitais, ratifica-se a necessidade de se estudar sobre o ato de ler por uma perspectiva que perpassa pela concepção híbrida de textos, ou seja, do ato do hiperler. Portanto, para aprofundar a discussão aqui proposta, esta pesquisa fundamenta-se em categorias teórico-conceituais, que oportunizaram a construção e a análise de informações durante todas as etapas.

Figura 16: Categorias para construção e análise de informações



Fonte: Dados deste projeto de pesquisa, elaborado pela interface Voyant Tools

A categoria Formação de leitores na Cibercultura justifica-se como pertinente, pois os atores protagonistas desta pesquisa são sujeitos atuantes e estão inseridos em contextos sociais virtuais, nos quais os textos são multimodais e multissemióticos, veiculados e potencializados, também, pelas TDIC. Dessa maneira, fez-se necessário um trabalho em que os alunos se percebam como sujeitos consumidores e produtores de novos saberes e de novos/outros textos, assumindo-se, assim, como hiperleitores.

O hiperleitor navega pelos “nós” do ciberespaço, com fluidez e habilidades cognitivas, como um leitor ubíquo; lê do impresso ao digital e, por isso, entende-se que práticas pedagógicas e projetos desenvolvidos na escola devem levar em conta esse perfil de leitor e suas habilidades leitoras. Para isso, torna-se necessário trabalhar, de forma planejada e engajada, com textos multissemióticos e multimodais da esfera digital no espaço escolar, dialogando com outras culturas textuais, a exemplo da impressa e oral.

Nesta pesquisa, apresenta-se o site do Museu Virtual de Língua Portuguesa como hipertexto que, por suas inúmeras trajetórias de leitura e possibilidades de interrelações temático-culturais, constituiu-se em espaço de intervenção e de produção de informações sobre o objeto aqui pesquisado. Sabe-se que o “chão da escola” é propício ao trabalho com as múltiplas linguagens em que os alunos revelam suas habilidades e destrezas. Por esse motivo, a partir das práticas de hiperleitura no ciberespaço, estabeleceu-se um olhar inovador para os Projetos Estruturantes que já fazem parte da cultura escolar, nesta pesquisa o EPA. Oportunizar aos alunos do Ensino Médio da escola *locus* uma participação, de forma ativa e crítica, na cibercultura, a partir do imbricamento entre prática escolar, como a realizada no projeto estruturante, com ações extraescolares (visita ao MVLP), tornou-se um importante espaço-tempo reflexivo sobre a função da escola na sociedade tecnológica atual.

6 INTERAGINDO COM (CIBER)ACERVOS: MVLP E EPA COMO ESPAÇOS DE FORMAÇÃO DO LEITOR

Pautando-se nos dispositivos para a construção e a análise das informações e dos dados, que foram construídos a partir dos minicursos virtuais, é que se apresenta a interação com os (ciber)acervos proposta no processo de intervenção deste estudo. Os quatro minicursos *on-line*, realizados pela plataforma Google Meet, promoveram importantes discussões suscitadas nas rodas de conversa; versaram sobre temáticas que perpassaram pelas práticas de leitura multimodais e multissemióticas veiculadas na cibercultura, tendo como proposta integradora a navegação no MVLP e o agenciamento do projeto EPA. A realização dos minicursos viabilizou momentos de enriquecedores diálogos, que proporcionaram múltiplas aprendizagens acerca das temáticas discutidas nesta dissertação.

Ademais, foi através dos minicursos que a pesquisadora e os sujeitos da pesquisa puderam, de maneira participativa e dialógica, conhecer e ampliar as discussões sobre assuntos como: visita ao museu virtual, compreensão e valorização de fontes teóricas que embasaram os estudos sobre patrimônios culturais; interação com algumas técnicas de sistemas informacionais que potencializaram saberes, embasaram uma dinâmica motivacional, que resultou na construção de uma fanpage na rede social

Facebook, a qual difundiu artefatos patrimoniais pertencetes à cultura do município de Conceição do Coité. Tal ação materializou-se no produto desta pesquisa.

Dessa forma, os minicursos viabilizaram múltiplos eventos de leitura de textos multimodais e multissemióticos veiculados à esfera digital. Esses proporcionaram aos discentes uma criticidade que os levou à compreensão de que as práticas leitoras se concretizam não apenas no contexto escolar, mas também nas ambiências cotidianas, entre elas nos espaços virtuais. Evidencia-se que as informações e os dados para análise foram imprescindíveis para a realização de todo o processo que embasou a construção e a realização tanto desta pesquisa quanto da consolidação do produto.

6.1 DIÁLOGOS COM (CIBER)ACERVOS: ANÁLISES DAS INFORMAÇÕES CONSTRUÍDAS

Segundo Bardin (2011), a análise de informações e de dados relacionados aos conteúdos registrados nos dispositivos utilizados em uma pesquisa qualitativa torna-se o momento de grande revelação dos empreendimentos de aprendizagem e construção de trajetórias dos participantes do ato investigativo. Dessa forma, ao abrir esse (ciber)acervo, pretendeu-se

[...] obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 47).

Ancorando-se no embasamento teórico para análise de informações e de dados, esta pesquisa qualitativa, e de caráter interventivo, inspirou-se no método análise de conteúdo (BARDIN, 2016). Por isso, ao interagir com o processo de descrição das etapas da pesquisa, levou-se em consideração pilares da confiabilidade e da veracidade dos fatos ocorridos nas relações estabelecidas entre a pesquisadora e os partícipes da pesquisa. Como já apresentando na metodologia, o método análise de conteúdo fundamenta-se em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

A primeira fase, a da pré-análise, caracterizou-se nesta pesquisa como uma etapa de organização dos dados identificados. Nesta pesquisa, caracterizou-se pela realização da organização e da exploração sistemática, como também na leitura flutuante dos discursos evidenciados pelos partícipes nos minicursos. Foi a partir dessa etapa que a pesquisadora pôde ter o contato com a transcrição das mensagens evidenciadas nas rodas de conversa e, assim, interpretar as informações apresentadas, além de conhecer os atos de leitura dos alunos, suas trajetórias na cultura digital e, especialmente, em relação aos MV. Também, foi possível fazer um levantamento, *a priori*, dos patrimônios culturais de Conceição do Coité que eram conhecidos pelos alunos.

A segunda fase, denominada como a exploração do material, constituiu-se na codificação e na categorização do material. Nessa etapa, a pesquisadora debruçou-se sobre os textos construídos durante as rodas de conversa, na tentativa de compreender e contextualizar as inferências contidas nas práticas discursivas que foram apresentadas pelos partícipes da pesquisa, contextualizando-as aos temas abordados nos minicursos. Dessa forma, foi necessário retomar o questionário respondido durante a pesquisa exploratória para ampliar a percepção da pesquisadora sobre aspectos relevantes nesta pesquisa, tais como o perfil de acesso dos alunos à internet e às condições materiais para a navegação no ciberespaço. Também, elaborou-se o registro das unidades e do contexto recorte, a partir das categorias elucidadas nesta pesquisa.

A terceira fase foi a de tratamento e da interpretação das informações e dos dados. Essa foi a etapa da inferência da investigação realizada pela pesquisadora. Nesse momento, houve a preponderância dos elementos constitutivos do processo da comunicação: a mensagem, que é a significação e o código, e o suporte ou canal que se constitui no emissor ou receptor. Também, foi imprescindível para analisar as interlocuções construídas no processo. Foi nessa etapa que a análise das informações foi apresentada.

Além das análises, foi nesse momento que os resultados construídos a partir dos dispositivos desta pesquisa foram utilizados para a interpretação. Tais resultados foram sistematizados através dos discursos realizados nas rodas de conversa e nos minicursos. Ademais, as ações referentes à organização, à sistematização e, conseqüentemente, à análise das informações foram instigantes, pois fizeram com que a pesquisadora adentrasse na interpretação das interlocuções, organizando-as em consonância com as temáticas referenciadas em cada minicurso. Em síntese, partindo-se das características do método análise de conteúdo, o percurso deste trabalho se deu pelas seguintes fases: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados.

6.2 PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DE NOVOS ACERVOS

6.2.1 Minicurso 1:

Os quatro minicursos foram realizados no período de 05 de novembro de 2020 a 05 de janeiro de 2021, de maneira *on-line*, através da plataforma digital Google Meet. A escolha por essa modalidade de mediação virtual se fez pertinente por motivo da pandemia da Covid-19 e, com isso, a suspensão das atividades escolares presenciais. O primeiro minicurso foi realizado no dia 05 de novembro de 2020 e versou o tema **Concepções e práticas de leitura pelas infovias digitais**. Nesse primeiro momento, a pesquisadora apresentou os pressupostos que noteiam esta pesquisa, como também, juntamente com os

partícipes, discutiu sobre as múltiplas possibilidades de práticas de leitura veiculadas na cibercultura. Tal minicurso foi mediado pela pesquisadora que, de maneira mais detalhada, explanou a proposta desta pesquisa, pois antes da realização do primeiro minicurso, a interação da pesquisadora com os estudantes se realizou apenas através de contato telefônico e pelas respostas ao questionário *on-line*, durante a pesquisa exploratória.

A pesquisadora iniciou o encontro às 9:30, horário previamente divulgado; porém, as eventualidades que acontecem no cotidiano escolar, também podem ocorrer nos eventos de ensino e de aprendizagem mediados através da esfera digital, tais como os alunos chegarem atrasados para a aula (no caso da pesquisa, minicurso); esquecerem do compromisso que tinham firmado para esse horário; não participar ativamente das discussões etc.

Para esse encontro, foi desenvolvido planejamento apresentando no quadro 5, tendo como base para a sua organização os resultados da pesquisa exploratória:

Quadro 5: Planejamento para a realização do primeiro minicurso

MINICURSO 1: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE LEITURA PELAS INFOVIAS DIGITAIS	
Objetivo	• Socializar informações da pesquisa exploratória realizada com os cocriadores da pesquisa. • Apresentar as temáticas a serem estudadas nos minicursos oriundas das informações construídas na pesquisa exploratória. • Compreender concepções de leitura e características inerentes aos textos em diferentes mídias. • Participar de eventos de leitura multimodal e multissemiótica, de forma crítica e reflexiva.
Conteúdo	1. Concepções de texto e de leitura veiculados por diversas mídias. 2. Características dos textos impressos e digitais. 3. Hipertexto e linguagem multimodal e multissemiótica
Metodologia	Para iniciar o minicurso, será apresentado, em slides, o resultado da pesquisa exploratória e as temáticas a serem discutidas nos encontros. Após a apresentação dessas informações, junto com os cocriadores da pesquisa, serão revisadas as temáticas que

emergiram da pesquisa para, por uma construção colaborativa, organizar o desenvolvimento dos próximos encontros.

No minicurso 01, a discussão sobre a temática **Concepções e práticas de leitura pelas infovias digitais** será realizada, inicialmente, através da canção **Pela Internet**, do cantor Gilberto Gil. A partir da escuta da música e da leitura da letra, a pesquisadora abrirá um debate com os discentes sobre as possibilidades de ampliação do conhecimento e da proposição de práticas de leitura de diversos artefatos da cultura letrada, principalmente os mediados pelas TDIC.

Em seguida, após as considerações e as interações dos participantes da pesquisa, a pesquisadora convidará os alunos para que destaquem, utilizando uma palavra ou uma expressão-chave, como compreendeu a discussão tecida a partir da música e dos contextos de produção de leitura em meios digitais desses sujeitos. Para a realização dessa etapa, será utilizado o site MENTIMETER, disponível em <https://www.mentimeter.com/>, plataforma on-line, que permitirá a interação do grupo. Os termos apresentados devem ser justificados pelos alunos de forma oral para, assim, ampliarmos a discussões sobre a temática.

Dialogando com as justificativas apresentadas pelos alunos, serão introduzidas concepções de leitura, importância dessa prática e a diversidade de portadores dos textos. Durante esse momento interlocutivo, serão destacadas potencialidades da leitura do impresso e, principalmente, da leitura em meios digitais, bem como os tipos de leitores produzidos por essas leituras.

Sendo a leitura em meios digitais a principal ênfase no primeiro encontro, as redes sociais representarão a materialidade textual para práticas de leitura dos alunos. Para isso, será exibido o vídeo **A ética na Internet**, que aborda sobre a questão da necessidade de uma postura ética em relação às mensagens veiculadas nessas redes, o que implica processos críticos de leitura e de interpretação. Motivados pelas narrativas oportunizadas pelo filme, a

	pesquisadora problematizará a temática, a partir dos seguintes questionamentos, que poderão ser reestruturados, a depender da dinâmica do grupo: • Quanto tempo você costumam navegar nas redes sociais? • Quais conteúdos você gosta mais de acessar? • Quais tipos de textos veiculados nas redes sociais você tem mais familiaridade? • Que importância você atribui à leitura de textos nas redes sociais? • Essas leituras contribuem para as aprendizagens escolares? • Como relacionar leitura, ética e redes sociais? Para finalizar o primeiro encontro, os alunos serão motivados a representarem suas aprendizagens e considerações no chat, a partir da resposta as seguintes indagações: • O que é leitura para mim? • Por quais portadores textuais (impressos e digitais) costumo ler?
Recursos	Plataforma Google Meet, slides, computador, celular, textos e vídeos.

Fonte: Construção da própria pesquisadora

No decorrer do primeiro minicurso, a pesquisadora instigou os discentes a participarem de maneira ativa da explanação da proposta desta pesquisa. Durante todo o processo de explicação, a pesquisadora preocupou-se em procurar saber a compreensão dos estudantes sobre o processo de apresentação da temática central desta pesquisa. Durante toda a roda de conversa, a pesquisadora instigava os partícipes a responderem se estavam compreendendo a explanação do conteúdo que foi realizada através de apresentação de alguns slides e quais sentidos atribuíam às leituras realizadas.

Figura 17: Slide do Minicurso 1



Fonte: Produção da pesquisadora.

No encontro, foi ratificada a importância da participação dos estudantes em todas as etapas da pesquisa, mas de forma ativa e reflexiva. Entretanto, nessa ação inicial, tivemos a participação ainda tímida de alguns alunos, o que levou a pesquisadora a, todo instante, incentivá-los e mobilizá-los a apresentar suas impressões sobre as temáticas discutidas. Durante a realização do primeiro encontro, foram superados alguns desafios, tais como a não familiaridade de alguns alunos com o G-Meet e, por isso, apresentar dificuldade para entrar na chamada de videoconferência; a conexão instável de outros participantes, dificultando que ficassem durante muito tempo na sala virtual, entre outros acontecimentos. Para sanar essas dificuldades, explicamos, via WhatsApp, como acessar a plataforma de videoconferência, anteriormente à reunião. Também, a todo momento que uma conexão era interrompida, ao aluno retornar para a chamada, fazíamos uma retrospectiva dos assuntos discutidos para que todos compreendessem as discussões realizadas naquela comunidade virtual.

Os relatos apresentados demonstram o quão desafiador é o contexto da aula durante o ensino remoto emergencial, iniciado no Colégio desde março de 2021. Os docentes, em muitos momentos do trabalho pedagógico, lidam cotidianamente com as distintas realidades de vida dos estudantes. São situações que, muitas vezes, podem tornar-se entraves para a fluidez do processo de ensino e de aprendizagem no ensino público, caso o docente não contribua para amenizar essas ocorrências. Ficou evidente, então, a necessidade de oportunizar outras/novas estratégias de ensino na cibercultura, que motivem os estudantes a serem protagonistas da construção de novos saberes e, ao mesmo tempo, tornam-se autônomos em relação às interfaces digitais. Portanto, as adversidades encontradas no percurso educativo, mais especificamente durante a realização dos minicursos, nesta pesquisa, foram discutidas com os alunos para que não se tornassem obstáculos para a construção de uma educação

pautada em pilares que promovam a autonomia e a emancipação crítica e reflexiva desses estudantes, nas esferas virtuais.

Com o intuito de construir profícuas discussões sobre a temática do primeiro minicurso, a pesquisadora ressaltou a importância de os estudantes perceberem as múltiplas formas de práticas de leitura existentes na esfera digital. A partir dessa provocação, deu-se início ao estudo sobre a concepção de cibercultura e características que fazem parte desse espaço-tempo.

Após as análises sobre a cibercultura com os alunos, a exemplificação de ações que são realizadas por todos eles nas esferas digitais, tais como utilização de redes sociais, caixas eletrônicos de bancos, aplicativos de mensagem, repositórios e buscadores de conteúdos etc., e a interpretação da música *Pela Internet*, de Gilberto Gil, os estudantes expuseram, através de suas falas, percepções sobre as práticas de leitura possíveis de serem realizadas no/pelo ciberespaço.

Tal compreensão desse espaço fluido, híbrido, de liquidez textual fica evidente na fala da discente #S, quando expõe:

A gente viu assim, professora Novack. Que como a senhora disse de criar uma página no Instagram ou no Facebook para discutirmos o assunto, aqui no texto fala de fazer uma *homepage*, de criar um website, né? Então, assim, a gente ver a importância da internet para conscientizar as pessoas de certos assuntos hoje em dia.

Os outros discentes concordaram com a perspectiva apresentada por #S e, tal como #V, percebem a importância da realização de práticas de leitura e do contato com textos da esfera digital para a ampliação de conhecimentos, além de ser uma forma de sociabilidade. Ao ouvir o colega #S, apenas acrescentou: “Falou tudo”. Nesse sentido, dialoga-se com Gómez (2015) quando apresenta a urgência de a escola, como agência formal de ensino e de aprendizagem, inserir em seu planejamento o trabalho que reflita as potencialidades existentes na cultura digital, principalmente as que são relacionadas aos textos.

Sobre isso, entende-se que “a fronteira entre o escolar e o não escolar já não é definida pelos limites do espaço e do tempo da escola” (GÓMEZ, 2015, p. 29). Isso provoca o educador a pensar em uma educação mais contextualizada, com práticas de leituras situadas em relação à cultura dos jovens ou com diálogo próximos aos artefatos culturais que eles conhecem e utilizam. Em suas participações pelo ciberespaço, alguns estudantes, mesmo que de forma bem relutante, inicialmente, tornam-se protagonistas do processo de reflexão sobre as possibilidades de diálogo com textos de diversas formas na cibercultura. E, assim, os partícipes, mediados pelas TDIC, utilizaram essa esfera comunicacional – G-Meet – para explorar “certas vivências que se evidenciam por meio do “estreito” desfiladeiro da linguagem” (BARDIN, 2016, p. 94).

Ainda, no primeiro encontro, discutiu-se a concepção de hipertexto, tendo como elemento motivador a música de Gil. Partiu-se do pensamento de Lévy (2008), que salienta a ideia de hipertexto como sendo a representação da própria constituição da mente humana, que funciona por meio de associações e conduz por diversas trajetórias nas redes. Diante de tal afirmação, pode-se inferir que esse imbricamento de hipertextos pelas interfaces tecnológicas potencializa a construção de textos multimodais e multissemióticos que, certamente, instiga os discentes a um movimento de construção e de produção de texto, de forma colaborativa uns com os outros, além de hibridizado por meios da linguagem.

A questão da produção colaborativa consitui-se em um dos ganhos das práticas hipertextuais que, segundo Shirky (2011), amplia a cultura da participação. Essa participação, como apresenta o autor, concede possibilidade de criar outras culturas de compartilhamento, mais altruístas e participativas, estruturadas a partir de debates, o que se torna uma das possibilidades do trabalho com as TDIC na esfera escolar. Os próprios discentes reconhecem que a cibercultura representa um espaço participativo e em constante construção, como apresentado pela estudante # J: “Pró, eu acho que é saber a opinião de cada um, né? Porque o debate é para isso”.

Ainda sobre a cultura da participação na cibercultura, que nos leva a pensar em outros padrões éticos e estéticos, a discente #V pontuou:

Eu acho que a leitura é ética quando ela não precisa ofender a outra pessoa. Tipo, eu tenho uma opinião formada, e vou lá e posto um texto sobre a minha opinião, mas sem agredir, sem expor a imagem da outra pessoa, porque eu fazendo isso eu vou gerar comentários ruins. Porque a pessoa acaba postando, mas ela também tem que saber que vai ter pessoas que não vão concordar com aquilo. Então, tendo ética, né?

Ampliando as considerações de participação na cibercultura, a perspectiva ética de participação foi acionada por quase todos os discentes. Nesse sentido, # R, ampliando a fala de #V, acrescenta: “Temos que nos atentar também aos detalhes que, muitas vezes, colocamos uma palavra ou uma frase que para a gente não é nada demais, mas para as outras pessoas podem machucar e até mesmo discordar de uma forma que ofenda”.

As reflexões embasadas na interpretação feita pelos estudantes, tendo como texto motivador a música Pela Internet, potencializaram discussões pertinentes, no tocante à necessidade de os internautas refletirem sobre a ética ao realizarem suas participações na cibercultura, dentre elas a cultura do compartilhamento de conteúdos em redes sociais. Sobre tal assunto, o estudante #S, voltando a mencionar a música motivadora para as interlocuções, diz:

Retomando aquela parte que a senhora falou das pessoas que usam a internet de má índole que aparece assim “o chefe, um hacker mafioso acaba de soltar o vírus para atacar

programas no Japão” mostra como as pessoas hoje tentam denegrir a imagem de outro, não somente como aqui falou, de um país, mas pessoal, para se sentir bem com Deus sabe o quê”.

A partir da perspectiva do discente #S, infere-se que o tema ética na internet ainda é uma das grandes temáticas a serem discutidas no âmbito escolar, a partir da problematização da disseminação de *fake news* -- falsas informações compartilhadas pelos usuários da rede --, assim como de *deepfake* -- divulgação de vídeos com montagem de voz e de áudio, que não são reais. Portanto, faz-se necessário uma ampla discussão sobre tal abordagem para que os sujeitos sejam críticos e reflexivos nas práticas discursivas veiculadas na esfera digital.

Ao partir das interlocuções proferidas pelo discente #S, evidenciou-se que se faz necessário um amplo debate sobre as questões relacionadas à ética na internet, pois vive-se em um tempo/espço em que as barreiras geográficas eram desterritorializadas. Dessa maneira, as informações tornaram-se fluidas e cambiantes e, assim, ampliam-se os espaços de divulgação na internet. Portanto, urge a necessidade de a escola, como uma das agências formadoras de práticas leituras, trabalhar com práticas textuais que se pautem em diversas linguagens, que contribuam para a reflexão crítica dos alunos.

A pesquisadora adentrou na explicação das práticas de leitura multimodais e multissemióticas explícitas na letra da canção; discutiu-se, também, sobre as palavras de denotação tecnológicas relatadas na letra da música, tais como: *gigabytes*, *homepages*, *site*, *hot link*, internet, rede e vídeo, questionando os discentes sobre as formas de hipertextos que o compositor e cantor Gilberto Gil havia mencionado em seu texto. A partir dessa interrogativa, o discente #R respondeu que a palavra *site* era um hipertexto.

Partiu-se, então, da concepção que ratifica a ideia de que o hipertexto potencializa novas aprendizagens e que, por conseguinte, proporciona práticas de leitura diversas nos espaços agentivos da esfera digital. Ademais, o hipertexto possibilita aos internautas que não só consumam, mas que também sejam construtores dos seus próprios eventos de leitura. Dessa maneira, o hipertexto veiculado na cibercultura tornou-se uma significativa estratégia para que os estudantes pudessem interagir com múltiplas ações discursivas que perpassaram pelas interpretações de múltiplos sentidos das semioses dos textos.

Portanto, é necessário que os docentes atuem por novas estratégias para o trabalho com as práticas de leitura veiculadas através da cultura digital. Tais propostas ressoam no trabalho com as diversas linguagens, que se imbricam de forma hipertextual. Dessa maneira, o desenvolvimento das práticas pedagógicas dialogam com vivências cotidianas dos estudantes. As ações curriculares trabalhadas no contexto escolar podem considerar a multiplicidade de textos multimodais e multissemióticos, que são veiculados cotidianamente. Cope e Kalantzis (2006) abordam a necessidade de os docentes repensarem

suas práticas de ensino para outros *designs* mais significativos, que possibilitem aos discentes o acesso aos formatos de saberes que perpassam pelos meios digitais.

Ainda, sobre as abordagens feitas no primeiro minicurso, houve um determinado momento da roda de conversa em que a pesquisadora discutiu sobre algumas respostas apresentadas pelos estudantes no questionário *on-line* da pesquisa exploratória. A partir desse movimento, conversou-se sobre os efeitos que o distanciamento físico, devido à Covid-19, tem provocado nesses estudantes, além de como se sentem tendo suas vidas organizadas, em muitos momentos, pelos espaços virtuais.

Como forma de ouvir dos estudantes sobre essas questões, já abordadas anteriormente no questionário, foi disponibilizado um espaço para dialogar sobre percepções atuais o período pandêmico. Nesse momento da reflexão, o estudante #S aproveitou a discussão para comentar que tinha mudado de opinião em relação à resposta apresentada anteriormente no questionário sobre esse período pandêmico, mostrando-se, agora, estar menos tranquilo sobre a situação como estava inicialmente, em 2020. A estudante #V respondeu que ainda mantém certa tranquilidade, embora não goste muito da falta de convívio físicos com as pessoas. Além disso, considera que a utilização da internet em grande período de tempo pode levar as pessoas a certa ansiedade, embora também reconheça que o acesso a essa rede oportuniza espaço-tempo comunicativo com amigos, familiares mais distantes etc., além de espaço de construção lúdica:

[...] mesmo com a internet também causando alguma ansiedade por você tá vendo a notícia o tempo todo, aquilo na sua cabeça e você tá achando que nunca vai melhorar aquilo tudo e tal, ela também é um meio de distração, porque você consegue encontrar várias coisas no celular, normalmente. Você consegue encontrar livros, você conversa com as outras pessoas sem ter aquela coisa de ter que ir. Isso se torna mais fácil. Você pode encontrar filmes, séries. Como agora desenvolveram programas para você, aqui como o Google Meet, por exemplo. A gente tá tendo uma conversa com muitas pessoas que, por exemplo, se fosse marcar em algum lugar seria difícil, porque nem todos podem ir, nem todos conseguem ir, poder ir até lá. Isso também é um meio termo porque ao mesmo jeito que ela pode ajudar a piorar a ansiedade de alguém, ela também pode ajudar bastante a melhorar (#V).

Evidenciou-se, a partir da interlocução apresentada pela participante #V, que os estudantes realizam práticas de leitura pela esfera digital com diferentes finalidades. A discente denota o quão variado pode ser o aprendizado, quando os saberes se realizam a partir de formatos múltiplos de conhecimento potencializados pela esfera digital, a partir da multiplicidade de textos, de linguagens e de culturas inerentes à cibercultura.

Durante a roda de conversa, suscitou uma reflexão que se pautou em questionamentos que instigavam quais práticas de leitura os partícipes da pesquisa costumavam realizar em seu cotidiano, principalmente, mediadas pelas TDIC. A partir dessa assertiva, a estudante #Y disse que, geralmente,

tem contato com uma diversidade de textos, a depender do propositivo comunitivo; #S apresentou que a escolha por um texto depende, além da necessidade comunidade, do portador textual que tenha acesso: quando os textos são lidos pelo celular, constunam ser mais curtos, por exemplo. Nesse sentido, os estudantes, a exemplo de #R, afirmam não ter um conteúdo ou estilo de leitura específica para seu cotidiano, lendo de tudo um pouco; #D ratifica que o conteúdo para ser lido, inclusive pela internet, “Depende muito do que a gente for fazer. Por exemplo, essa época do ENEM que se aproximando, a gente estuda, dependendo do dia, do cronograma de cada um. Tem alguns momentos para distrair a mente, a gente assiste, escuta música”.

Outros estudantes estão mais associados à leitura de redes sociais que, com o passar do tempo, tornam-se mais amplas e complexas. A estudante #V apresenta sobre essa questão:

Uma coisa que eu percebi que de uns tempos para cá, a pessoa posta uma foto de um céu ou algo do tipo, embaixo tem um texto, tanto no Instagram quanto no Facebook. Que antes eram só uma frase e tal, mas agora as pessoas são mais envolvidas nisso.

Para #Y, essa complexidade textual que se apresenta, na atualidade, nos textos das redes sociais está diretamente ligada à condição de interpretação dos leitores: “Porque às vezes tem uma frase lá: “permita-se”. Aí às vezes a pessoa não entende o que quer dizer. Aí depois vem e explica”. Também, essa complexidade é resultado das interações contruídas nesse espaço digital, característica inerente ao estar na rede: “[...] a pessoa escreve aquilo que ela achou sobre tal assunto, aí vem outra pessoa e dá outra informação” (#C).

Nesse sentido, o espaço virtual, aqui representado pelas rede sociais, tornou-se para além de local sociocomunicativo, mas ambiente de informação e de ampliação de debates, conforme a percepção de #S:

Muitas vezes, como a gente estava acrescentando anteriormente, a gente tira muitas dúvidas e outras vezes a gente, nos informamos de determinado de assunto que ainda não estamos com a mente aberta para falar, ou muitas vezes não nos sentimos dominando certos assuntos, para ter aquela certeza e convicção que vamos falar corretamente.

A partir dessas discussões, constatou-se que os discentes interagem nas infovias da cibercultura, mas nem sempre com criticidade, embora demonstrem a percepção do papel das redes e das armadilhas que elas podem proporcionar ao leitor, quando se torna ingênuo no ato de ler. Portanto, como leitores ubíquos, que dialogam com diversas interfaces digitais e multiplicidades de linguagem, a todo momento estão construindo conhecimentos uns com os outros. É nesse sentido que Santaella (2013) apresenta que as TDIC instigam as instituições e os espaços formativos a conceberem outros formatos de aprendizagem, que podem se materializar tanto dentro quanto fora do espaço físico escolar.

Ainda sobre a abordagem das escolhas responsivas e éticas das práticas de leitura veiculadas na esfera digital, a estudante #Y destaca um dos papéis do leitor ubíquo: fazer a curadoria das informações que são disponibilizadas pelos espaços virtuais, principalmente, nesse contexto de pesquisa, em relação a redes sociais. A curadoria digital implica escolhas, seleção de conteúdo/informação, validação, checagem, organização e apresentação de dados, envolvendo processos mais apurados de filtragem dessas informações (BRASIL, 2018).

Esse processo de curadoria é avaliado pelos alunos como necessários antes de compartilhar textos dessas redes. Sobre isso, a estudante #V apresentou:

É, a gente tem que observar bastante os textos porque teve uma publicação mesmo, assim uma mulher postou uma foto, só que eu não li o texto dela, aí o texto era sobre algo ruim, entendeu? Algo que criticava uma pessoa. Às vezes a pessoa acaba só curtindo assim passando e nem percebe. Aí eu primeiro eu leio o que tá escrito para depois eu ver se é aquilo ou não que eu quero curtir.

Também, a partir das considerações da discente #Y, é possível perceber a importância que é apresentada por ela ao processo de filtragem de postagens, antes de serem compartilhadas: “É. Às vezes tem um texto tão bom, aí do nada uma pessoa coloca um palavrão, aí a gente fala: “não, não vou compartilhar, não”. O processo de verificação, filtragem e validação de mensagens para o compartilhamento é considerado como uma importante ação do leitor que, ao realizar esses procedimentos frente à leitura virtual, demonstra certa autonomia e criticidade no ato de ler.

Por conseguinte, os textos multimodais e multissemióticos contribuem à competência leitora desses alunos, ampliando, de certo modo, a criticidade desses leitores. Como protagonistas do processo de construção de novos conhecimentos, os sujeitos da pesquisa demonstraram compreender a função social das práticas de leitura cotidiana nos espaços digitais.

Esses discentes analisaram eventos de leitura veiculados à esfera digital, posicionando-se a partir dos questionamentos sobre validação das informações nas redes sociais, importância do ato de ler, compressão da leitura hipertextual, fatores que contribuem para a formação do hiperleitor. Ademais, foram instigados a analisar os processos significativos que são inerentes aos textos multimodais e multissemióticos, tais como movimento, hibridismo, transmutação etc. Portanto, a partir das interlocuções apresentadas, percebeu-se que os partícipes compreenderam o papel da escola na ampliação do caráter desse leitor crítico e autônomo, tão necessário na cibercultura.

6.2.2 Minicurso 2

O segundo minicurso foi realizado no dia 23 de novembro de 2020 e teve como temática a discussão sobre **Acervos Patrimoniais como Potencializadores de saberes nos Espaços Digitais**.

Nesse encontro virtual, teve-se a presença da professora da UNEB, campus Conceição do Coité, Dr^a Cleidiana Ramos, que, através da roda de conversa, discutiu com os alunos presentes ao encontro questões pertinentes ao uso consciente das TDIC; resgatou memórias significativas sobre sua trajetória de vida; elucidou fontes teóricas referentes ao estudo dos patrimônios e da memória; fez uma profícua abordagem histórica, cultural e social do uso dos aparatos tecnológicos e das mídias impressas e digitais ao longo da história. O planejamento didático que subsidiou esse encontro encontra-se no quadro 6.

Quadro 6: Planejamento para a realização do segundo minicurso

MINICURSO 02 - ACERVOS PATRIMONIAIS COMO POTENCIALIZADORES DE SABERES NOS ESPAÇOS DIGITAIS	
Objetivos	• Discutir sobre os temas memória e patrimônio no contexto das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. • Compreender a importância da valorização do patrimônio como fonte de memória cultural de uma sociedade. • Pesquisar sobre manifestações culturais e patrimoniais que fazem parte da cidade de Conceição do Coité.
Conteúdos	1. Estudo sobre a concepção de patrimônio cultural. 2. Acervos digitais como fonte de preservação da memória e de construção de conhecimento.
Metodologia	• O encontro virtual terá como convidada a professora Dr^a Cleidiana Ramos para ampliar o debate sobre as questões que versam sobre a temática do minicurso. • Orientar os alunos para que pesquisem manifestações culturais e patrimoniais presentes na cidade de Conceição do Coité, a partir da escuta da comunidade, mediada pelas TDIC, como também através de buscadores na Internet.
Recursos	Plataforma Google Meet, slides, computador, celular.

Fonte: Construção da própria pesquisadora

A professora doutora Cleidiana Ramos explanou sobre o tema das mídias digitais na contemporaneidade e trouxe à tona assertivas que nortearam uma significativa discussão sobre as plataformas das redes sociais Facebook, Instagram e Twitter. Também, explanação sobre o contexto

histórico do surgimento de aplicativos digitais, como WhatsApp, Tik Tok, Telegram, bem como sobre a mídia de áudio Podcast.

Durante a discussão, importantes questões foram debatidas, dentre elas a perspectiva mercadológica atribuída a diversas interfaces das TDIC, o que deve despertar no leitor uma atitude mais crítica e problematizadora sobre esses artefatos e das informações que são veiculadas por meio deles. Nesse sentido, destaca-se que, para a formação do hiperleitor, espera-se a superação de uma leitura e/ou abordagem instrumental dessas mídias, com vistas à atitude de emancipação de seus utilizadores, tanto em relação ao conhecimento das possibilidades das TDIC quanto ao entendimento de seus textos, levando em conta elementos significativos que por eles são apresentados.

Entende-se que o hipertexto “[...] situa a produção de significação sempre em termos do pertencimento sócio-histórico dos produtores de significação” (MENEZES DE SOUZA, 2011, p. 137). Nesse sentido, a construção de sentido no processo de leitura leva em conta não apenas o texto em si e seus elementos linguísticos e semióticos; mas, também, o contexto que está atrelado ao texto, à situacionalidade de produção, aos sujeitos envolvidos na enunciação etc. Aproximar o(s) contexto(s) aos textos, também na esfera digital, pode ser um processo de curadoria do hipertexto, conectando-o ao hiperleitor.

Quando esse processo não é realizado, há um esvaziamento de compreensão textual, o que pode afastar o hiperleitor do processo de navegação. A fala da estudante #V apresenta um momento de indagação que aprofunda a reflexão aqui levantada: “A senhora falou, aí eu lembrei um negócio no Twitter que eu vi assim, alguém comentando, aí eu fiquei: a mídia ninja tem um perfil no Twitter?”. Ao se indagar sobre a mídia ninja -- categoria conhecida por aquela roda de conversa --, a estudante não atribui sentido ao fato de essa mídia (ninja) ter um perfil no Twitter, tendo em vista que, para ela, os perfis são elementos de identidade. Entretanto, conhecer a ideia de mídia ninja despertou na participante a necessidade de estabelecer sentido com o contexto de situação desse tipo de utilizador da rede.

Ao analisar as interlocuções dos discentes no momento de formação do minicurso, percebeu-se que ocorreu, naquela roda de conversa, mediada pela professora doutora Cleidiana Ramos, um interesse coletivo dos estudantes em interagir sobre as suas trajetórias nos espaços digitais, com ênfase em suas práticas de hiperler. Tal afirmativa foi constada a partir das perguntas que os partícipes fizeram à docente, que tinha como enfoque conhecer de forma mais profunda a concepção de redes sociais, aplicativos de transmissão de mensagens, mídias digitais e impressas, a partir do diálogo com a múltiplas linguagens veiculadas nessa esfera digital.

Dessa maneira, estabeleceram-se significativas aprendizagens, de forma colaborativa e tecnologicamente mediada, provocando para que a pesquisadora, também professora do CEPOPP,

compreendesse a urgência de ampliação de práticas de leitura de textos que fazem parte da esfera digital nas atividades escolares como ação pedagógica cotidiana para a formação do hiperleitor. Isso porque o acesso à informação tornou-se desterritorializado; pode-se ampliar do local para o global, em um movimento simbiótico.

Assim, tendo como base os estudos Lévy (2008, p. 40), ratificamos que:

Quanto mais ativamente uma pessoa participar da aquisição de um conhecimento, mais ela irá integrar e reter aquilo que aprende. Ora, a multimídia interativa, graças à sua dimensão reticular ou não linear, favorece uma atitude exploratória, ou mesmo lúdica, face ao material a ser assimilado.

No minicurso, a professora Cleidiana Ramos rememorou histórias muito significativas da profissão de jornalista e do contexto profissional do Jornal A TARDE, mídia que dialoga tanto com textos da esfera do impresso quanto da esfera digital. Sobre a mídia impressa, a professora resgatou a história da criação do jornal. Explanou o percurso histórico desse meio de comunicação tão importante para a divulgação das notícias nacionais e internacionais, evidenciando a trajetória e a necessidade, naquele contexto, de consideração de atos de leitura impressos.

No tocante às mídias digitais, a professora explicou sobre mudanças na concepção da transmissão das informações, a partir da chegada do computador, do rádio, da televisão e do cinema no Brasil. Essas abordagens proporcionaram reflexões sobre a veiculação de conteúdos na cibercultura e das modalidades das culturas textuais como elementos de convivência. Exemplificando essa discussão, apresentam-se as indagações do estudante #S durante a roda de conversa:

A senhora acha que as mídias digitais vão tomar o lugar das impressas? Porque a gente vê muito, como a senhora diz, né, a linha cronológica, o rádio, a impressão, o jornal e tal, a televisão e hoje às tecnologias digitais. A senhora acha que eles vão tomar o lugar um do outro?

A discussão sobre as potencialidades das mídias impressas e das mídias digitais possibilitou a percepção do contexto multitela em que esses estudante estão inseridos. Tal contexto perpassa pelas andarilhagens da cultura do impresso e da cultura do digital, que não se anulam em seus movimentos textuais; mas se constituem em elementos complementares, em contínuos de leitura. Isso oportunizou o que Santaella (2004) apresenta como convergência de mídias: interligação entre elementos estáticos, da mídia impressa, com elementos dinâmicos, da mídia digital visualizados em redes sociais.

Outro tema relevante discutido durante a roda de conversa foi a respeito do entendimento da concepção de patrimônios, associando-o à memória. A professora convidada contextualizou o tema, dando exemplos de alguns patrimônios do território do Sisal. Ainda sobre a discussão dos patrimônios locais, o debate foi pautado em conceitos que perpassaram pela história de vida do vaqueiro, das

procissões religiosas realizadas pela Igreja da Matriz, dos costumes e das tradições que caracterizam o povo da região Nordeste. Enfim, foram apresentadas algumas narrativas que trouxeram memórias importantes do povo nordestino. Nesse momento da explanação, a professora explicou a importância da fotografia para o registro das memórias..

No decorrer da roda de conversa do segundo minicurso, a professora traçou uma linha cronológica sobre acontecimentos e resgatou fatos importantes que, ao longo da história, marcaram/marcam o uso das TDIC no cotidiano das pessoas. Para aproximar a discussão dos alunos, apresentou exemplos práticos e cotidianos do uso das tecnologias no dia a dia das pessoas, perpassando por transações financeiras, atividades do trabalho e de entretenimento, como também pelas relações pessoais.

A partir de todas essas discussões, o segundo minicurso caracterizou-se como um momento de muito aprendizado para os partícipes da pesquisa tanto pela diversidade temática quanto pela apresentação de acontecimentos que podem fazer parte da realidade dos alunos, tais como os perigos do mau uso da internet; a necessidade de postura ética e responsável ao hiperler por essas redes; a questão das *Fake News*; a atuação de hackers e de crackers etc.

Para Santos (2009, p. 63), a comunicação *on-line* contribui para o “[...] conjunto de ações de ensino-aprendizagem ou atos de currículo mediados por interfaces digitais que potencializam práticas comunicacionais interativas e hipertextuais”. Assim, partiu-se da concepção de que a cibercultura é um fenômeno que potencializa saberes diversos, através das interlocuções proferidas pelos discentes na roda de conversa; percebeu-se que a interação construída no referido momento de aprendizagens múltiplas mediado na modalidade *on-line* potencializou profícuas discussões, que enriqueceram o processo de ensino e de aprendizagem sobre leitura, patrimônio, esfera digital, ratificando as TDIC como meios potencializadores para a multiplicidade de ações educativas.

6.2.3 Minicurso 3

O terceiro minicurso foi realizado no dia 07 de dezembro de 2020. Tal minicurso versou sobre o tema **Museu Virtual: espaço de interação e de linguagens múltiplas**. Inicialmente, para a reflexão sobre a temática, a pesquisadora apresentou sobre a importância dos museus como espaço patrimonial da humanidade, entendendo esse ambiente como *locus* para práticas de leitura multimodais e multissemióticas. O planejamento didático que norteou o encontro está apresentado no quadro 7.

Quadro 7: Planejamento para a realização do terceiro minicurso

MINICURSO 03 - MUSEU VIRTUAL: ESPAÇO DE INTERAÇÃO E DE MÚLTIPLAS LINGUAGENS	
Objetivos	• Discutir sobre o tema Museu Virtual como um espaço de interação e construção de saberes a partir da múltiplas linguagens textuais veiculadas nas infovias da cibercultura. • Entender o museu virtual de Língua Portuguesa como um espaço de hiperleitura de textos multimodais e multissemióticos. • Oportunizar aos discentes uma visita ao site do Museu Virtual de Língua Portuguesa (MVLP).
Conteúdos	• Estudo sobre o museu virtual como um espaço de construção de hiperleitores. • Ambientes virtuais como meio eficaz na disseminação de práticas de leituras hipertextuais.
Metodologia	• No encontro virtual, a pesquisadora apresentará slides com informações que devem ampliar o debate sobre as questões que versam sobre a temática do minicurso. • Orientar os alunos na visita ao site do museu virtual de Língua Portuguesa (MVLP) para que interajam com as práticas discursivas e linguísticas existentes nesse espaço virtual.
Recursos	• Plataforma Google Meet, slides, computador, celular.

Fonte: Construção da própria pesquisadora

Como elemento catalizador da temática, foi escolhido o Museu Virtual de Língua Portuguesa (MVLP) como espaço-tempo de hiperleitura. A temática do terceiro minicurso oportunizou uma importante interação, visto que a pesquisa exploratória deste trabalho constatou que apenas um participante tinha navegado por um museu virtual, anteriormente. Dessa maneira, a visita ao MVLP foi imprescindível para que os estudantes interagissem com as múltiplas aprendizagens potencializadas por esse espaço da cibercultura, além de estabelecer diálogo com a diversidade de hipertextos.

A visita ao museu virtual de Língua Portuguesa oportunizou aos estudantes uma ampla percepção das múltiplas linguagens. Foi através da itinerância no museu virtual que os discentes tiveram a oportunidade de interagir com eventos textuais que potencializaram o ato da hiperleitura, ao interagirem com linguagens que perpassaram por diferentes semioses, a exemplo de telas de renomados artistas, a

história de criação do museu virtual de Língua Portuguesa, algumas curiosidades relacionada aos fatos históricos, espaços que contavam sobre obras literárias, vídeos com conteúdos importantes sobre a língua portuguesa; percorreram espaços em formato 3D; interagiram motando quebra-cabeça, simularam mergulhar em um naufrágio etc.

Os estudantes adentraram em ambientes que potencializaram aos internautas a percepção da materialização de práticas textuais multimodais e multissemióticas. Ancorando-se na concepção de Coscarelli (2016), que aborda sobre estratégias de leitura em ambientes *on-line*, provocou-se durante a trajetória virtual dos alunos a seguinte reflexão: navegar requer dos leitores algumas habilidades diferentes daquelas exigidas na leitura do impresso, pois, dessa maneira, as informações serão devidamente acessadas. Tal competência, a que chamamos navegação, é provavelmente responsável por grande parte das diferenças que encontramos na pesquisa da leitura do impresso em comparação com a leitura *on-line*.

Durante o minicurso, a pesquisadora abordou conteúdos que se embasaram em discussões que referenciaram conceitos inerentes ao hipertexto e aos eventos de leitura híbridas tão naturais na cibercultura. Por conseguinte, foram discutidas as possibilidades de novos saberes potencializados pelo MVLP, a partir do conhecimento das semelhanças e das diferenças em relação ao museu físico, embora se reconheça a ideia de contínuos de significação entre essas duas interfaces.

Após esse diálogo, o discente #S apresentou uma percepção sobre essas duas formas de fomento à leitura, que se estrutura, também, pela multissemiótica e pela multimodalidade:

Eu entendi que o museu virtual é como se fosse um complemento ao museu físico assim, como a senhora disse, tem uma grande, uma maior diversidade de texto. No museu físico, vamos botar assim, não no brasileiro, no Museu do Louvre, tá lá a Monalisa, só vai falar o tamanho do quadro, em que ano foi pintado, quem pintou, e no museu virtual não, tem mais amplitude de informações, pode saber que técnica usou, como tem as teorias, que foi pintada sobre outro quadro, que tem outra pintura por baixo, se tem uma mensagem que Leonardo da Vinci deixou, ninguém sabe.

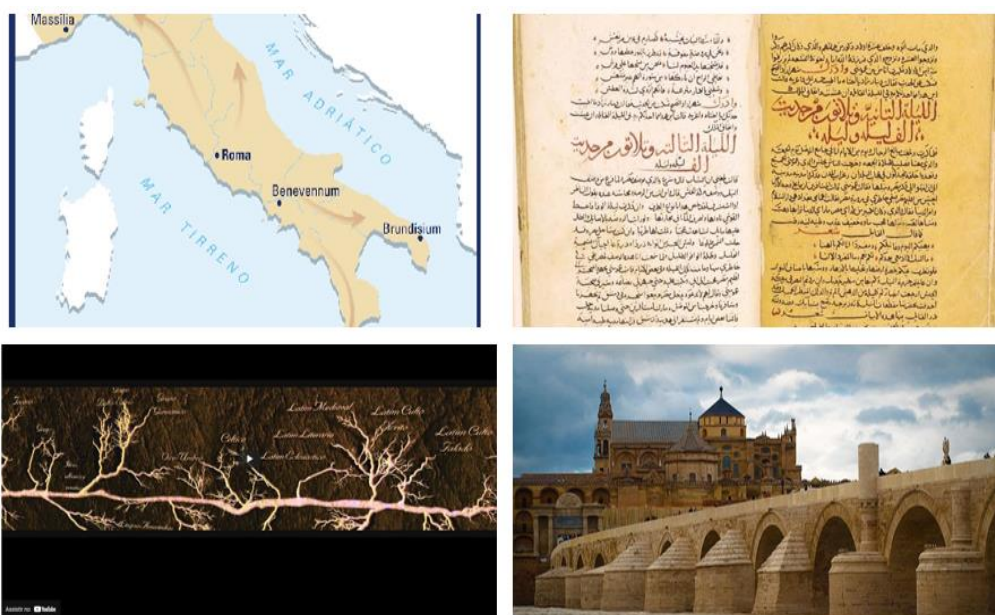
Compreendo que o leitor mobiliza diferentes habilidades de leitura para a interação com o acervo desses espaços, o estudante #S ratifica a importância de construção de perfis leitores, que possam intercambiar-se a depender dos espaços de ocupação de leitura. Assim, na esfera virtual, o hiperleitor do MVLP mobiliza importantes aspectos em seus processos de leitura. Esses, por sua vez, “[...] ocorrem em meio a um emaranhado de caminhos possíveis, marcados pela transitoriedade, pela imaterialidade, pela intertextualidade infinita” (ALMEIDA; ANECLETO, 2020).

A hiperleitura, oportunizada nesta pesquisa pelo MVLP, então, apresenta-se como “[...] uma atividade nômade de perambulação de um lado para o outro, juntando fragmentos que vão se unindo mediante uma lógica associativa e de mapa cognitivos personalizados e intransferíveis” (SANTAELLA,

2004, p. 175). Dessa forma, ao acessar a página do museu para a navegação, cada leitor pode escolher trafegar por seu roteiro de leitura, por suas conexões hipertextuais, a partir de interesses e perspectivas em relação ao conteúdo.

O estabelecimento da rota de leitura, por meio dos hipertextos, foi realizado de forma pessoal, mesmo que algumas rotas tivessem a mesma trajetória. Assim, alguns estudantes rolaram a página inicial até o fim, percorrendo uma leitura mais linear, embora com quebras nessa certa linearidade ao deparar-se com vídeos, mapas, fotografias, pinturas, esculturas, capas de livros etc. que, por serem materializados textualmente de forma diversificada, exigem outras formas de leitura, tais como apresentadas na figura 18.

Figura 18: Diversidade de modalidades textuais disponíveis na página inicial do MVLP



Fonte: MVLP. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/exhibit/uma-viagem-pela-l%C3%ADngua-portuguesa/AQDfjY4m>. Acessado em: 31 maio 2021.

Outros estudantes, ao invés de seguirem a rolagem da página principal, organizaram outros modos de leitura, a partir do trânsito no menu inicial, na parte superior dessa página. Nessa construção hipertextual, clicaram na seção página inicial e tiveram contato com quadros de diversos artistas internacionais. Nem bem examinaram todo o acervo, já migraram para outra seção, a exemplo de explorar e interagiram com as atividades lúdicas, dentre elas o quebra-cabeça, interrompendo, em seguida a navegação.

Figura 19: Diversidade de atividades nas rotas de navegação



Fonte: MVLP. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/exhibit/uma-viagem-pela-l%C3%ADngua-portuguesa/AQDfjY4m>. Acessado em: 31 maio 2021.

Na mediação realizada pela pesquisadora na roda de conversa do terceiro minicurso, foi retomada a discussão sobre o conceito de hipertexto, conteúdo discutido no primeiro minicurso. A pesquisadora revisou características do hipertexto que oportunizam a hiperleitura, sendo essa uma atividade natural nos espaços virtuais. Dessa forma, permite aos sujeitos perparssarem por eventos de leitura que adentram tanto pela cultura do impresso, como também pela cultura digital, de forma multilinear.

Sobre a ação de interagir com as potencialidades do hipertexto, o estudante #S ressaltou um significativo conceito para caracterizá-lo e, assim, organizar sua rota de navegação no MVLP: “É um texto com diversas formas de mostrar o assunto que ele quer falar, que quer determinar aquela coisa que ele quer expressar”. Ainda, sobre a concepção de hipertexto, a estudante #J apresenta: “Hipertexto, pelo que eu entendi, é uma apresentação de informações escritas e que leitores tem uma liberdade de expressão”.

A interlocução de #S e de #J sobre hipertexto apresenta que, para além de uma materialidade textual, o hipertexto representa a própria constituição da mente humana, que funciona por meio de associações e permite o caminhar por várias itinerâncias nas redes (LÉVY, 2008). Nesse imbricamento de hipertextos pelas interfaces tecnológicas, constroem-se textos multimodais e multissemióticos. Dessa maneira, os estudantes produzem novos saberes a partir da relação homem-máquina (LÉVY, 2008) e participam de maneira ativa do processo de escolha das formas de leitura.

Dessa forma, o hipertexto convida o leitor a hiperler. Sobre tal abordagem, a discente #V apresentou:

Hiperleitura para mim é quando, pelo que a ideia que eu tive aqui, é que o hipertexto vai ser aquele texto que abrange uma... Como é eu posso dizer? Abrange várias culturas, várias opiniões, várias ideias, um monte de coisa. E um hiperleitor é aquele que tá aberto

a todas essas coisas, vai lá, vai ler, vai entender isso, já vai pesquisar outras coisas, já vai entrar nesse hipertexto. Tendo portas para entrar em várias culturas, várias coisas novas que ele vai entender, no decorrer da leitura.

Por meio das interlocuções dos estudantes, constatou-se que para o processo de ensino e de aprendizagem que contemple as especificidades da cibercultura, é oportuno o trabalho na escola com múltiplas práticas textuais das esferas digitais, dentre elas as que fazem parte dos (ciber)acervos, a exemplo do MVLP. Tal abrangência de saberes materializa-se através da ubiquidade movente das TDIC (SANTAELLA, 2013), que potencializam ambientes formativos com a ampliação de outros/novos espaços leitores.

6.2.4 Minicurso 4

Sobre as itinerâncias construídas no processo de intervenção desta pesquisa, faz-se importante ressaltar que o quarto minicurso foi realizado no dia 5 de janeiro de 2021. Esse encontro formativo versou sobre o seguinte tema: **Construção de *fanpage* no espaço da cibercultura**. A roda de conversa do quarto minicurso teve o convidado Rafael Santos Silva, graduando do curso de Gestão da Tecnologia da Informação. O graduando explanou conteúdos que abordam estratégias necessárias para a construção de *fanpage* pela rede social Facebook, a se constituir como produto desta pesquisa. O planejamento didático que subsidiou este encontro foi o apresentado no quadro 8.

Quadro 8: Planejamento para a realização do quarto minicurso

MINICURSO 04 CONSTRUÇÃO DE <i>FANPAGE</i> NO ESPAÇO DA CIBERCULTURA	
Objetivos	• Discutir sobre a construção de <i>fanpage</i> nos espaços da cibercultura. • Compreender que os espaços digitais potencializam novos saberes. • Pesquisar sobre patrimônios culturais do município de Conceição do Coité, que serão apresentados na <i>fanpage</i>.
Conteúdos	1. Estudo sobre a concepção de <i>fanpages</i> na rede social do Facebook 2. <i>Web sites</i> educacionais como fonte de aprendizagens múltiplas.
Metodologia	• O encontro virtual terá como convidado o graduando do curso em Gestão da tecnologia da Informação, Rafael Santos Silva, para ampliar a discussão base.

	• Orientar os alunos para a construção da <i>fanpage</i> nos espaços da TDIC.
Recursos	• Plataforma Google Meet, slides, computador, celular.

Fonte: Construção da própria pesquisadora

Ao início da roda de conversa do quarto minicurso, a pesquisadora explanou novamente a proposta do produto resultado da intervenção desta pesquisa. Tal argumentação já tinha sido proferida no primeiro minicurso, momento em que a pesquisadora explicou sobre as etapas de construção desta pesquisa. Após a referida explanação, a pesquisadora deu prosseguimento ao minicurso e apresentou aos participantes da pesquisa o convidado. Rafael Santos Silva começou a explanação abordando sobre a infraestrutura técnica necessária para a construção da *fanpage*.

Também, abordou conteúdos que potencializaram a reflexão dos alunos sobre aspectos que perpassam pela composição de *sites* educacionais e pelas possibilidades múltiplas de construção de saberes, que são potencializados para a leitura nos espaços de interação das redes sociais do Instagram e do Facebook. Ao relatar sobre tais conteúdos, instigou os participantes da pesquisa a falarem sobre suas percepções sobre as discussões proferidas na roda de conversa. A partir da interlocução feita pelo convidado, o discente #S chegou à seguinte constatação:

Mostra que os *web sites* são formados por muitas pessoas, né? Por quem lê e por quem faz. Porque sem a opinião de quem lê, não sabe como são formadas as dúvidas, como tirar, como melhorar o site.

A partir da interação de #S, compreende-se que a construção de *websites* como fonte de aprendizado na área da Educação traz à tona reflexões no tocante ao processo de produção de hipertextos. Segundo Camargo (2004), tal característica, considerada é imprescindível para que os usuários possam navegar de forma criativa pelo ciberespaço, construindo, assim, novos aprendizados e novos espaços de potencialização de hiperleitura. Constata-se que a criação desses ambientes virtuais precisa se pautar em uma estrutura norteada por uma arquitetura de informação (AI). Sobre essa abordagem, Ramos (2008, p. 1) apresenta:

A Arquitetura de Informação de um website é a forma como o conteúdo desse website é organizado e estruturado, de forma a orientar a navegação do usuário pela página. A arquitetura deve conter uma estrutura bem definida, distinguindo claramente as áreas principais e secundárias, organizando as informações de acordo com a sua importância e hierarquia.

O termo Arquitetura da Informação surgiu na década de 1960. A expressão foi conceituada como “estrutura ou mapa de informação, que permitiu que as pessoas encontrassem seus caminhos pessoais para o conhecimento” (CAMARGO, 2004, p. 7). Para a construção de websites, é importante, também, observar a interface de usuário, tornando-a amigável e intuitiva para que os sujeitos possam, a partir da navegação no ciberespaço, construir trajetórias de leitura. Ao propor a AI da fanpage da rede social Facebook, o qual constitui como produto da intervenção desta pesquisa, pretendeu-se a organização de um espaço matricial, atender à proposta desta pesquisa:

Figura 20: Arquitetura da Informação – *website* matricial



Fonte: <https://m.seara.com/pt/servicos/consultoria-web/arquitetura-de-informacao/>.
Acessado em: 27 jul. 2020.

Dessa forma, na fanpage do Acervo, a arquitetura de informação pautou-se em uma interação que permitiu a abertura de conhecimentos diversos aos seus usuários (VIDOTTI; SANCHES, 2004). Para a construção da fanpage pelos participantes da pesquisa, foram apresentados alguns percursos a serem seguidos, tais como: organização esquemática e estrutura das informações; sistema de rotulagem (representação das informações); sistema de navegação (como os usuários navegam); sistema de pesquisa (como os usuários pesquisam). As fanpages são meios que dinamizam o acesso às mais variadas maneiras de interação textual. As informações, contidas nesses espaços digitais, facilitam o acesso do usuário a práticas de hiperleitura de textos multissemióticos e multimodais, permeados pela navegação dos hiperlinks proporcionados pela variedade de mídias, tais como visual, auditiva, movimento, realidade aumentada etc.

A discussão das etapas da construção da *fanpage* perpassou pela escolha das cores, designs, opções de título para a página, escolha dos patrimônios culturais do município de Conceição do Coité, conforme apresentados no produto desta intervenção. Enfim, foram discutidas ações necessárias para a composição desse espaço hipertextual. Portanto, para a construção do produto desta pesquisa, considerou-se que a cibercultura potencializa aprendizagens que perpassam pelas interações mediadas pelas TDIC.

6.3 (CIBER)ACERVO DO TERRITÓRIO DO SISAL: CONSTRUÇÃO DO FACEBOOK

Pautando-se na proposta de intervenção, que foi realizada a partir dos minicursos e de rodas de conversa, com discentes da 2ª série do Ensino Médio, do Colégio Estadual Professora Olgarina Pitangueira Pinheiro, é que se propôs como produto desta pesquisa a construção de uma *fanpage* na rede social Facebook, disponível para acesso pelo link <https://www.facebook.com/Acervos-patrimoniais-de-Concei%C3%A7%C3%A3o-do-Coit%C3%A9-110027717801842>, com a finalidade de organizar um acervo virtual com artefatos que representam patrimônio cultural e artístico do município de Conceição do Coité. A construção deste produto teve como objetivo potencializar conhecimentos, a partir de uma perspectiva de ensino e de aprendizagem, que se pautou no uso das TDIC e em práticas textuais oriundas desses meios, para a formação do hiperleitor crítico-reflexivo sobre a diversidade de modos textuais e de linguagens presentes na cibercultura.

Para o processo de construção da *fanpage*, os participantes da pesquisa decidiram os acervos patrimoniais a serem veiculados no Facebook do CEPOPP, tais como: Banda Marcial Menino Jesus (BMMJ), Cavalgada da Luluzinha, Igreja da Matriz, Trio Elétrico Marabá, Orquestra Santo Antônio (OSA), Reizado de Cabaceiras e obras artística Baseando-se do artista coiteense, Pepeu Ramos. A escolha desses patrimônios ocorreu devido à representatividade que essas atividades e artefatos possuem para o município. Entretanto, para essa escolha, os participantes da pesquisa, como já tinham vivenciado a edição do projeto EPA, no ano de 2019, não tiveram dificuldade em interpretar esses acervos.

Em se tratando do sistema de rotulagem das informações veiculadas na *fanpage*, resulta-se que os estudantes diversas semioses para representar os conteúdos da *fanpage*. A referida atividade foi mediada pelo convívio Rafael Santo Silva, ainda na realização do quarto encontro. Sobre o último percurso, o sistema de pesquisa, os estudantes, relataram suas itinerâncias nas redes e decidiram que as informações veiculadas na *fanpage* deveriam ser atrativas, motivadoras para a leitura, multimodais e multissemióticas.

Para Maltempi (2000), o uso da Web na área da Educação e de prática educativa se faz pertinente devido às potencialidades de interação, do acesso e de divulgação de conhecimentos que esse meio tecnológico pode proporcionar. No entanto, para que ocorresse o uso consciente de fanpages como ação educativa, levou-se em conta a análise da situação comunicativa em que os alunos estavam envolvidos; ou seja, a oportunidade de emissão de conhecimento sobre patrimônios pertencentes ao município de Conceição do Coité, a partir da divulgação de elementos que representam a identidade desse local.

6.3.1 Patrimônio, virtualidade e hiperleitura

Na página inicial do Facebook do CEPOPP, é possível observar a síntese do produto desta pesquisa. Como já mencionado anteriormente, a construção da *fanpage* foi realizada na roda de conversa do quarto minicurso. Os protagonistas da pesquisa participaram de maneira ativa da construção do produto dessa esfera virtual. Escolheram o título, o logotipo, a arte gráfica, os patrimônios culturais e o *designer* da página do Facebook. Dessa forma, os discentes opinaram sobre toda a estrutura de composição da *fanpage*.

Como forma de promover uma identificação do ambiente com o município *locus*, utilizaram a bandeira de Conceição do Coité, a imagem do sisal e algumas fotografias de patrimônios e manifestações culturais do referido município para comporem a arte da parte inicial da *fanpage*, conforme apresentado na figura 21.

Figura 21: Página inicial da *fanpage*



Fonte: Fanpage Acervos Patrimoniais de Conceição do Coité

A construção do produto foi dinâmica e interativa. Os estudantes foram os atores protagonistas do processo de criação da *fanpage*. Ao escolherem os patrimônios culturais que constam nessa rede, demonstram uma significativa compreensão sobre a importância de elementos patrimoniais para a construção da identidade de uma localidade, assim como para a reverberação das memórias locais que, agora, nas redes digitais, se tornam globais. Nesse sentido, tanto o entendimento da missão do EPA quanto à navegação no MVLP constituíram-se como aportes de inspiração para a organização desse constructo.

Ademais, ao pesquisarem os patrimônios locais e interagirem com suas histórias e modos de representação para os próprios moradores do município, os estudantes aprenderam sobre a identidade da terra (MORIN, 2000). Para Morin (2000), a escola torna-se um espaço importante para ampliar a relação entre homem e sua localidade, erando, assim, um sentimento de pertencimento a sua localidade, levando-os a identificarem-se com sua comunidade. Entretanto, entende-se que o conceito de identificação é plástico; as identificações são concebidas como processo ambíguo, instável e inconcluso das pessoas. Assim, as identificações nada mais são do que processos de reconhecimento e utilização de valores, artefatos e estilo de vida de forma efêmera, ritualizada e provisórias.

Dessa forma, um dos patrimônios que geraram a identificação de alguns estudantes e, por isso, escolhidos por ele foi o da Igreja da Matriz, que fica localizado na rua 8 de dezembro, centro da cidade de Conceição do Coité, conforme apresentado na figura 22

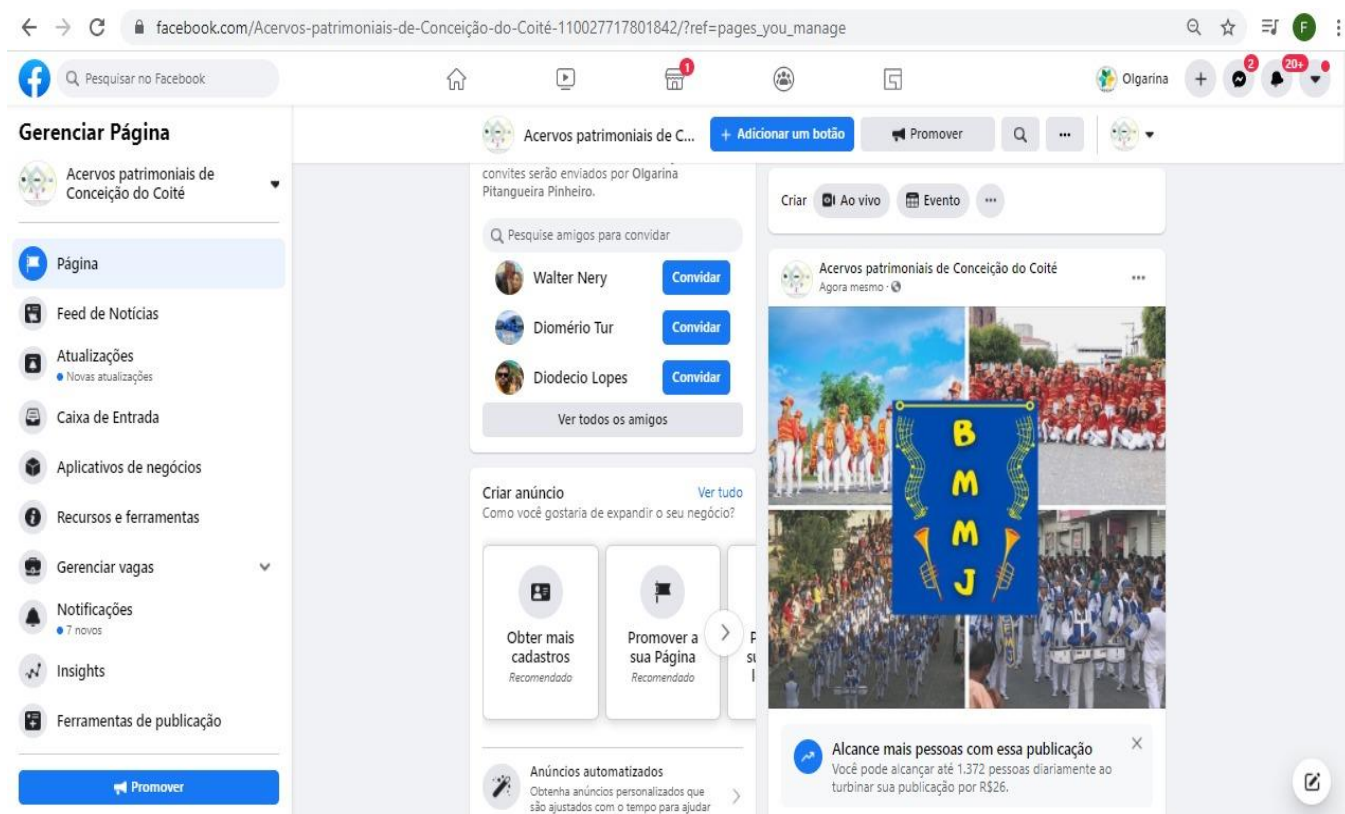
Figura 22: Igreja da Matriz de Conceição do Coité



Fonte: Fanpage Acervos Patrimoniais de Conceição do Coité

Tal patrimônio é de grande relevância para os coiteenses, pois é um local que simboliza a histórias e a realização de celebrações religiosas, como as missas e as procissões que representam a fé de muitos moradores. Outro patrimônio escolhido pelos alunos foi a Banda Marcial Menino Jesus (BMMJ), que referencia uma importante instituição de ensino fundamental, a Escola Menino Jesus, localizada também no centro da cidade. Tal instituição de ensino é reconhecida por manter a tradição dos desfiles cívicos, realizados anualmente no dia 7 de setembro, em comemoração à data da Independência do Brasil, conforme apresentado na figura 23.

Figura 23: Página da *fanpage* com a Banda Marcial Menino Jesus



Fonte: Fanpage Acervos Patrimoniais de Conceição do Coité

O reizado de Cabaceiras e as pinturas contemporâneas do artista Pepeu Ramos, outros patrimônios do município pesquisado pelos alunos, constituem-se em importantes manifestações artísticoculturais de Conceição do Coité. Tais manifestações são apresentadas anualmente na Semana da Cultura, realizada no mês de julho, evento local que reúne celebrações culturais que perpassam por muitas manifestações culturais.

Na *fanpage*, ainda consta o patrimônio cultural do Trio Marabá, uma fonte histórica que rememora as narrativas de foliões das festas populares que marcaram a história do município de Conceição do Coité, a exemplo das antigas micaretas que se realizavam anualmente no mês de abril. Por último, enfatiza-se a Orquestra Santo Antônio (OSA). Essa orquestra tornou-se um marco da cultura do município, pois é conhecida pelas apresentações realizadas no Brasil e, também, em países como o México, Estados Unidos e França. A referida orquestra já se apresentou em alguns conhecidos programas de televisão, a exemplo, do Caldeirão do Huck, exibido pela emissora rede Globo. A OSA promove ações de engajamento social, sendo que o projeto possibilita aos jovens carentes do município de Conceição do Coité adentrarem nas manifestações de representação da arte, através da música.

Porfim, salienta-se que os acervos e as manifestações culturais representadas na *fanpage* são importantes artefatos de aprendizagens, que permeiam a valorização e a conservação dos aspectos histórico-culturais do município de Conceição do Coité. Os patrimônios estudados estão inseridos nos

contextos de vivências dos estudantes, que apresentam práticas discursivas que permeiam as suas manifestações culturais. Com a construção do produto desta pesquisa, constata-se que os espaços da cibercultura proporciona eventos de hiperleitura, pois as práticas de leitura multimodais e multissemióticas enriquecem as ações sociais dos sujeitos. Por conseguinte, estimulam a criatividade e a interação dos estudantes em seus processos de construção de saberes.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação leitora a partir do estudo das práticas de leitura hipertextuais constituiu-se em uma das propostas desta pesquisa. Dessa maneira, faz-se importante enfatizar que a pergunta que embasou este estudo parte da concepção de que, na atualidade, os jovens que estão nas salas de aula das escolas públicas, os nascidos na era digital (PALFERY; GASSER, 2011), são criadores de outros processos de leitura e de escrita que envolvem a materialização de diversas linguagens e culturas textuais. A partir dessa perspectiva, questionou-se: como o trabalho em sala de aula com hipertextos, a partir do Museu Virtual de Língua Portuguesa, contribui para a formação leitora?

Partindo-se da premissa de que a questão central deste trabalho foi respondida, é importante enfatizar que a itinerância no museu virtual permitiu aos discentes perceberem que os hipertextos constituem-se como um importante artefato para a construção de saberes que perpassam pelos variados eventos de leitura. Entretanto, ao integrar essa perspectiva de ubiquidade leitora ao projeto estruturante EPA, também, motivou-se os estudantes a perceberem que a cultural local e global podem ser intercambiadas nos processos de hiperleitura, a partir de práticas pedagógicas que fazem parte da esfera escolar, visando à sua ampliação.

Nesse sentido, esta pesquisa pautou-se em uma problematização teórico-metodológica que visava à implementação de estratégias pedagógicas de práticas de leitura multimodais e multissemióticas que levassem em conta os pertencimentos socioculturais dos discentes do CEPOPP. Buscou-se, então, discutir sobre práticas de linguagens hipertextuais potencializadas nos/pelos espaços da cibercultura, como forma de ampliar concepções críticas e reflexivas de leitura.

Apresenta-se, entretanto, que o processo de construção desta pesquisa perpassou pela flexibilização de planejamento, visto que a pandemia da Covid-19 inviabilizou que este trabalho fosse realizado de forma presencial, como havia sido planejado anteriormente. Isso provocou que a realização dos minicursos ocorresse por um processo de metalinguagem, como uma espécie de tradução da tecnológica pelas TDIC, ampliando os horizontes comunicativo-interativos dos alunos e, ao mesmo tempo, ratificando a importância desses artefatos para as construções textuais das pessoas, tanto no formato síncrono (interação realizada on-line) quanto no assíncrono (interação realizada off-line).

Como objetivo geral, apresentou-se: compreender como o trabalho com a leitura na esfera digital, a partir de hipertextos presentes no Museu Virtual de Língua Portuguesa, pode ampliar a formação de leitores críticos e reflexivos. Durante todo o processo de pesquisa, buscou-se contextualizar os eventos de leitura veiculados na cibercultura com as ações sociais dos estudantes, a partir de uma perspectiva sensível e de valorização do olhar discente.

Levou-se em consideração em todas as etapas de pesquisa tanto o conhecimento prévio que os alunos tinham em relação às TDIC e ao projeto EPA; quanto a limitada conexão desses participantes em

relação à visita ao MVLP. Não obstante, houve momento de sensibilização em relação aos discentes que não possuem tanta facilidade de acesso aos aparatos tecnológicos, muitas vezes devido à falta de conexão banda larga e/ou aos pacotes de dados limitados, conforme ficou evidenciado na análise da pesquisa exploratória. Sobre isso, entende-se ser um dos papéis das instituições de ensino públicas tensionar ações que promovam acessibilidade dos alunos aos meios tecnológicos, conforme preconiza o Plano Nacional de Educação 2014-2024.

A proposta do projeto estruturante EPA nas escolas estaduais da Bahia, constitui-se em uma política pública que tem como intuito promover significativas reflexões no tocante ao estudo dos patrimônios em uma perspectiva local e global. Dessa maneira faz-se necessário que, as instituições de ensino pensem o projeto estruturante EPA, como uma ação que deve estar no planejamento das atividades escolares, constituindo-se não apenas como uma atividade pontual, mas como uma importante estratégia de ensino e aprendizagem que pode ser trabalhada de maneira efetiva no cotidiano escolar, proporcionando maneiras de motivar o protagonismo dos estudantes.

Quanto aos objetivos específicos, atendeu-se às suas especificidades, embora, como já apresentando anteriormente, não foi de fácil o desenvolvimento de uma pesquisa em que alguns participantes não tinham os recursos necessários para a constante presença na comunidade virtual, oportunizada pelo Google Meet. O primeiro objetivo específico -- possibilitar aos discentes interpretarem criticamente textos da esfera digital como meio para a formação de leitores críticos e reflexivos para uma vida cidadã – mesmo com as limitações já apresentadas nesta dissertação, foi, de certa forma, alcançado, visto que todo o itinerário construído ao longo do processo de pesquisa pautou-se em abordagens que reafirmaram a importância de os sujeitos serem autônomos e reflexivos em suas práticas de leitura cotidianas mediadas pelas TDIC.

O segundo objetivo específico versou sobre potencializar o diálogo dos alunos com hipertextos, a partir de uma estética tecnológica presente no museu virtual. Ressalta-se que o referido objetivo foi de suma importância para o processo de construção da pesquisa, pois ratificou a necessidade de os sujeitos interagirem com os diferentes formatos de textos encontrados no espaço digital do MVLP, ampliando práticas o contato desses alunos com artefatos culturais multimodais e multissemióticos. Foi a partir dessa interação que os estudantes da pesquisa puderam refletir sobre as suas próprias itinerâncias discursivas e, também, perceberem que os hipertextos são importantes meios para a construção de novas aprendizagens.

O terceiro objetivo específico pautou-se em discutir sobre a importância das diferentes linguagens para o fortalecimento das experiências leitoras cotidianas e, portanto, das práticas culturais e patrimoniais dos alunos. Foi a partir da reflexão suscitada por esse objetivo que se construiu discussão sobre práticas de leitura na cibercultura e da valorização das diversas modalidades de textos e de linguagens com as quais todos nós dialogamos na atualidade. Tal estudo ampliou a percepção dos

participantes da pesquisa sobre a importância da valorização e da preservação das práticas culturais e patrimoniais do município de Conceição do Coité sem, contudo, distanciar-se dos patrimônios globais.

O quarto e último objetivo específico referenciou sobre a construção do produto da pesquisa, no sentido de produzir com os sujeitos da pesquisa um acervo *on-line* com recursos patrimoniais da cidade de Conceição do Coité. A efetivação da realização desse objetivo deu-se na construção da *fanpage* veiculada no Facebook do Colégio Estadual Professora Olgarina Pitangueira Pinheiro. O produto deste trabalho de pesquisa foi construído pelos participantes da pesquisa com o intuito de divulgar acervos culturais da cidade, visto que tais patrimônios são constituídos através das manifestações socioculturais dos coiteenses.

Destaca-se aqui também que a pesquisa exploratória, realizada através da aplicação do questionário *on-line*, foi imprescindível para a construção do processo de investigação proposto nesta pesquisa, tendo em vista que as perguntas feitas no referido questionário suscitaram significativas repostas, que contribuíram para a organização dos minicursos e para as problematizações realizadas nas rodas de conversa. Essas respostas foram cruciais para que a pesquisadora tivesse a percepção de quais dispositivos eram mais utilizados pelos discentes, mapear a realidade de acesso à internet de cada um, entender como se encontravam, em termos sociais e emocionais, devido ao momento pandêmico, conhecer as principais trajetórias realizadas pelos alunos no ciberespaço. Essa ação se tornou importante para a verificação se a análise das informações estava em consonância com as perspectivas evidenciadas pelos estudantes, durante os minicursos.

Porcurou-se, durante todas as etapas de pesquisa, pautar-se pelo respeito e pela valorização das vivências leitoras dos alunos por diversas ordens discursivas. Assim, para o processo de intervenção, optou-se pela realização de quatro minicursos, que se constituíram como um “divisor de águas” para que a pesquisadora ampliasse o diálogo com os participantes da pesquisa, conhecendo suas potencialidades e limitações, além de proporcionar discussões pertinente sobre as temáticas dos encontros, já apresentadas nesta dissertação.

Nesse sentido, percebeu-se que os partícipes da pesquisa, alunos do 2ª série do Ensino Médio do CEPOPP, são estudantes que usam os espaços da esfera digital. Visualizou-se que esses estudantes são sujeitos críticos e reflexivos em suas escolhas de práticas de leituras veiculadas na cibercultura. Essa constatação foi percebida a partir da análise das informações construídas nas rodas de conversa dos quatro minicursos, quando os discentes, a partir de suas argumentações orais, relataram suas percepções no que se refere ao uso consciente das TDIC em ações sociais. Portanto, inferiu-se que os participantes são sujeitos ativos, que, em muitos momentos, têm acesso à internet, embora nem sempre com internet de boa qualidade, como também ficou perceptível que esses sujeitos interagem de maneira crítica e consciente com as manifestações linguísticas veiculadas nos espaços da cibercultura.

A interação construída entre a pesquisadora e os discentes fortaleceu o processo de construção deste trabalho. Assim, constatou-se que os sujeitos buscaram não apenas participar da pesquisa, mas interagir de maneira ativa com as aprendizagens promovidas pela esfera digital, ação essa que os colocou como atores protagonistas de eventos de leitura mediados pelas TDIC.

A itinerância no Museu Virtual de Língua Portuguesa e o estudo dos patrimônios culturais do município de Conceição do Coité fortaleceu a importância de ampliar os modos de interação com textos de diversas ordens discursivas, ideia ratificada durante todo o processo desta pesquisa, além de contribuir para a ampliação do capital cultural dos alunos e da construção de uma identidade da terra sem, contudo, desconsiderar o global. Por conseguinte, a realização desta pesquisa pautou-se nas vivências que foram estabelecidas através do diálogo, das aprendizagens construídas e da criatividade. Partindo-se desses pilares, percebeu-se que os estudantes puderam conhecer e refletir melhor sobre as potencialidades das práticas hipertextuais como movimento de cidadania e de emancipação textual.

Portanto, ressalta-se que o resultado do processo de intervenção desta pesquisa materializou-se na construção de uma *fanpage* na rede social Facebook pelos alunos. Como uma página virtual, pretende-se a atualização constante e a criação da cultura de compartilhamento e de interação com os artefatos publicados. Entretanto, entende-se que as ações foram iniciadas com vistas a promoção de diversos momentos de interação nas redes de forma multidirecional: alunos-professores-comunidade local-comunidade global. Também, possibilita que esta pesquisa produza desdobramentos com outras ações futuras que, devido ao espaço-tempo de mestrado, nem sempre são atendidas.

Por fim, as etapas de construção desta pesquisa propiciou tanto à pesquisado quando aos discentes a reflexão de que é possível potencializar práticas de leituras hipertextuais no contexto de uma escola pública estadual, localizada em uma cidade do interior da Bahia, na qual a realidade de nossos alunos perpassam por situações precárias, tais como conexão limitada à internet; falta de equipamentos tecnológicos para ampliar as práticas educativas; dupla jornada entre as práticas laboriais e as estudantis etc. Entretanto, apesar dos entraves que possam ter acontecido durante todo o processo de pesquisa, defende-se de que a escola, como agência formal de conhecimento, deve estimular o protagonismo dos estudantes para serem autômos e reflexivos em suas vivências sociais e culturais.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Aline Vieira de. **Educação na cibercultura**: uma proposta de formação humana por meio da colaboração. Dissertação de Mestrado. Universidade do estado do Rio de Janeiro. RJ, 2015.
- ALVES, Dáfní; FIGUEIREDO FILHO, Dalson; HENRIQUE, Anderson. **O Poderoso NVivo**: uma introdução a partir da análise de conteúdo. Revista Política Hoje - 2a Edição - Volume 24 - p. 119-134. Disponível em: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/3723-8175-1-PB.pdf>. Acesso em 20/04/2020.
- ALMEIDA, Elizabeth Mota Nazareth; ANECLETO, Úrsula Cunha. (Hiper)lendo na escola: potencialidades da hiperleitura para os processos de ensino e de aprendizagem de língua. In: MONTEIRO, Jean Carlos da Silva at. al. **As tecnologias digitais na construção do conhecimento de uma geração hiperconectada**. São Paulo: Mentis Abertas, 2020.
- ANDRADE, Mario Lousada de. **Literatura e games**: questões atuais do estabelecimento do campo literário. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá. Maringá – PR, 2016.
- ANICO, Marta. **A pós-modernização da cultura**: patrimônio e museus na contemporaneidade. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 71-86, jan./jun. 2005.
- ARAUJO, Julio César (org.). **Internet & Ensino**: novos gêneros, novos desafios. Rio de Janeiro: Lucerda, 2007.
- BAHIA. Jornada Pedagógica 2014. Secretaria de Educação dos Estado da Bahia.
- BELO, A. **História & livro e leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- BERGER, Isnalda; ANECLETO, Úrsula Cunha. **Memes de internet nas aulas de língua portuguesa**: ampliando o estudo dos gêneros discursivos na sala de aula. Periferia, v. 11, n. 2, p. 317-343, maio/ago. 2019
- BLOM, Philipp. **Ter e manter**: uma história íntima de colecionadores e coleções. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- BRASIL. **Base Nacional Curricular Comum (BNCC)**. Brasília: MEC, 2018.
- BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. **Remediation**: understanding new media. Cambridge: Th e MIT Press, 2000, 293 p
- BRASIL. Presidência da República. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Casa Civil/Subchefia para Assuntos Jurídicos, 1988. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 09 fev. 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Fundação Nacional Pró-Memória. **Proteção e revitalização do patrimônio cultural no Brasil**: uma trajetória. Brasília: MEC-SPHAN/Pró-Memória, 1980.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf>. Acessado em: 31 maio 2021.

BRAGA, Adriana. Netnografia: compreendendo o sujeito nas redes sociais. In: NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria; ROMÃO-DIAS, Daniela (Org.). **Qualidade faz diferença: métodos qualitativos para a pesquisa em psicologia e áreas afins**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO; São Paulo: Loyola, 2013.

BRYSON, S. **Virtual reality in scientific visualization**, Communications of the ACM, p. 62-71, vol. 39, n. 5, May, 1996.

BURBULES, NC. **Revisão de ensaios Textos digitais e o futuro da escrita e publicação acadêmica**. *Jornal de Estudos Curriculares*, 30 (1), 105-124, 1988 <https://doi.org/10.1080/002202798183792>

CAMARGO, L. S. A.. **Arquitetura da Informação para Biblioteca Digital Personalizável**. 2004. 143 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2004.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CASTELLS. M. A sociedade em rede do conhecimento à política. In: CASTELLS, M.; CARDOSO, G (Orgs). **A sociedade em rede do Conhecimento à ação política**. Imprensa Nacional: Casa da Moeda 2005.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.). **História da leitura no mundo ocidental**. Vol.1 SP: Ática, 2002.

CHAGAS, Mario de Souza. GODOY, Solange de Sampaio. Tradição e Ruptura no Museu Histórico Nacional. In: **Anais do Museu Histórico Nacional**, volume 27, Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1995, 158 p.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988.

CHARTIER, Roger. **Leitura e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo, Editora UNESP, 2004.

COPE, B. KALANTZIS, M. (Eds.) **Multiliteracies: Literacy Learning and the Design of Social Futures**. Routledge: London, 2000

COSCARELLI, Carla Viana. Espaços hipertextuais. In: **Encontro Inernacional Linguagem, Cultura e Cognição: reflexões para o ensino**. Belo Horizonte, Anais, julho, p. 1-11, 2003.

COSTA, Sérgio R. Leitura e escritura de hipertextos: implicações didático-pedagógicas e curriculares. *Veredas –*, Juiz de Fora: Edufjf, v. 4, n. 1, p. 43-49, jan./jun. 2000.

CURY, Marília Xavier. **Os usos que o público faz do museu: a (re) significação da cultura material e do museu**. *MUSAS: revista brasileira de museus e museologia*, 2004, p. 182.

FAUSTO NETO, A. *Mediatização, prática social – prática de sentido*. In: COMPÓS, 15., 2006, Bauru. **Anais...** Bauru: COMPÓS 2006.

FELINTO, Erick. **A Religião das Máquinas**: Ensaio sobre o Imaginário da Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2005.

FERREIRA, G. M. **Estudos de Comunicação**: da enunciação à mediatização. Texto (UFRGS, online), v. 37, p. 101-117, 2016.

FERRO, Ana Paula Rodrigues. **A netnografia como metodologia de pesquisa: um recurso possível**. Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós, ISSN 2179-9636, Ano 5, número 19, agosto de 2015.

FISCHER, S.R. **História da Leitura**. São Paulo: UNESP, 2006.

GAUDENCIO, MARIO. **Um olhar necessário à netnografia**. Editorial Gaudêncio, set. 2016. Disponível em: . Acesso em: 18 jan. 2021.

GALVÃO, Tais Freire; PEREIRA, Maurício Gomes. **Revisões sistemáticas da literatura**: passos para sua elaboração. Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília, 23(1):183-184, jan-mar 2014.

GASKELL, G.; BAUER, M.W. Para uma prestação de contas públicas: além da amostra, da fidedignidade e da validade. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 470-490.

GODOY, Arilda S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. In Revista de Administração de Empresas, v. 35 n.2 Mar/Abril 1995, p.57-63. Pesquisa qualitativa- tipos fundamentais, In Revista de Administração de Empresas, v. 35 n.3 Mai/Jun 1995, p. 20-29.

GOMES, L. F. **Hipertexto no cotidiano escolar**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GONZALES-VARAS, Ignacio. **Conservación de bienes culturales** Madrid: Cátedra, 2003.

HJARVARD, Stig. The mediatization of society: A theory of the media agents of social and cultural change, **Nordicom Review**, v. 29, p. 105-134, 2008.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia de educação patrimonial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

KAMENETZ, A. **DIY U: Edupunks, Edupreneurs and the Coming Transformation of Higher Education**. **White River Junction**: Chelsea Green, 2010.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

KOZIEL, Elenice. **Práticas de leitura na cibercultura e a Formação do leitor do leitor crítico**: FANDON e Transmidialidade. Dissertação do Programa de Pós- Graduação de Letras da Universidade Estadual do Maringá (UEM), 2015.

KOZINETTS, Robert. V. **Netnografia**: Realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 1997.

KOZINETTS, R. **Nethnography**: doing ethnographic research online. Online Communities. Net. (2014). Disponível em: <<http://www.nyu.edu/classes/bkg/methods/netnography.pdf>>. Acesso em 23/05/2020.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **A formação da leitura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

LAPERRIÈRE, A. Os critérios de cientificidade dos métodos qualitativos. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 410-436.

LEMOS, M. **Redes sociais não são playground**. Disponível em: <<http://www.pensoemtudo.com.br/2009/10/redes-sociais-nao-sao-playground/>>. Acesso em: 22 fev. 2011.

LEMOS, André. Cibercultura, cultura e identidade. Em direção a uma “Cultura Copyleft”? **Contemporanea**, vol.2, no 2 p 9-22 Dez 2004, p. 9-22.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual**. Rio de Janeiro: 34, 1996.

LÉVY, Pierre. **Tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Tradução Carlos Irineu da Costa. 15 reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2008.

LÉVY, Pierre. **Inteligência coletiva**: para uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 2007.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Cristina Maria Garcia de; et. Al. **Pesquisa etnográfica**: iniciando sua compreensão. Rev. Latino-Am. Enfermagem [online]. 1996, vol.4, n.1, p.21-30.

MACHADO, D. Q.; IPIRANGA, A. S. R.; MATOS, F. R. N. **Das redes sociais às redes interorganizacionais**: a evolução das abordagens cooperativas na sociedade em rede. Revista Brasileira de Administração Científica, Aquidabã, v. 4, n. 1, p. 79_103, 2013.

MALTEMPI, M. V. **Construção de Páginas Web**: depuração e especificação de um ambiente de aprendizagem. 2000. 186 p. Tese (Doutorado em Engenharia Elétrica)– Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação, Universidade Estadual de Campinas, 2000.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da Leitura**. São Paulo: Companhia da Letras, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. (Série Dispersos).

MARQUES, J.G. Museus locais conservação e produção da memória coletiva. **Revista Vox Musei arte e patrimônio**. Parnaíba, v. 1, n. 2, p. 235-246, 2013.

MARTINO, L. M. S. **Teoria das mídias digitais**. Petrópolis: Vozes, 2014.

MARTINS, T. M. O. **A netnografia como metodologia para conhecer o trabalho de professores da cultura digital**, 2012. Disponível em:

<<http://jovensemrede.files.wordpress.com/2012/02/tatiane-marques-de-oliveira-martins-anetnografia-como-metodologia-para-conhecer-o-trabalho-de-professores-da-cultura-digitaltexto.pdf>>. Acesso em: 23/05/2020.

MCKENZIE, J. Building a virtual community. In: BEARMAN, D.; TRANT, J. (Ed.). **Museums And The Web**, Selected Papers From Museums And The Web. Pittsburgh, PA: Archives & Museum Informatics, 1997. p. 77-86.

MENEZES DE SOUZA, L.M.T.. O professor de inglês e os letramentos no século XXI: método ou ética? In: JORDÃO, C. M.; MARTINEZ, J. Z.; HALU, R. C. (Orgs.). **Formação “Desformatada”**: práticas com professores de língua inglesa. Campinas: Pontes, 2011. p. 279-303.

MONTE MÓR, W. **Sociedade da escrita e sociedade digital**: línguas e linguagens em revisão. In: TAKAKI, N. H.; MONTE MÓR, W. (org.). Construções de sentido e letramento digital crítico na área de línguas/linguagens. Campinas: Pontes Editores, 2018. p. 267-286.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

MORÍN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

NELSON, M. R.; OTNES, C. C. Exploring cross-cultural ambivalence: a netnography of intercultural wedding message boards. **Journal of Business Research**, v. 58, n. 1, p. 89-95, 2005.

NAKOU, Irene. **Museus e Educação Histórica numa realidade contemporânea em transição**. Educar, Curitiba, Especial, p. 261-273, Editora UFPR, 2006.

NORMANDE, Naara Lima. **Estado da arte das narrativas multimídias**: análise de produções premiadas e casos ilustrativos. Dissertação. UFBA. Salvador-Ba, 2014.

NOVELI, M. Do off-line para o online: a netnografia como um método de pesquisa ou o que pode acontecer quando tentamos levar a etnografia para a Internet? **Organizações em Contexto**, v.6, n.12, p.107-133, 2010. Disponível em: Acesso em: 29 mai.2021.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **Cultura e patrimônio**: um guia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. 192 p.

PATTON, Michael Quinn. **Qualitative evaluation and research methods**. 3rd ed. Thousand Oaks, CA: Sage Publications. 2002.

PIMENTEL, K. & TEIXEIRA, K. **Virtual reality** - through the new looking glass. 2.ed. New York, McGraw-Hill, 1995.

PINHEIRO, Daniel Silva. **Potencialidades dos recursos educacionais abertos para a educação formal em tempo de Cibercultura**. Dissertação. UFBA. Salvador-Ba, 2014.

RAMOS, A. K. S. **Bullying**: A violência tolerada na escola. 2008. Disponível em <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/802-4.pdf>>. Acesso em 20/05/2020.

REZENDE, L. M. O. **Atividade Epilinguística e o Ensino de Língua Portuguesa**. Revista do GEL. São José do Rio Preto, 2008.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, A. E. **Navegar lendo, ler navegando**: aspectos do letramento digital e da leitura de jornal. Belo Horizonte, UFMG, 2008 (Tese de Doutorado).

ROCHA, Paula Jung; MONTARDO, Sandra Portella. **Netnografia**: incursões metodológicas na cibercultura. E-Compós, v. 4, p. 1-22, dez. 2005. Disponível em: . Acesso em: 31 out. 2016.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. **Matrizes da linguagem e pensamento**: sonora, visual, verbal. São Paulo: Iluminuras/Fapesp, 2001.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007. 468p. ISBN 9788534927659.

SANTAELLA, Lucia. **Gêneros discursivos híbridos na era da hipermídia**. 2013. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/bak/v9n2/a13v9n2.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

SANTOS, Carmi Ferraz. E-Forum na internet: um gênero digital. In: ARAÚJO, Júlio César; BIASI-RODRIGUES, Bernadete (Org.). **Interação na internet**: novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. 1ª edição 2009. Edufpi. Universidade Federal do Piauí. PI.

SANTOS, Jonas Martins dos. **Letramento Informacional e dispositivos móveis como instrumento de combate à desinformação na Educação Básica**. Dissertação. UNEB. 2019.

SCHEINER, Teresa Cristina Moletta. **Apolo e Dionísio no templo das musas**. Museu: gênese, idéia e representações na cultura ocidental. Dissertação (Mestrado). 1998. Escola de Comunicação/UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação**: criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SILVA, Suelen de Aguiar. **Desvelando a Netnografia**: um guia teórico e prático. Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun., São Paulo, v. 38, n. 2, p. 339- 342, dez. 2015. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/interc/v38n2/1809-5844-interc-38-02-0339.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2021.

SNYDER, I. Beyond the hype: reassessing hypertext. In: SNYDER, Ilana. **Page to Screen**: taking literacy into the electronic era. London and New York: Routledge, 1998.

SOUZA, Michele Cristine Silva de. **Pesquisa Colaborativa por meio webquests**: Refletindo sobre a formação do hiperleitor. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro: Seropédica, 2015.

SOUZA, João Paulo Santos de. **Recursos Educacionais Abertos Digitais**: experiência para a formação dos estudantes pesquisadores na Educação Básica. Dissertação. UNEB. 2019.

STRÖMBACK, J. Four phases of mediatization: an analysis of the mediatization of politics. **International Journal of Press/Politics**, Thousand Oaks, v. 13, n. 3, p. 228-246, 2008.

SUANO, Marlene. **O que é Museu**. Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense S. A, 1986.

TRIVINHOS, A. N. da S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2008.

VIDOTTI, S. A. B. G.; SANCHES, S. A. S. **Arquitetura da Informação em Websites**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECAS DIGITAIS, 2., 2004, Campinas. Anais eletrônico. Campinas: Unicamp, 2004.

XAVIER, Antônio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.). **Hipertextos e gêneros digitais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

XAVIER, Heráclito Santos Martins. **Práticas de multiletramentos e formação de docente**: aplicativos pedagógicos na potencialização da leitura e da produção textual. Dissertação. UNEB. 2019.

ZAPPONE, M.; SCRAMIM, C. G., & SOUZA, F. de. **O PNBE no contexto de uma pequena história de propostas governamentais de leitura**. Anais do Congresso de Leitura do Brasil, Campinas, SP, Brasil, 14. 1 CD-ROM, 2003.

APÊNDICES – QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA EXPLORATÓRIA

20/08/2021

Cá entre nós!

Cá entre nós!

Flor do Lácio Sambódromo Lusamérica latim em pó

O que quer

O que pode esta língua?

(Poesia Língua - Caetano Veloso)

*Obrigatório

1. E-mail *

Este questionário tem como objetivo realizar uma pesquisa exploratória para o projeto do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade, que tem como tema o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), como meios potencializadores de novas práticas de leitura. Tal pesquisa, contará com vocês, estudantes, como sujeitos colaboradores e cocriadores que, em parceria com a pesquisadora, construirão através do diálogo, propostas que permearão o processo de construção dessa pesquisa. Vale ressaltar que, todo o processo de pesquisa se norteará a partir dos princípios éticos que perpassam pelos trabalhos realizados com seres humanos. Portanto, toda e qualquer divulgação de dados só será realizada com a permissão prévia dos atores protagonistas da pesquisa.



20/08/2021

C4 entre nós!

2. E-mail *

3. Sexo *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino

4. Estudante (nome como deseja ser identificado na pesquisa) *

5. Qual é a sua turma? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2º A
- ☐ 2º B

6. Localidade em que mora? *

20/08/2021

Cá entre nós!

7. Qual é a sua idade? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 14-17
- ☐ 18-21
- ☐ Acima de 21

8. Com quem você mora? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sozinho (a)
- ☐ Com familiares
- ☐ Cônjuge
- ☐ Outro: _____

9. Você tem filho/a ? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

10. Dos aparatos tecnológicos mencionados a seguir , qual ou quais você costuma usar? *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Computador
- ☐ Tablet
- ☐ Celular
- ☐ Nenhum

Outro: ☐ _____

20/08/2021

Cá entre nós!

11. Sobre o aparato tecnológico mencionado na questão anterior, é apenas para seu uso pessoal ou necessita compartilhar com alguém? *

12. Que tipo de internet você costuma utilizar? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Nenhuma
- ☐ Banda larga
- ☐ Dados móveis
- ☐ Banda larga e dados móveis

13. Para quais atividades cotidianas você costuma fazer uso da internet? *

14. Como você se sente em meio a pandemia que estamos vivenciando? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Tranquilo (a)
- ☐ Pouco ansioso (a)
- ☐ Muito ansioso (a)
- ☐ Não quer opinar

20/08/2021

Cé entre nós!

15. Você tem vivenciado alguma situação difícil em relação à pandemia? Qual(is)? *

Marque todas que se aplicam.

☐ Não se aplica

☐ Financeira

☐ Familiar

Outro: ☐ _____

16. Você ou algum parente seu faz parte do grupo de risco da COVID19? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

17. Como você avalia o uso das Tecnologias Digitais (TD) nas atividades realizadas no espaço escolar?

Marcar apenas uma oval.

☐ Ruim

☐ Bom

☐ Regular

☐ Ótimo

18. Você costuma fazer leituras em aparatos tecnológicos?

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

20/06/2021

Cá entre nós!

19. Qual ou quais dos meios digitais que você utiliza para realizar leituras?

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Celular
☐ Tablet
☐ Computador
☐ Outros

20. Você costuma discutir sobre o que ler em espaços virtuais?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
☐ Não

21. Você já esteve em algum museu físico?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
☐ Não

22. Você já fez alguma visita a um museu virtual?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
☐ Não

20/08/2021

Cé entre nós!

23. Em caso de afirmativa à questão anterior, que sensação sentiu ao adentrar em um museu virtual?

24. Você gostou da experiência de ter participado do projeto Estudo Patrimonial Artístico (EPA)?

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

25. Escreva sobre sua participação no projeto estruturante (EPA).

26. O espaço abaixo é destinado observações, caso você queira pontuar!

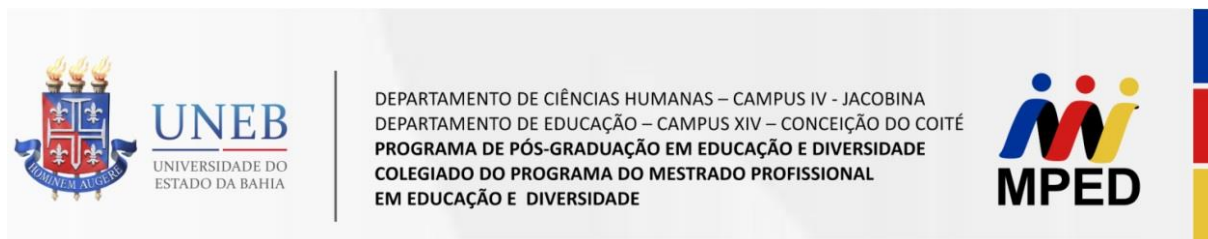
20/08/2021

Cá entre nós!

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

ANEXOS - TCLE



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS, CONFORME
RESOLUÇÃO Nº 466/12, DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: Novack Nueli Cunha Oliveira

Documento de Identidade nº: 05.312.480-46 SSP/BA.

Data de Nascimento: 07/08/1973.

Endereço: Rua José Rufino dos Santos, nº 128. Complemento: Casa.

Bairro: Pouso Feliz Cidade: Conceição do Coité/BA CEP: 48.730-000.

Telefone: (75) 991464268

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. **TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:** Formação de Leitores e Cibercultura: o Projeto Estruturante EPA como Estratégia para Práticas Hipertextuais no Ensino Médio.
2. **PESQUISADOR RESPONSÁVEL:** Novack Nueli Cunha Oliveira.

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

Prezado(a) Senhor(a),

3. O (a) senhor(a) está sendo convidado(a) para participar da pesquisa:” Formação de Leitores e Cibercultura: o Projeto Estruturante EPA como Estratégia para Práticas Hipertextuais no Ensino Médio, que tem como temática a discussão sobre práticas leitoras na cibercultura por

alunos do Ensino Médio. Tem como objeto de estudo o projeto estruturante Educação Patrimonial e Artística (EPA) como meio de potencializar estratégias para práticas de leitura hipertextuais.

A escolha por esse objeto de pesquisa se deu devido à necessidade de se trabalhar com estratégias e eventos de leitura que corroborem com uma maneira de perceber os textos em toda sua amplitude de materialização, como também, possibilitar aos discentes do Colégio Estadual Professora Olgarina Pitangueira Pinheiro, situado no município de Conceição do Coité, no Estado da Bahia interpretarem criticamente a diversidade de hipertextos críticos e reflexivos no espaço escolar, levando-se em conta potencialidades socioculturais da cultura tecnológica e dos projetos já pertencentes à escola.

Caso o(a) senhor(a) aceite, o projeto acontecerá a partir dos seguintes dispositivos de pesquisa: o questionário *online* elaborado pela plataforma Google Forms, para a inserção da pesquisadora Novack Nueli Cunha Oliveira no campo de pesquisa. Tal questionário será respondido pelos cocriadores da pesquisa. As respostas aos questionários servirão para conhecer melhor os sujeitos da pesquisa em relação a suas vivências nos espaços da cibercultura e nos espaços escolares; conhecimento e participação no projeto estruturante EPA; contextos de navegação pelas redes digitais; dificuldades e facilidades que possuem quando utilizam as TDIC, entre outras informações.

Após a análise das informações construídas na pesquisa exploratória, para a intervenção, serão organizados minicursos que versem sobre a temática proposta nesta pesquisa. Os minicursos foram escolhidos por serem mecanismos relevantes na construção das informações, no sentido de, ao mesmo tempo em que os discentes participam de uma formação e se autoformam, refletem sobre as ações.

Segundo Moreira (2002, p. 52), a pesquisa participante é “[...] uma estratégia de campo que combina ao mesmo tempo a participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas informais e análise documental”. Vale salientar que o objetivo maior da pesquisadora será interagir com os sujeitos que também são atores no espaço escolar (discentes), assim como compartilhar suas preocupações e experiências de vida, suas itinerâncias tanto nas práticas escolares, a partir do EPA, e em ambientes virtuais; sua relação com aspectos histórico-culturais do país, do estado da Bahia e do município onde residem etc., tendo como espaço para essas reflexões o museu virtual.

Durante os minicursos, serão realizadas rodas de conversa com os participantes da pesquisa, no sentido de proporcionar um diálogo de aproximação entre a pesquisadora e os sujeitos visando à

construção de relações sólidas e confiáveis entre os atores protagonistas deste estudo. As rodas de conversa promoverão espaços para a produção e a ressignificação de conhecimentos e de sentidos dos textos que circulam no ciberespaço, a partir das experiências dos atores da pesquisa antes e depois das itinerâncias nos MV.

As informações e observações que serão vivenciadas nas rodas de conversa, assim como a interação entre os membros, construídas entre os sujeitos durante o processo da pesquisa, serão gravadas, com a anuência dos participantes, para posterior análise das informações e fonte de pesquisa e pelo próprio grupo. Para a análise das informações construídas, pretende-se, também, utilizar o *software* Nvivo: um programa para análise de informação qualitativa que integra as principais ferramentas para o trabalho com documentos textuais, multimétodo e dados bibliográficos (ALVES; FIGUEIREDO FILHO; HERNRIQUE, 2004).

Devido ao levantamento de informações, (a)o senhor(a) poderá vivenciar possíveis acontecimentos, como: mudança em sua rotina, timidez ao falar de questões relacionadas ao tema, em virtude da publicização dos resultados, mesmo mantendo-se a ética e o sigilo sobre seus nomes.

O processo de investigação será conduzido por Novack Nueli Cunha Oliveira, para fins de elaboração de dissertação, enquanto mestrande do curso de Mestrado Profissional em Educação e Diversidade, da Universidade do Estado da Bahia, Campus XIV, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Úrsula Cunha Anecleto. Reiteramos que no processo da proposta qualquer sujeito envolvido, caso sinta-se desconfortável, poderá recusar-se a participar e retirar-se da mesma sem dano algum. Manteremos a identidade sob sigilo atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações disponibilizadas somente para fins acadêmicos. Sua participação será voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você, participante da pesquisa. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados por um período de 5 (cinco) anos, com o pesquisador responsável, e após esse tempo serão destruídos.

Em caso de concordância com as considerações expostas, solicitamos que assine este “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” no local indicado abaixo. Desde já agradeço sua colaboração e me comprometo com a disponibilização à instituição dos resultados obtidos nesta pesquisa, tornando-os acessíveis a todos os participantes.

IV. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS:

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Novack Nueli Cunha Oliveira. **Endereço:** Rua José Rufino dos Santos, nº 128. Complemento: Casa.

Bairro: Pouso Feliz Cidade: Conceição do Coité/BA CEP: 48.730-000.

Telefone: (75) 991464268.

E-mail: novinhacunha@hotmail.com

ORIENTADORA: Úrsula Cunha Anecleto. **Endereço:** Rua Donizete Carvalho, nº 245, Feira de Santana-BA. **Telefone:** (75) 99121-5900. **E-mail:** ursula.cunha43@gmail.com.

Comitê de Ética em Pesquisa - CEP/UNEB: **Endereço:** Avenida Engenheiro Oscar Pontes, s/n, antigo prédio da Petrobras, 2º andar, sala 23, Água de Meninos, Salvador- BA. CEP: 40460-120. Tel.: (71) 3312-3420, (71) 3312-5057, (71) 3312-3393 ramal 250, e-mail: cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP: **Endereço:** SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO, 700, 3º andar – Asa Norte, CEP: 70719-040, Brasília-DF.

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador sobre os objetivos, benefícios da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa Formação de Leitores e Cibercultura: o Projeto Estruturante EPA como Estratégia para Práticas Hipertextuais no Ensino Médio, e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade. Como voluntário, consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos, desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a mim.

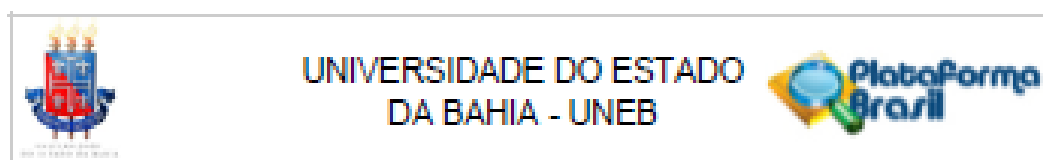
Conceição do Coité /BA, ____ de _____ de _____.

Participante da pesquisa

Pesquisador discente

Pesquisadora Responsável

ANEXOS – PARECER CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: FORMAÇÃO DE LEITORES E CIBERCULTURA: O PROJETO ESTRUTURANTE EPA COMO ESTRATÉGIA PARA PRÁTICAS HIPERTEXTUAIS NO ENSINO MÉDIO

Pesquisador: Novack Nuell Cunha Oliveira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 38565020.9.0000.0057

Instituição Proponente: Universidade do Estado da Bahia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.309.421

Apresentação do Projeto:

O projeto intitulado **FORMAÇÃO DE LEITORES E CIBERCULTURA: O PROJETO ESTRUTURANTE EPA COMO ESTRATÉGIA PARA PRÁTICAS HIPERTEXTUAIS NO ENSINO MÉDIO**, da pesquisadora Novack Nuell Cunha Oliveira, tem como temática a discussão sobre práticas leitoras na cibercultura por alunos do Ensino Médio. Tem como objeto de estudo o projeto estruturante Educação Patrimonial e Artística (EPA) como meio de potencializar estratégias para essas práticas de leituras hipertextuais, a partir das novas formas e maneira de ler novos formatos textuais, dentre eles, artefatos de linguagem presentes nas homepages do museu virtual de Língua Portuguesa, como forma de tornar os sujeitos autônomos em suas escolhas de leitura. Dessa maneira, o trabalho apresenta a seguinte questão norteadora: como o trabalho em sala de aula com hipertextos, a partir da homepage do Museu Virtual de Língua Portuguesa, contribui para a formação do hiperleitor? Tem como objetivo compreender como o trabalho com a leitura na esfera digital, a partir de hipertextos presentes na homepage do Museu Virtual de Língua Portuguesa, pode ampliar a formação de leitores críticos e reflexivos de textos multissemióticos. A escolha pelo objeto se deu devido à necessidade de se trabalhar com estratégias e eventos de leitura que corroborem com uma maneira de perceber os textos em toda sua amplitude de materialização, pois esses se apresentam de forma múltipla e vão além da cultura grafocêntrica. Possuem características que podem produzir diversão, informação e produção de conhecimento, também de

Endereço: Rua Silveira Martins, 2665
 Bairro: Canela CEP: 41.125-001
 UF: BA Município: SALVADOR
 Telefone: (71)3117-2399 Fax: (71)3117-2399 E-mail: cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 4.309-421

forma lúdica. Teoricamente, o estudo está embasado nas abordagens que fundamentam os estudos sobre a formação do hiperleitor, a historização da leitura e leitura em contextos virtuais, concepção de hipertexto, cibercultura e aspectos dos textos digitais. Como percurso metodológico, optou-se por uma abordagem qualitativa com método etnográfico, por esse caracterizar-se como uma metodologia que estuda os fenômenos e as relações, advindas da cultura digital. Os participantes da pesquisa são estudantes da terceira série do Ensino Médio, do Colégio Estadual Professora Olgarina Pitanguela Pinheiro.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender como o trabalho com a leitura na esfera digital, a partir de hipertextos presentes na homepage do Museu Virtual de Língua Portuguesa, pode ampliar a formação de leitores críticos e reflexivos de textos multissemióticos.

Objetivo Secundário:

Possibilitar aos discentes interpretar criticamente textos da esfera digital como meio para a formação de leitores críticos e reflexivos para uma vida cidadã;

Potencializar o diálogo dos alunos com hipertextos, a partir de uma estética tecnológica presente no museu virtual; discutir sobre a importância das diferentes linguagens para o fortalecimento das experiências leitoras cotidianas e, portanto, das práticas culturais e patrimoniais dos alunos;

Produzir com os sujeitos da pesquisa um acervo online sobre o Território de Identidade do Sisal.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e benefícios estão assim apresentados:

Riscos:

Os participantes poderão vivenciar possíveis riscos, como: interferência em sua rotina, constrangimento ao falar de questões relacionadas ao tema em virtude da publicização dos resultados, mesmo mantendo-se sigilo sobre seus nomes e, desinteresse pela proposta como sujeito colaborador.

Benefícios:

Os sujeitos da pesquisa terão a oportunidade de conhecer e vivenciar novas práticas de leitura e, conseqüentemente tornarem-se indivíduos críticos e reflexivos.

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

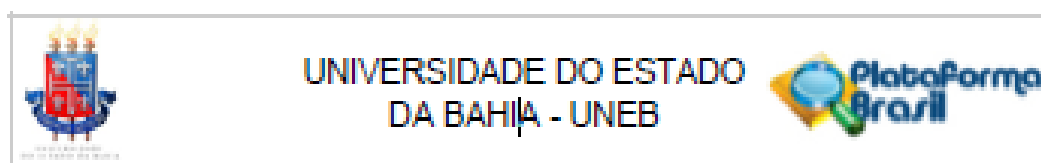
UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2300

Fax: (71)3117-2300

E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 4.309-021

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa com temática atual e relevante para o contexto educacional

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados em consonância

Recomendações:

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto. Conforme cronograma anexado, este parecer tem validade até 30/03/2021.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PE_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1626156.pdf	28/09/2020 08:20:44		Acelto
Outros	_Termo_.pdf	28/09/2020 08:07:15	Novack Nueli Cunha Oliveira	Acelto
Declaração de concordância	Declaracao_de_concordancia.pdf	28/09/2020 08:05:50	Novack Nueli Cunha Oliveira	Acelto
Outros	termo_de_autorizacao_institucional.	23/09/2020	Novack Nueli	Acelto

Endereço: Rua Silveira Martins, 2655

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 4.209-421

Outros	_pdf	10:07:13	Cunha Oliveira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	_Projeto_.docx	23/09/2020 09:11:38	Novack Nuell Cunha Oliveira	Aceito
Outros	_confidencialidade_.pdf	23/09/2020 08:38:11	Novack Nuell Cunha Oliveira	Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	_compromisso_.pdf	21/09/2020 12:06:43	Novack Nuell Cunha Oliveira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	_TCLE_.doc	21/09/2020 11:57:00	Novack Nuell Cunha Oliveira	Aceito
Folha de Rosto	_Folha_.pdf	14/09/2020 15:09:10	Novack Nuell Cunha Oliveira	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 30 de Setembro de 2020

Assinado por:
Aderval Nascimento Brito
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.125-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2339

Fax: (71)3117-2339

E-mail: cepuneb@uneb.br